



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

**ANÁLISE ENTOACIONAL E CONSTRUCIONAL DAS CONSTRUÇÕES
CONDICIONAIS INSUBORDINADAS ADVERSATIVAS NO PORTUGUÊS
DO BRASIL**

SÃO CARLOS
2022



Universidade Federal de São Carlos

Camila Pires Alves

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

ANÁLISE ENTOACIONAL E CONSTRUCIONAL DAS CONSTRUÇÕES
CONDICIONAIS INSUBORDINADAS ADVERSATIVAS NO PORTUGUÊS DO
BRASIL

CAMILA PIRES ALVES
Fapesp

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale

Co-orientador: Prof. Dr. Pablo Arantes

São Carlos – São Paulo – Brasil
2022

Alves, Camila Pires

Análise entoacional e construcional das construções condicionais insubordinadas adversativas no português do Brasil / Camila Pires Alves -- 2022.
139f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Flavia Bezerra de Menezes Hirata-Vale
Banca Examinadora: Cristiane Conceição Silva, Caroline Carnielli Biazolli, Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale
Bibliografia

1. Linguística . 2. Orações insubordinadas . 3. Entonação
. I. Alves, Camila Pires. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

CAMILA PIRES ALVES

ANÁLISE ENTOACIONAL E CONSTRUCIONAL DAS CONSTRUÇÕES
CONDICIONAIS INSUBORDINADAS ADVERSATIVAS NO PORTUGUÊS DO
BRASIL

Banca examinadora:

Profa. Dra. Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale
Orientadora e Presidente
(Universidade Federal de São Carlos– UFSCAR)

Prof. Dr. Pablo Arantes
Co-orientador
(Universidade Federal de São Carlos– UFSCAR)

Profa. Dra. Cristiane Conceição Silva
Membro Titular
(Universidade Federal de Santa Catarina– UFSC)

Profa. Dra. Caroline Carnielli Biazolli
Membro Titular
(Universidade Federal de São Carlos– UFSCAR)

Profa. Dra. Taísa Peres de Oliveira
Membro Suplente
(Universidade Federal do Mato Grosso do Sul– UFMS)

Profa. Dra. Rosa Yokota
Membro Suplente
(Universidade Federal de São Carlos– UFSCAR)

São Carlos, 18 de julho de 2022.

Resultado: _____



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Camila Pires Alves, realizada em 18/07/2022.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Flavia Bezerra de Menezes Hirata Vale (UFSCar)

Profa. Dra. Cristiane Conceição Silva (UFSC)

Profa. Dra. Caroline Carnielli Biazolli (UFSCar)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Aos meus queridos pais,
pessoas as quais devo, eternamente, toda a
minha gratidão.

AGRADECIMENTOS

Concluir um trabalho de mestrado em tempos sombrios de pandemia e em meio a tantos retrocessos sociais e políticos é como vencer uma guerra. Essa guerra, entretanto, jamais poderia ter sido vitoriosa sem a ajuda dos meus aliados. Portanto, agradeço, de modo muito especial:

A Deus, dono de toda a ciência, fonte inesgotável de amor e misericórdia.

A minha família, meus pais e meus irmãos, por nunca me desampararem e por serem, em todos os momentos, o meu alicerce.

A minha orientadora Flávia, mulher que me inspira por sua inteligência, competência e humanidade; mulher que, além de me ensinar tanto, me apresentou um mundo repleto de oportunidades; mulher que, de uma forma tão bonita, mudou todo o percurso da minha história pessoal e acadêmica.

Ao meu co-orientador Pablo, também pelo exemplo de competência e profissionalismo. Agradeço imensamente pelo seu acompanhamento, por ter aceitado o desafio do nosso trabalho e por ter sido sempre paciente com o meu processo de aprendizagem sobre esse “universo” que é a prosódia.

À professora Renata Enghels, por me acolher duas vezes na Universidade de Gante (UGent), na Bélgica, e pelas discussões frutuosas que auxiliaram na construção deste trabalho.

Às professoras Caroline Carnielli Biazolli e Cristiane Conceição Silva, pela leitura tão atenta e por todas as sugestões que muito contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos integrantes do Grupo de Estudos SócioFuncionalistas (GESF) e do Grupo de Estudos Funcionais e Discursivos (FunD), pelas discussões e por todos os ensinamentos que obtive durante os nossos encontros.

A todos os voluntários desta pesquisa, que literalmente deram vozes as “minhas CCIs adversativas”. Sem essas pessoas, este trabalho jamais apresentaria uma análise entoacional.

Ao Timotej Brunšek, por ter sido meu companheiro durante todo esse percurso.

Aos meus queridos amigos Barbara, Mariane, Edi, Leonardo, Juliana, Camila, Hingrid, Renata, Amanda, Wai Liy e Pati, pela preocupação, pelos risos, pelos choros e por terem sido meus comparsas em diversos momentos.

À CAPES, pelos meses de bolsa outorgada no ano de 2020 (processo 88887.499212/2020-00).

À FAPESP, pela concessão da bolsa de estudo no país (processo nº 2020/02513-9), no período de 2020 a 2022 e pela bolsa no exterior BEPE-FAPESP (processo nº 2021/06676-2), concedida entre agosto e dezembro de 2021, período em que realizei um estágio na Bélgica.

*Todos esses que aí estão
Atravancando meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!*

Poeminho do Contra– Mario Quintana

RESUMO

O fenômeno da “insubordinação” (EVANS, 2007) é definido como o uso de construções que, ainda apresentando alguma marca de subordinação, são empregadas de maneira independente, sem estarem subjugadas a uma oração principal. Isso posto, o objetivo primordial deste trabalho é oferecer uma análise entoacional, em perspectiva construcional (LANGACKER, 2008; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), das construções condicionais insubordinadas encabeçadas por “se” com valor adversativo no português do Brasil. Logo, o significado adversativo dessas construções é entendido como o resultado da correlação de propriedades formais e funcionais, inclusive o aspecto entoacional. Ainda que as Gramáticas de Construções defendam a interdependência dos níveis linguísticos, a prosódia é pouco contemplada tanto em pesquisas pautadas nessa abordagem como em estudos acerca das construções insubordinadas. Em contrapartida, neste trabalho, descreve-se a entoação dessas construções, partindo de *corpora ad hoc* composto por construções condicionais insubordinadas adversativas e prótases condicionais subordinadas de mesma estrutura lexical. As análises demonstraram que as condicionais insubordinadas adversativas não apresentam um padrão entoacional homogêneo. Contudo, os padrões entoacionais identificados assinalam uma função prosódica de proeminência que atesta o significado contrastivo e de retificação dessas construções, ao passo que as distinguem de outros tipos de condicionais insubordinadas (HIRATA-VALE, 2015; SILVESTRE, 2017). Por meio da comparação entre as condicionais insubordinadas adversativas e as prótases condicionais subordinadas, comprovou-se que, nesses casos, a entoação funciona como o único traço diferenciador entre esses dois tipos de construção. Em perspectiva sincrônica, essas condicionais insubordinadas adversativas foram também submetidas a uma descrição construcional, em conformidade com os parâmetros de composicionalidade, produtividade e generalidade/esquematicidade (LANGACKER, 2008; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), com o intuito de compreender as especificidades formais e funcionais dessas estruturas. Para esse fim, criou-se um *corpus* de dados extraídos de dois *corpora*, o Corpus do Português (CdP), disponível *online*, e o C-Oral (RASO; MELLO, 2012) a partir da descrição morfossintática e semântico-pragmática realizada por Alves e Hirata-Vale (2020, 2021) sobre essas estruturas. Como resultado, essas construções se mostraram menos composicionais, pois a leitura adversativa é mapeada pela correlação das subpartes dessas construções; são ainda parcialmente esquemáticas, pois têm uma parte a ser preenchida e outra parte fixa; e, por fim, são produtivas, pela expansão de seus subesquemas. Assim, mediante este estudo, espera-se demonstrar as contribuições originadas da incorporação do nível prosódico em pesquisas de cunho cognitivo-funcional e inaugurar esse tipo de análise sobre as construções condicionais insubordinadas de valor adversativo no português do Brasil.

Palavras-chave: Insubordinação; Condicionais insubordinadas; Entoação; Gramática de construções; Sincronia.

ABSTRACT

The phenomenon of "insubordination" (EVANS, 2007) is defined as the use of constructions that have some degree of subordination but are used independently without being subordinated to a main clause. Thus, the main objective of this work is to provide an intonational analysis from a constructional perspective (LANGACKER, 2008; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) of conditional insubordinate constructions headed by "se" with adversative value in Brazilian Portuguese. Therefore, the adversative meaning of these constructions is understood as the result of the correlation of formal and functional properties, including the intonational aspect. Although Constructions Grammars defend the independence of linguistic levels, prosody is little considered both in research based on this approach and in studies of insubordinate constructions. In this dissertation, on the other hand, the intonation of these constructions is described, starting from an *ad hoc* corpora consisting of insubordinate adversative conditional constructions and conditional protases of the same lexical structure. The analyzes showed that the insubordinate adversative conditional constructions do not have a homogeneous intonation pattern. However, the identified intonation patterns indicate a prosodic function of prominence that proves the contrastive meaning of these constructions and distinguishes them from other types of insubordinate constructions (HIRATA-VALE, 2015; SILVESTRE, 2017). By comparing insubordinate adversative conditional constructions and subordinating conditional protases, it was proved that in these cases intonation acts as the only distinguishing feature between these two types of constructions. In a synchronic perspective, the insubordinate adversative conditional constructions were also subjected to a constructional description, according to the parameters of compositionality, productivity, and generality/schematicity (LANGACKER, 2008; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), in order to understand the formal and functional specificities of these structures. For this purpose, a data *corpus* was created from two corpora, the *Corpus do Português* (Cdp), available online, and the *C-Oral* (RASO; MELLO, 2012), and the morphosyntactic and semantic-pragmatic description carried out by Alves and Hirata-Vale (2020, 2021) on these structures was also adopted. As a result, these constructions were less compositional, since the adversative meaning is mapped by the correlation of the subparts of these constructions; they are partially schematic, since they have a part that needs to be filled in and another part that is fixed; and finally, they are productive, through the expansion of their subschemata. The purpose of this study, then, is to show the contributions that arise from the inclusion of the prosodic level in studies of a cognitive-functional nature, and to introduce this type of analysis of conditional insubordinate constructions with adversative value in Brazilian Portuguese.

Keywords: Insubordination; Insubordinate conditionals; Intonation; Construction Grammar; Synchrony.

Lista de Figuras

Figura 1: Modelo da estrutura simbólica da construção.	59
Figura 2: Demonstração da segmentação dos áudios analisados (CCI Adversativa).....	97
Figura 3: Demonstração da segmentação dos áudios analisados (Construções subordinadas)....	97

Lista de Quadros

Quadro 1: As funções das orações subordinadas.....	28
Quadro 2: Quadro de estágios de insubordinação.....	29
Quadro 3: As dimensões da construção.....	60
Quadro 4: Organização hierárquica do sistema linguístico.....	62
Quadro 5: Diálogos para obtenção do primeiro <i>corpus</i> de CCIs adversativas.....	88
Quadro 6: Roteiro para formação dos dados de construções subordinadas.....	89
Quadro 7: Diálogos para a formação do segundo <i>corpus</i> de CCIs adversativas.....	90
Quadro 8: Perfil dos informantes.....	92
Quadro 9: Demonstração da forma de segmentação de intervalos das amostras.....	96

Lista de Tabelas

Tabela 1: Dados estatísticos (medidas de tendência central) da idade dos informantes.	93
Tabela 2: Frequência de uso dos types das CCI's adversativas.....	123

Lista de Gráficos

Gráfico 1: Análise da F0 do primeiro grupo de participantes.	101
Gráfico 2: Análise da F0 das CCIs adversativas do segundo grupo.....	104
Gráfico 3: Representação gráfica da porcentagem de <i>tokens</i> por subesquema.	122
Gráfico 4: Representação gráfica da frequência de uso dos <i>types</i> das CCIs adversativas.	124

Lista de Abreviaturas e Siglas

ADVER – Adversativa

CCI – Construção Condicional Insubordinada

CdE – *Corpus* do Espanhol

CdP – *Corpus* do Português

CONJ – Conjunção

dB – Decibel

DCT – *Discourse-Completion Task*

F0 – Frequência Fundamental

GCI – Implicatura Conversacional Griceniana

HZ – Hertz

INTERJ – Interjeição

J – Variação de tipos de orações

(p) – Prótase

PB – Português brasileiro

PE – Português europeu

PRON Inter – Pronome interrogativo

P_TOBI – *Tone and Break Indices* adaptado para o português

(q) – Apódose

Sp – *Speaker* (Falante)

St – *Situation* (Contexto)

TOBI – *Tone and Break Indices*

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

V – Verbo

V IND – Verbo no modo indicativo

* – Sentença agramatical

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	17
2. CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO: AS CONSTRUÇÕES INSUBORDINADAS.....	25
2.1 AS CONSTRUÇÕES CONDICIONAIS INSUBORDINADAS.....	35
2.2 A CONSTRUÇÃO CONDICIONAL INSUBORDINADA ADVERSATIVA.....	40
2.2.1 Aspectos Morfossintáticos das CCIs adversativas no PB.....	47
2.2.2 Aspectos Semântico- Pragmáticos das CCIs adversativas no PB.....	52
3. A ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DA LÍNGUA.....	56
4. A PROSÓDIA COMO NÍVEL DE ANÁLISE LINGUÍSTICA	66
4.1 A PROSÓDIA EM ESTUDOS DE CONSTRUÇÕES INDEPENDENTES	71
5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	78
5.1 <i>CORPUS</i> PARA A ANÁLISE CONSTRUCIONAL	79
5.2 <i>CORPUS</i> PARA A ANÁLISE ENTOACIONAL	84
5.2.1 Coleta de Dados e Formação do Corpus.....	85
5.2.2 Perfil dos Informantes.....	92
5.2.3 Procedimentos Para a Extração de F0 Normalizada.....	93
6. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	100
6.1 DESCRIÇÃO ENTOACIONAL	100
6.2 ANÁLISE CONSTRUCIONAL.....	112
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
REFERÊNCIAS	132

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, descreve-se a entoação das *construções condicionais insubordinadas adversativas*. Embora apresentem a conjunção condicional “se”, essas estruturas não têm uma apódose, pois são independentes do ponto de vista sintático. Além disso, apresentam um significado adversativo ou contrastivo, em desacordo com o ato de fala que a antecede. As características mencionadas sobre essas construções podem ser observadas a partir do exemplo, em destaque, abaixo:

- (1) — Acho que ele não me quer mais. Eu o neguei a primeira vez...
 — **Se ele está apaixonado, filha!**
 (CdP).

Construções que possuem esse tipo de comportamento sintático representam casos de insubordinação, de acordo com a proposta de Evans (2007). Esse fenômeno não é previsto em modelos gramaticais prescritivos e está sendo cada vez mais descrito em diversas línguas, como alemão, inglês, holandês, sueco, finlandês, português e espanhol (DECAT, 1993, 2011; DEBAISIEUX E DEULOFEU, 2019; EVANS, 2007; ELVIRA-GARCIA, 2016, 2017; HIRATA-VALE, 2015; KALTENBÖCK, 2014; LOPES, 2009; MITHUN, 2008; MONTOLÍO, 1999; SANSIÑENA, 2015; SCHWENTER, 1999, 2016; VAN LINDEN E VAN DE VELDE, 2013; WIETERSHEIM E FEATHERSTON, 2019, etc.). Dos trabalhos mencionados, apenas Elvira-Garcia (2016) e Kaltenböck (2014) consideraram a prosódia como um nível de análise linguística, propondo análises empíricas sobre a entoação de construções insubordinadas em espanhol e alemão, respectivamente.

Em perspectiva construcional (LANGACKER, 2008, TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), uma descrição prosódica favorece a compreensão das construções insubordinadas analisadas como um pareamento específico de forma e significado, em que a expressão do sentido contrastivo depende da correlação de propriedades formais e funcionais as quais, integradas, contribuem para a leitura adversativa dessas estruturas.

Alves e Hirata-Vale (2020, 2021), no português do Brasil, descreveram os aspectos morfossintáticos e semântico-pragmáticos das construções condicionais insubordinadas adversativas em perspectiva funcional (NEVES, 2000). As autoras constataram, como observado no dado (1), que essas construções são utilizadas em contextos dialógicos para refutarem ou contrastarem uma informação anterior, requerem verbos necessariamente conjugados no modo indicativo, expressam um significado rude e dependem de uma relação

íntima entre os interlocutores para emergirem. Além das peculiaridades formais e funcionais identificadas, as autoras salientaram a necessidade de um estudo prosódico dessas construções em uma análise de cunho construcional, como se propõe no presente estudo.

A importância da prosódia para a descrição desse fenômeno decorre do fato de que Evans (2007), como pioneiro no tratamento e definição da insubordinação, sugere, sem uma análise empírica, que os diferentes estágios de convencionalização dessas construções poderiam ser identificados e classificados pela prosódia. Logo, segundo o autor, os processos de mudanças linguísticas que resultam em uma construção insubordinada convencionalizada envolvem alterações sintáticas, pragmáticas e prosódicas de orações originalmente subordinadas. Por conseguinte, a prosódia serviria como um dos aspectos formais que evidenciaria a convencionalização (ou não convencionalização) de uma determinada construção insubordinada. Em alguns casos, como será esclarecido adiante, a prosódia seria ainda o aspecto mais decisivo ou o único aspecto capaz de apontar o estágio de convencionalização dessas estruturas.

No espanhol, Schwenter (2016) e Montolío (1999) apontaram previamente que as *construções independentes replicativas*, similares às construções analisadas no presente estudo, apresentariam uma curva melódica sistemática. Essas construções independentes em espanhol apresentam as mesmas propriedades formais e funcionais identificadas nas construções condicionais insubordinadas de valor adversativo (ALVES; HIRATA-VALE, 2020, 2021). Por isso, Alves e Hirata-Vale (2020, 2021) também indicaram a possibilidade de existência de uma curva melódica padrão para essas construções insubordinadas no português. Contudo, em espanhol, a descrição de construções insubordinadas, de modo geral, encontra-se mais avançada e, desde muito cedo, houve o reconhecimento da importância de uma descrição entoacional sobre as construções independentes replicativas.

Montolío (1999) e Schwenter (2016) não realizaram uma análise entoacional empírica das construções independentes replicativas, porém, anunciaram de forma explícita que essas construções possivelmente comportariam um padrão entoacional específico. Mais tarde, em uma ampla pesquisa prosódica, Elvira-Garcia (2016) não só atestou a hipótese de convencionalização de Evans (2007) como também a de Schwenter (2016) e Montolío (1999), mediante análises entoacionais sobre a insubordinação em espanhol. Fundamentada nos estágios de convencionalização das construções insubordinadas (EVANS, 2007), Elvira-Garcia (2016) explorou o comportamento entoacional de construções insubordinadas convencionalizadas e construções insubordinadas ainda não convencionalizadas (elípticas) para averiguar se essas estruturas indicariam uma curva melódica distinta. Como resultado, a

autora atestou que, de fato, a entoação das construções insubordinadas convencionalizadas se diferenciam sobremaneira das construções elípticas. Além dessa diferenciação, Elvira-Garcia (2016) confirmou as propostas de Montolíó (1999) e Schwenter (2016) sobre a sistematicidade da curva melódica das construções independentes replicativas. As análises entoacionais dessas construções revelaram um contorno melódico compatível com vários tipos de estruturas refutativas em espanhol (ELVIRA-GARCIA, 2016), as quais se assemelham por seu aspecto funcional de contradizer um enunciado anterior. Desse modo, as construções independentes replicativas apresentam um contorno melódico padrão (com finalização em tom baixo) e, ao mesmo tempo, similares às estruturas que também expressam um sentido contrastivo.

No português europeu e brasileiro, Silvestre (2017) adotou a perspectiva teórica do “desgarramento” (DECAT, 2011) e analisou a entoação das construções independentes com marcas de subordinação adverbial. Decat (2001) observa as orações desgarradas a partir de um ponto de vista discursivo, como uma estratégia de produção textual. Nesse sentido, a autora não define as orações desgarradas apenas como estruturas independentes com marcas de subordinação. Para Decat (2011), uma pontuação não canônica em um texto, por exemplo, poderia indicar um procedimento estilístico para demarcar e realçar uma unidade de informação. Assim, essa construção também poderia ser considerada “desgarrada”, como pode ser observado no seguinte exemplo:

- (2) “Esse caso com a modelo Lilian Ramos realmente foi uma tragédia. **Apesar de Itamar ser um senhor solteiro e o ambiente ter sido de Carnaval.**”
(DECAT, 2011, p. 33).

Silvestre (2017) investigou os aspectos prosódicos das orações desgarradas adverbiais, incluindo as encabeçadas por “se”. Como conclusão, Silvestre (2017) afirma que as orações desgarradas apresentam especificidades prosódicas que as distinguem de orações sintaticamente subordinadas.

Há, desse modo, um grande reconhecimento do papel da prosódia para a descrição de construções independentes em diferentes abordagens teóricas, o que reforça a relevância desse tipo de estudo. Dentre os parâmetros prosódicos existentes, optou-se por analisar de forma mais detalhada a entoação das construções aqui tratadas. Essa escolha justifica-se pelas características do português, reconhecido por ser, como o espanhol, língua entoativa (HAYES, 2009; FROTA, 2020). Isso significa que muitos de seus sentidos são determinados em função do tipo de entoação empregada. Um enunciado como “Mateus comprou um carro”,

por exemplo, permite criar diferentes contornos entoativos que modificam o valor semântico-pragmático dessas orações. Por isso, esse mesmo enunciado pode configurar uma pergunta, com um contorno final ascendente/circunflexo ou uma declaração, se empregado com um contorno final descendente. Além disso, a entoação é uma das propriedades prosódicas mais estudadas no português e está associada à expressão das emoções e atitudes dos falantes (FROTA, 2014).

Tendo em vista o significativo papel da entoação para o português, um dos objetivos deste trabalho é oferecer uma descrição entoacional das construções condicionais insubordinadas adversativas. Com base em Evans (2007) e nos estudos dessas construções em espanhol (MONTOLÍO, 1999; SCHWENTER, 2016; ELVIRA-GARCIA, 2016), partiu-se da hipótese de que, no português brasileiro, essas construções poderiam apresentar um contorno entoacional específico. Portanto, os procedimentos metodológicos adotados neste estudo são apropriados para a análise desse aspecto prosódico, medido pelo parâmetro acústico da frequência fundamental (F0).

Uma outra hipótese que norteou esta pesquisa está relacionada à diferença entoacional entre construções condicionais insubordinadas adversativas (3) e prótases condicionais subordinadas (4) de mesma estrutura lexical:

- (3) — O vereador prometeu shows no centro social do bairro.
 — **Se prometeu aulas!**
 (Elaboração própria).
- (4) — O vereador prometeu aulas de piano no centro social do bairro.
 — **Se prometeu aulas,** agora tem que cumprir.
 (Elaboração própria).

Embora este trabalho não tenha como intuito descrever o comportamento entoacional das prótases condicionais subordinadas, sabe-se que as construções insubordinadas podem ser lexicalmente idênticas às prótases condicionais, sendo diferenciadas apenas por seus traços prosódicos. Logo, concomitantemente à descrição entoacional proposta, objetivou-se comprovar a diferença entoacional dessas estruturas lexicalmente idênticas. Para esse propósito, as curvas entoacionais dessas construções foram extraídas e comparadas com a intenção de apurar se a entoação sinalizaria o estatuto sintático (independência) e semântico (contraste) das construções insubordinadas ora estudadas. Essa constatação atestaria a hipótese de Evans (2007), mencionada anteriormente, e estaria em concordância, nesse aspecto, com os trabalhos realizados por Silvestre (2017) e Elvira-Garcia (2016).

Dada a impossibilidade de encontrar *corpora* com arquivos de áudio contendo esses dois tipos de construções exatamente com o mesmo conteúdo proposicional, criou-se *corpora ad hoc* de gravações de áudio para esta pesquisa. Para isso, foram elaborados roteiros de diálogos contextualizados que foram interpretados pela pesquisadora e por 13 voluntários¹. A partir dessas gravações, a curva de F0 dessas construções foram extraídas e submetidas à análise.

A entoação das construções condicionais insubordinadas adversativas também foi comparada com a entoação das orações insubordinadas encabeçadas por “se”, as quais Hirata-Vale (2015) denomina *construções condicionais insubordinadas subjetivas*. Essas construções, segundo Hirata-Vale (2015), são caracterizadas por expressarem distintas funções subjetivas, sendo uma delas, crenças/desejos (5):

- (5) Maria Clara: —Aceitei (o pedido).
 Noêmia: —**Se você soubesse como essa notícia me deixa feliz, Clara!**
 Maria Clara: —Eu sabia que você ia gostar.
 (HIRATA-VALE, 2015, p. 61).

A contraposição entre essas construções condicionais insubordinadas permitiu verificar se as condicionais insubordinadas adversativas apresentam uma entoação particularizada em relação aos outros tipos de condicionais insubordinadas. Logo, a terceira hipótese prosódica que motivou o trabalho assentou-se na possibilidade de identificar um contorno entoacional específico para as condicionais insubordinadas adversativas que as distinguíssem, ao lado dos demais aspectos formais e funcionais, de outros tipos de condicionais insubordinadas (HIRATA-VALE, 2015).

Além da descrição e das comparações entoacionais propostas, as condicionais insubordinadas adversativas são também analisadas, juntamente com suas propriedades morfossintáticas e semântico-pragmáticas (ALVES; HIRATA-VALE, 2020; 2021), em perspectiva construcional (LANCKANGER, 2008; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Nesse viés, a língua é assimilada como um conjunto de *construções* definidas como um pareamento simbólico de forma (propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas) e significado (propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais). Essa concepção de construção permite então a compreensão do sentido adversativo sendo um resultado da

¹ Informa-se que este trabalho foi devidamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e pode ser identificado e/ou consultado pelo Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAEE) 56710422.8.0000.5504.

correlação de aspectos da forma e do significado. Dentre esses aspectos, há a consideração da prosódia, portanto, a incorporação desse nível linguístico na análise dessas construções insubordinadas é também respaldada pelo modelo da Gramática de Construções adotado (CROFT, 2001; LANGACKER, 2008; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Langacker (2008) propõe que uma construção deve ser avaliada considerando, no mínimo, três parâmetros distintos: *generalidade/esquematicidade* (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), *composicionalidade* e *produtividade*. A generalidade/esquematicidade diz respeito aos níveis de estruturação dos diferentes graus de abstratização e generalização de uma construção. A produtividade refere-se à expansão de usos desse esquema, ou seja, o quão acessível uma construção pode se apresentar para sancionar novas expressões. E, por fim, a composicionalidade, que caracteriza o grau de compatibilidade entre a forma e o significado dos elementos que compõem uma construção.

Diferentemente de trabalhos diacrônicos, que visam a compreender os processos de mudanças linguísticas (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), esses três parâmetros podem ser utilizados em pesquisas sincrônicas para descrever as especificidades de uma construção (ROSARIO, 2019). Assim, em perspectiva sincrônica, a análise construcional das construções condicionais insubordinadas adversativas realizada neste estudo está pautada na descrição desses três parâmetros.

Para compreender o parâmetro da esquematicidade/generalidade, observa-se a generalização dessas construções em seus níveis hierárquicos (cognitivos) mais elevados. A produtividade é mensurada em frequência *type* e *token*, isto é, o número de tipos de expressão dessas condicionais insubordinadas adversativas e o número de vezes que essas estruturas apareceram nos *corpora* consultados. Para examinar a composicionalidade, utilizam-se principalmente os cinco parâmetros condicionais de Dancygier (1998), sendo eles, a *não assertividade*, *causalidade*, *predição*, *espaços mentais* e *postura epistêmica*, com a finalidade de atestar se essas condicionais insubordinadas poderiam denotar um sentido condicional.

Para a análise construcional, foi indispensável criar um outro *corpus*, pois as diferentes Gramáticas de Construções prezam que a língua seja analisada em seu uso efetivo, partindo de ocorrências linguísticas reais. Para atender a essa premissa, foi elaborado um *corpus* de dados factuais, extraídos de *corpora* disponíveis *online*. Com a análise das ocorrências, foi possível assimilar, a partir de um ponto de vista cognitivo-funcional, a inter-relação de todos os níveis linguísticos para constituir o pareamento de forma e significado das construções condicionais insubordinadas adversativas.

Vê-se assim que o trabalho é composto de dois tipos de análises sincrônicas complementares, uma descrição e comparação entoacional e outra análise de base cognitivo-funcional. Embora a prosódia seja um nível reconhecido no marco teórico construcional, sua incorporação em trabalhos descritivos ainda é escassa. À vista disso, um dos intuitos centrais deste trabalho é oferecer uma explicação teórica da entoação observada nas condicionais insubordinadas adversativas e, então, demonstrar de que modo a prosódia pode acrescentar em pesquisas sobre construções gramaticais. Particularmente neste estudo, espera-se mostrar que a entoação, por um lado, ajuda a compreender a função discursiva do fenômeno estudado e, por outro, afirma o seu *status* sintático de construção independente.

Isso posto, esta dissertação está organizada da seguinte maneira: no segundo capítulo, serão detalhadas as especificações do objeto de estudo deste trabalho no marco da teoria da insubordinação (EVANS, 2007). Dentre os tipos de construções condicionais insubordinadas classificadas por Hirata-Vale (2015), serão apresentadas as especificidades das condicionais insubordinadas de valor adversativo que servirão de base para a análise entoacional e construcional.

No terceiro capítulo, será realizada uma apresentação dos principais preceitos da Gramática de Construções (LANCKAGER, 2008; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013): a noção de construção, de língua como rede de construções, a generalidade/esquematicidade, produtividade, composicionalidade, etc.

No capítulo quatro, será abordada a fundamentação teórica de base prosódica, discutindo alguns pontos importantes sobre a frequência fundamental e sua correlação com outros níveis de linguísticos. Nesse mesmo capítulo, serão apresentadas as principais colaborações dos trabalhos realizados por Silvestre (2017) e Elvira-Garcia (2016) no tratamento prosódico de construções independentes.

No capítulo cinco, tem-se a *Metodologia*, subdividida em seções sobre a descrição dos *corpora* utilizados para análise construcional e os procedimentos utilizados para a criação dos *corpora ad hoc* destinados à investigação prosódica. Por utilizar a abordagem construcional (LANGACKER, 2008; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), como elucidado, exige-se uma análise de dados encontrados em situações reais de uso. Sendo assim, os dados analisados foram coletados do *Corpus do Português* e *Corpus C-Oral*. Por outro lado, também por razões já apontadas, criou-se *corpora ad hoc* para a análise entoacional mediante gravações pautadas em um roteiro previamente elaborado. Toda a explicação de formação desses dois tipos de *corpora*, bem como o perfil dos informantes e todos os demais procedimentos utilizados nas análises, encontra-se detalhada nesse capítulo.

No sexto capítulo, apresenta-se a descrição prosódica e a análise construcional das construções condicionais insubordinadas de valor adversativo, em conformidade com os procedimentos analíticos apontados no capítulo da Metodologia.

Por fim, seguem as *Considerações finais*, com as conclusões dos resultados obtidos, relacionando os dois tipos de análises propostas no trabalho, guiadas pelos preceitos da Gramática de Construções (LANGACKER, 2008; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Reconhecendo o recorte prosódico realizado neste estudo, menciona-se ainda, nesse capítulo, outros parâmetros relevantes que poderiam ser explorados futuramente para completar a análise prosódica das construções condicionais insubordinadas adversativas.

2. CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO: AS CONSTRUÇÕES INSUBORDINADAS

Para que o fenômeno da insubordinação seja amplamente compreendido é necessário, previamente, observar como a Gramática Tradicional define as relações sintáticas de período composto. Nesse ponto de vista, a formação dos períodos compostos é realizada por meio de dois tipos de operações, denominadas *coordenação* e *subordinação*.

A coordenação é um processo de junção de orações que não desempenham nenhum tipo de função sintática entre si, sendo consideradas, portanto, independentes nesse nível linguístico. Em contrapartida, a subordinação (ou hipotaxe) ocorre quando uma oração se encontra em estado de pertença, isto é, subordinada à outra oração em um período, fazendo com que essa oração seja um membro sintático de uma outra unidade oracional. Desse modo, as orações subordinadas são sintática e semanticamente dependentes de uma oração principal, como constatado na descrição normativa a seguir:

Subordinação: oração complexa – Uma oração independente do ponto de vista sintático, que sozinha, considerada como unidade material, constitui um texto, se este nela se resumir, como em “A noite chegou”, pode, pelo fenômeno de estruturação das camadas gramaticais conhecido por hipotaxe ou subordinação, passar a uma camada inferior e aí funcionar como pertença, como membro sintático de outra unidade; “O caçador percebeu que a noite chegou” (BECHARA, 2009, p. 426).

Sendo assim, a primeira oração, “a noite chegou”, em relação à segunda, “que a noite chegou”, passou de um estado de independência sintática para exercer função de complemento de associação predicativa na oração em que se encontra o núcleo verbal do verbo *perceber*: “o caçador percebeu”. Nesse sentido, “que a noite chegou” é uma oração subordinada.

Nesse exemplo, nota-se a presença da conjunção integrante “que”. Um dos critérios mais difundidos pelas Gramáticas Tradicionais para identificar uma oração subordinada é a presença de conjunções ou locuções conjuntivas subordinativas. Essas conjunções ou locuções conjuntivas podem ser, além das integrantes (“que” e “se”), adverbiais (“se”, “que”, “porque”, “visto que”), finais (como “para que”, “que”, “a fim de que”), etc.

As classificações referentes à coordenação e subordinação difundidas pelas Gramáticas Tradicionais não são totalmente efetivas e precisas, posto que não esclarecem nitidamente de que modo ocorre a independência das orações. O uso de “que”, por exemplo, não necessariamente caracteriza uma oração subordinada. Esse elemento pode funcionar,

dentre outras categorias, como um *pronome indefinido*, *preposição* ou *conjunção coordenativa*, respectivamente representados abaixo:

- (6) — Sim, ele vai chegar no final da tarde.
— **Que** notícia maravilhosa você acaba de me dar!
(CdP).
- (7) — Minha mãe me mata se eu reprovar.
— Temos **que** estudar mais para as provas.
(CdP).
- (8) — Não insista, **que** eu não vou te emprestar mais dinheiro.
(CdP).

Por tal motivo, faz-se necessário recorrer à semântica para determinar a sua função em uma oração, e, baseando-se nela, avaliar se esse elemento linguístico se comporta como uma conjunção subordinada, como no seguinte caso:

- (9) — Achamos **que** o senhor deve trabalhar pela tarde.
(CdP).

Enquanto as Gramáticas Tradicionais revelam-se insuficientes para explicar os fenômenos linguísticos, ignorando a situação comunicativa, apresentando exemplos hipotéticos e fomentando normas que não reconhecem as mudanças linguísticas, o funcionalismo se contrapõe a isso. Na corrente funcionalista (NEVES, 2000, 2002), a língua é concebida como um instrumento de interação social e é analisada primordialmente por meio de dados linguísticos empíricos e contextualizados, levando em consideração os interlocutores e as motivações para os acontecimentos linguísticos. Assim, a língua é analisada pela função que exerce em determinados contextos, não como uma estrutura pressuposta e estável, como sugere a Gramática Tradicional.

Apoiada em preceitos funcionalistas, Neves (2002) estudou a maneira pela qual as orações subordinadas são classificadas pela Gramática Tradicional e fez importantes apontamentos. A autora constatou que as orações subordinadas têm características distintas, fato este que se torna ainda mais evidente ao analisar especificamente as orações subordinadas adverbiais. Para Neves (2002), a definição de oração subordinada oferecida pela Gramática Tradicional não contempla as orações adverbiais, uma vez que elas têm traços distintos das orações subordinadas substantivas e adjetivas restritivas.

Segundo a autora, as subordinadas substantivas e adjetivas restritivas se comportam como estruturas integradas, pois desempenham funções gramaticais relacionadas a um item

lexical específico da oração principal. As orações subordinadas adverbiais, por outro lado, constituem uma unidade de informação mais complexa, relacionada ao conteúdo preposicional da oração principal. Logo, para Neves (2002), não seria adequado usar uma mesma definição para categorizar todos esses tipos de construções subordinadas.

Matthiessen e Thompson (1988), por sua vez, estabeleceram o estatuto dessas construções complexas como um fenômeno discursivo a partir de considerações que viam o processo de combinação de orações não apenas do ponto de vista gramatical, mas também com a inclusão do ponto de vista discursivo.

Nota-se que o olhar mais crítico para os elementos linguísticos, promovido pela corrente funcionalista, difundiu uma revisão do modelo tradicional em relação à distinção entre o processo de subordinação e coordenação, pois, como reportado anteriormente, as separações dicotômicas prescritas por esses modelos gramaticais não são totalmente claras e suficientes. Como resultado, sobretudo em trabalhos de base funcionalista, esses processos passaram a ser analisados de uma forma mais holística, com a incorporação de dados concretos e a consideração de seus contextos de emergência. Esse movimento promoveu a formulação de diferentes propostas de classificação das orações de período composto, como a de Halliday (1985), Lehmann (1988), Hopper e Traugott (2003), Verstraete, (2007), entre outros.

Além de fomentar revisões e novas propostas de classificações, a incompletude das gramáticas normativas desencadeou estudos de usos linguísticos não prototípicos. Dentre esses usos não prototípicos, estão as construções insubordinadas, isto é, casos de construções que, ainda apresentando alguma marca de subordinação, são utilizadas de forma independente, como pôde ser visto nos exemplos (1) e (3) e (5).

Tal processo é chamado de “insubordinação” e foi definido por Evans (2007) como “o uso convencionalizado como orações principais, de orações que, à primeira vista, parecem formalmente ser orações subordinadas” (EVANS, 2007, p. 367, tradução nossa)². Para o autor, o tratamento muitas vezes periférico por parte das gramáticas de referência das línguas para com as construções insubordinadas ocorre porque elas não apresentam um comportamento funcional/formal que possibilite uma padronização regular suficiente para serem incluídas nessas obras.

Evans (2007) organizou um amplo trabalho tipológico de diferentes construções que são sintaticamente independentes, porém, apresentam marcas de subordinação. Essas marcas,

² Trecho traduzido do original: “the conventionalized main clause use of what, on prima facie grounds, appear to be formally subordinate clauses” (EVANS, 2007, p. 367).

a depender da estrutura interna de cada língua, podem referir-se ao modo verbal, ordem dos constituintes, e outros traços linguísticos comumente utilizados em orações subordinadas, inclusive o mais característico delas, isto é, as conjunções subordinantes. O autor constatou ainda que as construções insubordinadas são altamente expressivas e são utilizadas em diversas línguas com funções comunicativas similares (quadro 1). Dessa forma, o fenômeno da insubordinação não apenas qualifica construções em distintos níveis sintáticos, como também denota uma variedade de funções no discurso.

Em relação às funções discursivas das construções insubordinadas, Evans (2007) constatou sentidos de ordem, aviso, exclamação, reiteração, pedido etc., e os agrupou em três grandes grupos, a saber: grupo de controle interpessoal, de função modal e sinalização de material pressuposto. Essas funções estão representadas no quadro abaixo:

Quadro 1 – As funções das orações insubordinadas.

Controle Interpessoal	Pedidos
	Ordem
	Conselho
	Aviso
	Advertência
Modalização	Valores deônticos
	Exclamação
	Avaliação
Sinalização de material pressuposto	Negação
	Foco Contrastivo
	Reiteração
	Desacordo com o interlocutor (Refutação)

Fonte: Adaptado de Evans (2007).

Com a constatação da existência de orações insubordinadas e de suas características funcionais, alguns autores propuseram teorias de como elas se desenvolveram diacronicamente. O primeiro a formular uma dessas hipóteses foi o próprio Evans.

Para Evans (2007), a explicação diacrônica do surgimento das orações insubordinadas tem início com a elipse da oração principal, como exposto no quadro 2 a seguir. Portanto, essas construções insubordinadas foram, em algum momento, orações subordinadas que adquiriram autonomia sintática por meio de processos de convencionalização. Durante esses processos, essas construções ganharam independência sintática de maneira gradual, ao passo

que igualmente obtinham novos valores pragmáticos e perdiam, conseqüentemente, algumas propriedades subordinadas.

Esse processo que resulta em uma oração insubordinada, segundo o autor, é dividido em quatro estágios, representados no quadro abaixo:

Quadro 2 – Quadro de estágios de insubordinação.

Subordinação	Elipse	Elipse Convencionalizada	Reanálise como oração principal
(1)	(2)	(3)	(4)
Oração subordinada.	Elipse da oração principal.	Restrição à interpretação do material elíptico como principal.	Uso convencionalizado de oração originalmente subordinada (Construcionalização).

Fonte: Adaptado de Evans, 2007, p. 370).

Como já explicado e ilustrado no quadro acima, na primeira fase encontra-se a oração subordinada tal qual é prevista nos modelos tradicionais.

- (10) Ich erinner-e mich nicht, on sie eine Karte gekauft hatte.
I don't remember whether she bought a ticket.
 (DURRELL, 1997, apud EVANS, 2007, p. 371).

Eu não me lembro se ela comprou um ingresso.

Posteriormente, ocorre uma elipse da oração principal, ou seja, o falante suprime essa sentença, deixando que seu interlocutor infira uma oração compatível com o contexto e que seja, inclusive, gramaticalmente aceitável (EVANS, 2007). Conseqüentemente, o interlocutor recupera a oração suprimida devido à inferência conversacional. A razão pela qual o falante decide excluir a oração principal não está totalmente explicada pelo autor, porém, com essa escolha, é possível criar muitos significados pragmáticos distintos (EVANS, 2007; SECO, 1973). Esse segundo estágio de convencionalização de uma oração insubordinada pode ser exemplificado no dado subsequente:

- (11) [Ich zweifl-e,] Ob wir richtig sind?
 [I doubt,] whether we are right?
 (BUSCHA, 1976, apud EVANS, 2007, p. 372).

[Eu tenho dúvidas,] se nós estamos certos?

Nessa fase, não há restrições semânticas quanto ao tipo de oração principal a ser recuperada pelo ouvinte. No próximo estágio, ocorre uma restrição gradativa na interpretação do material elíptico, ou seja, a oração suprimida só poderá ter um número limitado de significados pragmáticos e, segundo o autor, algumas das construções elípticas apresentarão as mesmas funções pragmáticas. Dado que o nível de convencionalização não é um *continuum*, o nível de convencionalidade das construções não é necessariamente igual. Recorrendo aos exemplos dados pelo próprio autor, este processo é exemplificado pelos dados a seguir:

- (12) [Es wäre schön,] / wenn ich deine Statur hätte.
[It would be lovely,] if I had your build.
(EVANS, 2007, p. 373).

[Seria ótimo,] se eu tivesse seu corpo.

- (13) [Ich wäre froh,] / wenn ich deine Statur hätte.
[I would be glad,] if I had your build.
(EVANS, 2007, p. 373).

[Eu ficaria contente,] se eu tivesse seu corpo.

Nesses casos, a oração elíptica encontra-se mais convencionalizada, e é por essa razão que esse terceiro estágio é caracterizado pela redução de possibilidades de reconstrução do conteúdo elidido (oração principal). Como pode ser visto nos exemplos (12) e (13), somente orações principais afirmativas e que denotam significados apreciativos poderiam ser reconstruídas pelo ouvinte, caso necessário. As orações que expressam sentidos pejorativos, por outro lado, seriam dissonantes, como certificado no seguinte exemplo:

- (14) [Es wäre schlimm,] / wenn ich deine Statur hätte.
[It would be bad,] if I had your build.
(EVANS, 2007, p. 373).

[Seria ruim*] se eu tivesse seu corpo.

Finalmente, tem-se a oração insubordinada, que se apresenta totalmente convencionalizada (e construcionalizada). Trata-se, nesse sentido, de uma antiga oração subordinada que atua agora como uma construção independente, com um sentido próprio, e seu conteúdo apagado não pode ser recuperado. Inclusive, uma diferença primordial entre a oração elíptica e a insubordinada é que nesta não se pode recuperar/reconstruir o material elidido, porque já não há uma oração gramaticalmente concreta que o falante possa recuperar.

Sendo assim, o contexto discursivo é essencial para auxiliar na compreensão do sentido dessa oração construcionalizada.

- (15) Wo Zehntausende verreck-en müss-en.
 Lit: Where ten thousands must die.
 (EVANS, 2007, p. 374).

Onde/Embora pereçam dezenas de milhares.

Evans (2007), como pioneiro, abriu caminhos para que novos estudos e modelos sobre esse fenômeno linguístico surgissem. Mithun (2008), por exemplo, propõe um modelo alternativo de como o estágio da insubordinação é alcançado. Para isso, a autora descreve construções insubordinadas de muitas línguas desconsideradas na tipologia de Evans (2007), como o Navajo e Yup'ik, e explica a insubordinação a partir de um processo denominado *Dependency extension* (extensão da dependência funcional).

Observando essas línguas, a autora menciona que nem todas as construções insubordinadas podem ser explicadas pela elisão da oração principal, pois essas estruturas não estão limitadas ao nível sintático e demonstram relações de dependência discursiva. Portanto, uma das maiores críticas de Mithun (2008) ao trabalho de Evans (2007) é a restrição do parâmetro sintático para caracterizar a insubordinação. Desse modo, a autora propõe que a insubordinação deva ser avaliada como um processo que envolve uma extensão funcional de marcadores de independência sintática para domínios discursivos mais amplos, sem a necessidade de processos elípticos. Ou seja, nessa teoria, sugere-se uma mudança de subordinação oracional (sintática) para uma subordinação discursiva.

Outros autores como D'Hertefelt e Verstraete (2014) também argumentam que a proposta de Evans (2007) é parcialmente aplicável. Ao tratarem das construções elaborativas em sueco e dinamarquês, consideram que há uma necessidade de incluir o aspecto da dependência pragmática para examinar essas construções, já que elas demarcam uma relação pragmática com o enunciado que as antecedem.

Para D'Hertefelt e Verstraete (2014), a insubordinação envolve um processo de mudança de dependência, denominado *Dependency shift*. Nessa perspectiva, essas orações ainda estabelecem relações de dependência pragmática com o enunciado anterior. Em função disso, os autores defendem que a análise de qualquer construção independente precisa considerar, essencialmente, a (in)dependência pragmática, não apenas a sintática.

Nota-se que, assim como Mithun (2008), D'Hertefelt e Verstraete (2014) defendem que as orações insubordinadas ainda mantêm alguma relação de dependência com o

enunciado que as antecede. Para os autores, trata-se de uma dependência pragmática, enquanto Mithun (2008) avalia esses casos como um tipo de dependência discursiva.

Ainda sobre críticas em relação à teoria de Evans (2007), Van Linden e Van de Velde (2013), autores que estudam as construções completivas do holandês belga, afirmam que há uma perda composicional ao considerar que a insubordinação parte da elipse da oração principal e que a trajetória de insubordinação proposta por Evans (2007) não explica o porquê se produziu a elipse da oração principal. Afirmam ainda que, ao longo do processo de insubordinação, é possível encontrar estágios de semi-insubordinação além dos sugeridos por Evans (2007), o que também é pontuado por Sansiñena et al. (2015).

Sansiñena, De Smet e Cornillie (2015) indicam que dentre as chamadas construções elípticas existem tipos especiais que, embora não se relacionem explicitamente com uma oração principal, estão vinculadas a uma oração matriz presente no discurso, em outro turno oracional. Portanto, a oração ainda é subordinada, porém, em um plano mais amplo, porque é dependente do turno oracional.

Apesar das diferenças teóricas, vê-se que, tradicionalmente, todas essas propostas se apoiam em elementos essencialmente formais para descrever as orações independentes.

Acerca do português do Brasil, especificamente, destacam-se os trabalhos de Hirata-Vale (2015, 2017), que se baseou na proposta feita por Evans (2007) e propôs uma descrição das construções condicionais subordinadas no português do Brasil (PB) e no português europeu (PE). A conclusão desse estudo é que tais construções apresentam um caráter intersubjetivo e funções metatextuais e metadiscursivas. A autora constatou ainda que nas construções condicionais prototípicas (iniciadas com “se”) há uma perda gradativa de seu valor semântico hipotético e novos valores semânticos são determinados pragmaticamente.

Outros trabalhos, do interior da teoria funcionalista, dedicaram-se aos estudos de construções independentes no português, dirigidos por Decat (1993, 2010, 2011), Silvestre (2017), Stassi-Sé (2012).

Decat (1993, 2011), com base em uma análise funcional discursiva, nomeia este tipo de oração como *desgarradas*. Trata-se então de orações completas do ponto de vista sintático, embora sejam aparentemente subordinadas devido às marcas de subordinação que apresentam, como é o caso da conjunção condicional abaixo:

- (16) “Se eu ganhasse na Sena!”
(DECAT, 2011, p. 25).

Para a autora, essas construções são estruturas desgarradas e que, na ausência de uma oração antecedente/matriz, funcionam de modo independente. Nessa perspectiva, as orações desgarradas são entendidas como possíveis mecanismos linguísticos a serviço da produção textual, servindo como estratégia de *focalização, topicalização e clivagem*.

Em uma outra perspectiva, do interior da Gramática Discursivo-Funcional, Stassi-Sé (2012) nomeia as construções tratadas aqui como *independentes*. Essas orações independentes formam parte de grandes porções textuais (*moves*) e atestam uma relação entre os *moves*, que geram uma alteração no Nível Interpessoal e sugerem a criação de uma nova camada, a Camada do Discurso. Tais construções desempenham uma função interacional específica dentre as outras funções relacionadas a outras camadas dos níveis Interpessoal e Representacional.

Dentre todos os trabalhos apresentados, poucos foram os que se dedicaram em incluir a prosódia como um critério formal na classificação de construções insubordinadas. Conforme mencionado anteriormente, a sintaxe é o componente formal regularmente apontado para determinar o grau de independência dessas orações, enquanto o papel da prosódia é pouco estudado. No trabalho de Evans (2007), por exemplo, os principais critérios explicitamente considerados para demarcar as fases do processo de insubordinação são sintáticos e pragmáticos, mas não prosódicos. Contudo, o autor menciona e reconhece o papel significativo da prosódia em seu trabalho, especificamente durante o processo de formação de uma oração insubordinada.

Segundo o autor, as construções elípticas e insubordinadas podem ser diferenciadas pelo recurso prosódico, com isso, seria possível averiguar a possibilidade de recuperação do conteúdo apagado. Isto é, as evidências prosódicas seriam capazes de assinalar construções elípticas ou insubordinadas. De igual modo, nos casos em que construções insubordinadas e construções elípticas apresentem o mesmo conteúdo lexical, a única diferença entre elas poderá ser assimilada pelo nível prosódico.

Em algumas línguas, como o espanhol (ELVIRA-GARCIA, 2016), realizaram-se estudos capazes de comprovar que a prosódia é um elemento diferenciador entre orações subordinadas, elípticas e insubordinadas.

Elvira-Garcia (2016), além de confirmar a hipótese do modelo diacrônico de Evans (2007), amplia as pesquisas sobre o fenômeno da insubordinação, agregando análises dos efeitos prosódicos em orações insubordinadas e elípticas. Por meio de um amplo estudo sobre a entoação dessas duas construções, a autora sistematiza a distinção entoacional entre elas, como previsto por Evans (2007). Com isso, comprovou-se que as construções elípticas e as

construções insubordinadas apresentam padrões entoacionais específicos e, por meio desse parâmetro prosódico, podem ser classificadas segundo o seu estágio de insubordinação.

Segundo a autora, as construções elípticas apresentam um padrão entoacional com uma finalização ascendente, indicando ao interlocutor que a sentença está sintaticamente incompleta. Esses contornos são conhecidos como “contornos de continuação” e são, assim como no português, associados às construções subordinadas (FROTA, 2014; ELVIRA-GARCIA, 2016). Já nas construções insubordinadas, Elvira-Garcia (2016) reconheceu um contorno entoacional de finalização decrescente, sinalizando que a construção está sintaticamente completa.

Em função desses padrões prosódicos identificados, Elvira-Garcia (2016) determinou que as elípticas, por não serem construções totalmente independentes (EVANS, 2007), não apresentam um padrão entoacional de finalização, mas de continuação, como as orações subordinadas. As construções insubordinadas, por serem totalmente completas, apresentam um comportamento entoacional oposto.

Nota-se que, além de diferenciar tipos de construções independentes em diferentes estágios de insubordinação, Elvira-Garcia (2016) demonstrou que a entoação é a responsável por estabelecer os limites sintáticos de uma construção: um contorno de continuação sinaliza uma incompletude sintática, portanto, uma dependência e, por outro lado, um contorno de finalização indica que o enunciado está completo. À vista disso, Elvira-Garcia (2016) explora a marcação entoacional dos enunciados, sobretudo o modo de finalização, para demarcar a (in)dependência sintática dessas estruturas, pois como explicado, o nível de independência de uma construção subordinada, elíptica ou insubordinada, segundo a autora, pode ser evidenciado pelo tipo de curva entoacional apresentado.

Elvira-Garcia (2016) observou ainda que enquanto as orações subordinadas e elípticas utilizam da entoação como um marcador sintático para demarcar dependência e, portanto, exibem um aumento de continuação (tom final ascendente) nas orações insubordinadas a entoação precisa ser entendida tanto como marcador sintático quanto pragmático. Como marcador sintático, a entoação serve para assinalar a independência e completude dessas construções, isto é, mediante um contorno de finalização em tom decrescente, o interlocutor compreende que a construção é independente, embora apresente marcas de subordinação. E como um marcador pragmático, a entoação indica os significados da construção, ou seja, se ela expressa um pedido, avaliação, reiteração, um valor adversativo etc.

Isso significa que, para Elvira-Garcia (2016), o tipo de entoação de uma construção está relacionado ao tipo de função pragmática exercida. Analisando as funções discursivas das

construções in subordinadas (quadro 1) descritas por Evans (2007), por exemplo, a autora diz que “se essas funções forem comparadas com as funções pragmáticas que podem ser expressas por meio da prosódia em espanhol, verifica-se que há uma sobreposição entre as duas” (ELVIRA-GARCIA, 2016, p. 42, tradução nossa)³. Observa-se, a partir do trabalho de Elvira-Garcia (2016), que a entoação pode exercer distintas funções e relações com outros níveis linguísticos.

Para o português brasileiro, respaldada no trabalho de Decat (1993, 2011) e, por conseguinte, em uma perspectiva distinta de Evans (2007), Silvestre (2017) estudou os aspectos prosódicos, mais especificamente o contorno melódico, a duração e a gama de variação da frequência fundamental de construções adverbiais desgarradas no português brasileiro e europeu. Como Elvira-Garcia (2016), Silvestre (2017) demonstrou, em seu trabalho, a importância do papel da prosódia no entendimento da independência sintática dessas construções, provando que os aspectos prosódicos sinalizam aos interlocutores a independência e completude sintática dessas estruturas.

Diante dos distintos tratamentos acerca das construções independentes, o que se pretende com este trabalho é analisar a in subordinação especificamente em construções condicionais iniciadas pelo “se” com valor adversativo no português do Brasil, adotando o modelo e contribuições teóricas de Evans (2007) e com base no trabalho de Hirata-Vale (2015). Para isso, na próxima seção, o fenômeno da in subordinação será mais bem abordado, nomeadamente dentro do marco teórico elegido e especificando ainda mais o tipo de construção in subordinada estudada.

2.1 AS CONSTRUÇÕES CONDICIONAIS IN SUBORDINADAS

As construções in subordinadas podem expressar-se de diferentes formas, sobretudo, com diferentes tipos de conjunções subordinantes⁴. Neste trabalho, estuda-se um tipo específico de construção condicional in subordinada, encabeçada justamente pela conjunção condicional prototípica “se”.

³ Do original: “Si se comparan estas funciones con las funciones pragmáticas que se pueden expresar por medio de la prosodia en español, se ve que hay un solapamiento entre ambas.” (ELVIRA-GARCIA, 2016, p. 42).

⁴ Menciona-se, por exemplo, o trabalho de Hirata-Vale (2020) que trata de construções completivas in subordinadas no português brasileiro.

Essa conjunção, à qual se atribui o valor condicional e hipotético, pode veicular vários sentidos que são apreendidos no contexto interacional quando empregada em construções insubordinadas e expressam pedidos/crenças, ameaças, avaliações, além do próprio sentido adversativo. As orações condicionais subordinadas, diferentemente, não podem expressar essa pluralidade de sentidos.

De acordo com Hirata-Vale (2015), as construções condicionais insubordinadas, marcadas pela conjunção “se” no PB e PE, perderam gradativamente o seu valor condicional e passaram a codificar novos valores, determinados pela pragmática. Por não anunciarem um sentido condicional, essas construções não correspondem aos parâmetros de condicionalidade propostos por Dancygier (1998), uma vez que não formam relações condicionais entre eventos. Além disso, as orações condicionais independentes, como dito, dependem muito da interação dialógica entre falantes em um contexto conversacional particular, condições estas que não são requisitadas pelas condicionais subordinadas.

Na proposta de Hirata-Vale (2015), essas construções são compreendidas em um contínuo do processo de construcionalização, em que se torna possível apreender gradativamente os outros sentidos não condicionais por elas veiculados. Esses sentidos estão associados ao seu caráter inferencial de atos de falas metatextuais ou metadiscursivos, como mencionado anteriormente.

Tendo em conta o processo de construcionalização e os diferentes sentidos das construções condicionais insubordinadas, a autora classifica essas construções em: (I) *Espontâneas*, pois têm estruturas menos rígidas e relacionadas ao raciocínio do falante com base no discurso, sem restrições pragmáticas e/ou sintáticas que possam impedi-las de exercer diversas funções; (II) *Construcionais*, sendo aquelas menos dependentes do contexto, pois apresentam uma estrutura mais estável e com funções pragmáticas mais específicas, marcadas por traços morfossintáticos mais recorrentes; (III) *Formulaicas*, como as completamente fixas (construções cristalizadas) , utilizadas quando o falante expressa algum comentário ou reflexão pessoal independente do contexto (metalinguístico). As formulaicas são ainda apontadas como as mais distanciadas do contexto e, por isso, não é possível mensurar as suas relações de casualidade ou de sequencialidade.

A organização desses três tipos de construções condicionais insubordinadas, doravante “CCIs”, é representada pela autora da seguinte forma:

CCIs espontâneas > CCIs construcionais > CCIs formulaicas (HIRATA-VALE, 2015, p. 44).

Conforme Schwenter (2016), ainda que as construções condicionais expressem uma ideia hipotética/irreal, podem ser utilizadas como construções independentes com a finalidade de denotar um sentido factual e real. O autor explica que o significado hipotético ou irreal atribuído ao *si* deve ser analisado como um caso de “implicatura conversacional griceniana” ou “GCI”, ao invés de ser analisado a partir do aspecto codificado do significado dessa conjunção. Para o filósofo Grice (1990 *apud* SCHWENTER, 1999) e outros filósofos e pragmaticistas, as “GCIs” são inferências padronizadas que são transmitidas pelas formas que as carregam e relacionam-se a formas linguísticas particulares, porém, reversíveis.

Desse modo, as orações independentes, segundo Schwenter (1999), representam uma construção particular que ocorreu com uma frequência suficiente em um dado contexto em que a GCI foi bloqueada, permitindo assim uma convencionalização do significado não condicional. Portanto, ao contrário do que é difundido pelas gramáticas normativas, os marcadores condicionais não são limitados a contextos hipotéticos/irreais, são estruturas relacionadas ao uso natural da língua em contextos reais, como parte de algo compartilhado entre os locutores em situações de fala.

Para tentar compreender como os marcadores de subordinação são utilizados de maneira independente, Schwenter (2016) realizou testes comparativos entre essas duas situações. O autor constatou que o *si* condicional em espanhol, no interior de orações subordinadas, é predominantemente usado ao lado de verbos conjugados no modo subjuntivo, como no pretérito imperfeito (17), enquanto na construção insubordinada, a depender do tipo de função linguística exercida, esses verbos são flexionados necessariamente no modo indicativo (18):

- (17) **Si fuera** tu primer día en la Tierra, ¿crees que perderías el tiempo preguntando esas tonterías? (CdE).

Se fosse seu primeiro dia na terra, você acha que perderia seu tempo perguntando essas bobagens?

- (18) —Juan es alto.
—(Pero) **si no sabe** coger rebote
(SCHWENTER, 2016, p. 3).

—Juan é alto.
—(Mas) **se não sabe** pegar rebote.

Essa característica verbal do *si* em seu uso independente é um aspecto previsível, dada a sua finalidade discursiva de expressar, em alguns casos, afirmações com significado pragmático de refutação, o que não seria condizente com modos verbais que expressem

hipótese (subjuntivo). Desse modo, a função e o arranjo sintático de *si* diferem distintamente em orações condicionais subordinadas e em orações independentes.

Gras (2011) observando a conjunção condicional *si* em seu uso insubordinado, mapeou semelhanças e diferenças formais e pragmáticas. A partir dessa constatação, o autor propôs classificações mais específicas, agrupando construções similares (em estrutura e pragmática) como membros de uma mesma classe de CCIs. Como resultado, identificou e descreveu as chamadas “condicionais suspendidas” como aquelas que são formalmente encabeçadas por *si* e apresentam verbos no modo subjuntivo. Do ponto de vista semântico, essas construções expressam desejo e devem ser assim interpretadas de forma inferencial pelo interlocutor:

- (19) “—**¡Si acabara la tesis este verano!**”
(ALARCOS, 1994, p. 381. apud GRAS, 2011, p. 292).

Se eu acabasse a tese este verão!

Gras (2011) igualmente identificou estruturas caracterizadas como intensificadoras assertivas ou interrogativas. Nesses casos, a construção insubordinada pode ser opcionalmente introduzida por *vaya* ou *figúrate*:

- (20) “—**¡Dios mio, si estará loca la pobrecita!**”
(ALARCOS, 1994, p. 382 apud GRAS, 2011, p. 293).

Meu Deus, se está louca a pobrezinha!

- (21) “—**¿Si estaré yo tan lelo como este pobre hombre?**”
(ALARCOS, 1994, p. 380 apud GRAS, 2011, p. 293).

Se estarei eu tão tonto como este coitado?

- (22) “—**¿Y le viste bien?**
—**Vaya si le vi bien.** A un palmo de mí.”
(MONTOLÍO, 1999 p. 368 apud GRAS, 2011, p. 292).

Vá, se eu o vi bem. A um palmo de mim.

O autor discerne ainda CCIs utilizadas como uma estrutura de réplica para apontar uma inadequação no discurso de seu interlocutor. Nesses casos, é comum que a construção seja utilizada com a conjunção adversativa *pero* (no português, “mas”):

- (23) —**¿Por qué has abierto la ventana?**
— **Pero si no he sido yo.**
(MONTOLÍO, 1999b p. 53 apud GRAS, 2011, p. 293).

Mas se não fui eu.

Particularmente, segundo Gras (2011), essas estruturas de réplica (23) são de grande interesse na área da linguística hispânica. Desde o início de suas primeiras menções nas gramáticas de Salvá (1830 apud GRAS, 2011) e Bello (1847 apud GRAS, 2011), as estruturas de réplicas têm ocupado grande espaço em pesquisas linguísticas, como em Contreras (1960), Almela (1985), Montolío (1999), Schwenter (1996), etc. Em diferentes perspectivas teóricas, todos esses trabalhos realizam um exame estritamente gramatical dessas construções. Como resultado, apontam que essa estrutura tem recursos não previstos nos princípios gerais de organização de orações condicionais subordinadas, sobretudo pela ausência sistemática da apódose e rejeição do modo subjuntivo.

No português brasileiro e europeu, Hirata-Vale (2015) também identificou distintas funções pragmático-discursivas desempenhadas por construções condicionais insubordinadas encabeçadas pela conjunção “se”. Para a autora, os aspectos funcionais dessas construções não são determinados pelo seu estatuto sintático, mas discursivo. Logo, a determinação da função pragmática dessas construções envolve a consideração de aspectos de organização textual e discursiva, como a interação entre os interlocutores e a atitude do falante.

Com base na observação desses aspectos, a autora concluiu que, além dessas construções serem utilizadas como uma estratégia de polidez em alguns contextos, também expressam *funções intersubjetivas* na relação entre falante e ouvinte, por exemplo, em pedidos (24), ameaças (25), valor adversativo (26), etc. Hirata-Vale (2015) identificou ainda alguns usos de CCIs com *funções subjetivas*, em que o falante expressa seus desejos/crenças (27), avaliações (28) etc.

- (24) Máiquel: A nossa empresa cuida de... A nossa organização proporciona serviços pra mais de trinta empresas. Aqui está a relação delas. **Se quiser ligar pra confirmar.** (PB/CORPUS BRASILEIRO) (HIRATA-VALE, 2015, p. 58).
- (25) *ERN: esse aqui é [1] nũ tem nada a ver /alistamento militar // xerox dos cartões cê tiver/**porque se cê perder**//então cê já fica com todos os documentos que cê for levar cê/deixa <uns xerox num lugar> separado também //(PB/CORPUS C-ORAL) (HIRATA-VALE, 2015, p. 59).
- (26) — Assim são os desmunidos, que só de um cataclismo regenerador podem esperar auxílio e desagravo.
—Ouve Sixto, ouve, ouve, ouve.
—**Se ninguém fala.**
—Ouve-me do chão, de gatas, queres que te ladre? (PE/CORPUS DO PORTUGUÊS apud HIRATA-VALE, 2015, p. 59).
- (27) Darlene: Um dia é em cima da hora, no outro é antes da hora, se depender de você fico de manicure o resto da vida!

Joel: Podia ser mais amiga, né? **Se a gente sáisse ... Se eu pudesse te conhecer melhor...**

Darlene: Sou séria, tá sabendo? (PB/CORPUS BRASILEIRO) (HIRATA-VALE, 2015, p.61).

- (28) O único projeto que eu tenho é, **se encontrar amanhã uma equipe para fazer cinema, participar de outro filme.** Gosto dessa coisa de mudar de uma cidade para outra. Mas não tem nada no teatro que me motive - talvez se surgir algum papel como ator. Tenho 69 anos e me restam poucos anos de vida. A média de vida dos brasileiros está por aí. Quando chegam aos 60 já estão no lucro. (PB/CORPUS BRASILEIRO) (HIRATA-VALE, 2015, p.61).

Nota-se que o desenvolvimento de uma construção insubordinada inclui uma mudança estrutural para contextos mais amplos (da gramática ao discurso, da sintaxe à pragmática), configurando-se como uma ampliação do alcance semântico dessas construções, expandindo de sentidos proposicionais para interpessoais.

De tal modo, tanto no espanhol (SCHWENTER, 1999, 2016; GRAS, 2011) como no português (HIRATA-VALE, 2015), pesquisas demonstraram que as construções insubordinadas decorrem necessariamente da interação entre interlocutores em contextos dialógicos. Assim, embora apresentem características próprias, a delimitação semântico-pragmática dessas construções não é rígida. Quanto mais apresentem formas fixas e convencionalizadas, maiores serão as especificidades formais e funcionais de uma determinada construção insubordinada.

Tendo em vista a heterogeneidade de funções semântico-pragmáticas que as condicionais insubordinadas podem veicular no português, conforme demonstrado por Hirata-Vale (2015), este trabalho centra-se especificamente nas CCIs de valor adversativo (26) no PB, conforme Hirata-Vale (2015) e Alves e Hirata-Vale (2020, 2021). Assim, na próxima seção, serão detalhadas as especificidades do objeto de estudo deste trabalho, particularizando-o dentre os outros tipos de CCIs apresentadas.

2.2 A CONSTRUÇÃO CONDICIONAL INSUBORDINADA ADVERSATIVA

A priori, todas as construções condicionais insubordinadas apresentam características em comum, isto é, são introduzidas pela conjunção condicional “se” e nunca estão relacionadas a uma apódose explícita, pois configuram-se como um fragmento convencionalizado de caráter autônomo. No interior desse grande grupo, há distinções gramaticais e pragmáticas que criam subcategorias ainda mais especializadas, como as CCIs que expressam cordialidade, ameaça, pedido, e especialmente as CCIs adversativas, que são as construções centrais deste trabalho.

Como abordado na seção anterior, as CCIs de valor adversativo são bastante frequentes no espanhol (SCHWENTER, 2016) e foram, inclusive, objeto de estudo de distintas pesquisas realizadas nessa língua (MONTOLÍO, 1999; SCHWENTER, 1996, ELVIRA-GARCIA, 2016; etc.). De igual modo, no português, Hirata-Vale (2015) identificou a existência e a frequência significativa dessas construções nessa língua. Em ambos os casos, essas construções foram classificadas pela sua natureza dialógica, utilizadas como resposta do enunciado precedente, ao qual estão relacionadas pragmaticamente.

Schwenter (1999, 2001, 2016) e Montolío (1999) foram os pioneiros a lidarem com o tratamento mais sistemático dessas construções no espanhol. Montolío (1999) descreveu os aspectos formais e funcionais das construções nomeadas neste trabalho como “CCIs adversativas”, designando-as como *construções independentes de valor refutativo*. Nessa língua, como aponta a autora, o *si* condicional difere da natureza semântico-pragmática do *si* com valor refutativo. Em relação aos padrões morfossintáticos, essas construções refutativas também se distinguem das construções condicionais subordinadas, porque apresentam, a título de exemplo, tempo e modo verbal particulares.

Uma vez que essas construções refutativas são imperiosamente utilizadas em contextos conversacionais, têm uma alta especificação de registro. Para Montolío (1999), essa especificidade linguística é justificada pelo fato de que essas construções apresentam mínimas chances de serem empregadas em discursos monológicos ou em textos escritos, com exceção dos textos que intencionam retratar um contexto dialógico coloquial.

Um importante aspecto formal descrito pela autora é a imprescindível presença da conjunção *si* na posição inicial dessas construções refutativas. Porém, ao lado desse uso, a conjunção *si* pode ser acompanhada (antecedida) pela conjunção adversativa *pero* (“mas”, em português), como no seguinte exemplo:

- (29) —¿Qué tal? ¿Cómo te va tu coche nuevo?
 —**Pero si** me compré una moto.
 (MONTOLÍO, 1999 p. 40).
- E aí? Como vai o seu carro novo?
 —Mas se eu comprei uma moto.

Casos em que as construções refutativas são encabeçadas por *pero si*, segundo Montolío (1999), são muito frequentes na oralidade. Apesar de essas duas conjunções apresentarem funções divergentes, isto é, sentido adversativo e condicional respectivamente,

ao serem utilizadas em conjunto, compõem uma estrutura que exerce o papel de intensificador semântico dessas construções.

O dado (29) é, então, um exemplo dessa intensificação do valor refutativo causado pela junção dessas duas conjunções. Nesse contexto, a construção refutativa é encabeçada pela conjunção adversativa *pero*, que expressa essencialmente uma ideia de oposição, seguida da conjunção condicional *si*, que expressa, segundo a Gramática Tradicional, uma condição, não uma ideia contrastiva/opositiva.

Schwenter (2016) identificou características formais e funcionais dessas construções e as classificou como independentes e de refutação (“si-oração independente” ou “si-oração de refutação”). Conforme o autor, essas orações são encontradas constantemente na fala, em contextos necessariamente dialógicos de refutação ou objeção imediata ao que o interlocutor acaba de dizer, como no exemplo abaixo:

(30) A: Los primos van a llegar esta tarde.
the cousins go:3 PL to arrive: INF this afternoon]
‘Our cousins are going to arrive this afternoon.’⁵

B: ¡Si ya han llegado esta mañana!
SI already have:3 PL arrive: PAPT this morning
‘They already arrived this morning!’⁶
(SCHWENTER, 2016, p. 2).

A: Nossos primos vão chegar esta tarde.
B: Se já chegaram esta manhã!

Na oração de (A), observa-se um ato de fala em que o falante expõe seu enunciado de modo declarativo. Na sequência, na oração de (B), nota-se que, embora o marcador *si* seja típico em enunciados condicionais subordinados em espanhol, é utilizado neste contexto juntamente com outras características prosódicas para contradizer o que foi dito anteriormente pelo interlocutor (A) com o objetivo de apontar uma incoerência na declaração desse interlocutor.

Para Schwenter (2016), se a conjunção *si* fosse removida da oração (B), não haveria perdas em termos de conteúdo: “¡Ya han llegado esta mañana!”. Por outro lado, no nível pragmático, essa simples mudança provocaria uma perda crucial, já que o caráter refutativo dessa construção desapareceria e, como resultado, a relação entre as falas de (A) e (B) seria menos óbvia.

⁵ “Nossos primos chegarão esta tarde” (SCHWENTER, 2016, p. 2, tradução nossa).

⁶ “Se já chegaram esta manhã!” (Id. Ibid, tradução nossa).

Ainda que esses tipos de construções sejam facilmente compreensíveis, para uma interpretação mais adequada, consoante à intenção pragmática do falante que se vale de uma oração condicional elíptica para se expressar, o contexto deve ser levado em consideração. E essa necessidade de se considerar o contexto decorre do fato de que essas orações podem parecer, a princípio, ambíguas quanto ao seu sentido. Sendo assim, pelo contexto de fala, esta ambiguidade é sanada (SCHWENTER, 2016).

Schwenter (2016) explica que casos como (30) são possíveis porque a conjunção *si* se tornou um conectivo discursivo com distintas funções, passível de ser utilizada de formas distintas da condicionalidade, com significados também contrastivos ou de causalidade.

Para compreender o significado de causalidade exposto por Schwenter (2016), retomase a constatação do próprio autor sobre os impactos da eliminação da conjunção condicional nas CCIs adversativas. Como discutido a partir do exemplo (29), a eliminação da conjunção elementar *si* não interfere no conteúdo proposicional da oração, pois funciona como um componente opcional para demarcar especificamente características pragmáticas, não de conteúdo. Em contrapartida, nas orações condicionais subordinadas prototípicas, a omissão dessa conjunção prejudica diretamente o conteúdo proposicional, visto que o significado condicional dessa conjunção é fundamental para estabelecer o nexo semântico entre a oração principal e a construção subordinada.

Dancygier (1998) e Neves (2000) assumem que o nexo semântico estabelecido entre prótase e apódose também apresenta relações de causalidade. Isto é, a oração introduzida por “se”, na prótase condicional, tem uma base causal hipotética que pode ser interpretada em uma relação causal, ou seja, o ato/situação contido da prótase motiva a proposição da apódose. Essa constatação, por sua vez, reforça a reflexão de Schwenter (2016) acerca das distintas funções discursivas assumidas pela conjunção condicional, justificando o seu significado contrastivo (adversativo) e refutativo em construções condicionais insubordinadas.

Com base nas características formais e funcionais identificadas nas construções independentes refutativas, Montolío (1999) afirma que houve um processo de gramaticalização, em que a forma originalmente condicional dessas construções se transformou em uma estrutura independente, com um nítido grau de autonomia. Para sustentar essa tese, a autora afirma que há uma perda de transparência semântica de *si*, propiciando a codificação de outros valores semânticos e funções discursivas, como nas construções de réplica.

Ao identificar o processo de gramaticalização que viabilizou a formação dessas construções refutativas, a autora reconhece processos de mudanças linguísticas de ordem

morfossintática. Essas mudanças são refletidas principalmente na impossibilidade de uso de verbos no modo subjuntivo e na impossibilidade de coordenação de duas construções refutativas, sendo admissível apenas a justaposição. Os exemplos (31), (32) e (33) demonstram esses três aspectos elencados, respectivamente:

(31) —¿Qué tal? ¿Cómo te va tu coche nuevo?

(a) —Pero si me compré una moto

(b) —Pero si me comprara una moto*

(MONTOLÍO, 1999, p. 40).

—E aí? Como está com o novo carro?

(a)—Mas se eu comprei uma moto!

(b)—Mas se eu me comprasse uma moto*

(32) —¿Vendrás a la reunión de mañana?

(a) —Si he acabado la traducción y si puedo encontrar a alguien que me sustituya en la clase, sí que iré;

(b) —(Pero) si no es mañana y si no estoy convocada.*

(MONTOLÍO, 1999, p. 41).

—Você vem na reunião de amanhã?

(a) —Se acabei a tradução e se posso encontrar alguém que me substitua na aula, sim, irei;

(b) —(Mas) se não é amanhã e se não estou convocada*

(33) —Dale recuerdos a Ana de mi parte esta tarde cuando la veas.

—**Si no voy a verla. Si voy a salir con Marga.**

(MONTOLÍO, 1999, p. 42).

—Mande lembranças para Ana quando vê-la esta tarde por mim.

—Se eu não vou ver ela. Se vou sair com Marga.

As sentenças (b) dos exemplos (31) e (32) apresentam irregularidades no uso da construção refutativa. Especificamente no dado (31), essa sentença demonstra que o modo subjuntivo torna a oração agramatical, pois essas construções não são utilizadas para expressar hipoteticidade, mas factualidade. Esse aspecto morfossintático faz com que as construções independentes refutativas se distingam das construções condicionais prototípicas, que se combinam perfeitamente com esse modo verbal.

Também de forma oposta ao que seria admissível em construções condicionais prototípicas, a sentença (b), no dado (32), demonstra a impossibilidade de coordenação dessas construções. Na sentença (a) desse mesmo exemplo, observa-se uma estrutura condicional organizada sintaticamente por coordenação, atestando a aplicabilidade desse tipo de organização sintática em construções condicionais. Por fim, o dado (33) demonstra a justaposição como uma operação sintática cabível em construções independentes refutativas.

Ao estudar de forma mais complexa as relações semântico-pragmáticas das construções independentes de refutação, Montolío (1999) concluiu que essa estrutura

linguística introduz argumentos, não conclusões. Por esse motivo, essas construções carregam sempre uma informação implícita, uma vez que a conclusão não é explicitada linguisticamente. Então, de modo inferencial, o ouvinte interpreta a conclusão do que foi sugerido pela proposição introduzida pelo “se” com valor refutativo, o que demonstra a natureza inferencial de conclusão que essa construção indiretamente produz.

Nesse sentido, a autora afirma que essas construções são sistematicamente fragmentadas e sofreram elisão da oração principal porque, para os falantes, são provenientes da mesma sentença (apódose): “por que você disse o que acabou de dizer?”. Com isso, seria possível inserir essa apódose em todas as ocorrências, como pode ser resumido no esquema geral de proposição a seguir:

“¿si **p** por qué dices **q**?”

“se **p** por que você fala **q**?”

A aplicabilidade do esquema acima pode ser atestada nos seguintes casos de interação oral entre falantes do espanhol:

- (34) —¿Y la Inesita?
 —**Si acabo de entrar...** [¿Por qué me preguntas acerca de la Inesita?/(¿Por qué has dicho lo que acabas de decir?)]
 (MONTOLÍO, 1999, p. 59).
- E a Inesita?
 —Se acabei de entrar... [Por que você me pergunta sobre a Inesita?/(Por que você me disse o que acabou de dizer?)].
- (35) —Pásame el pastel, por favor.
 —**Si estás a régimen...**[¿Por qué me pides que te pase más pastel?/(¿Por qué has dicho lo que acabas de decir?)]
 (MONTOLÍO, 1999, p. 59).
- Me dê o bolo, por favor.
 —Se você está de regime... [Por que você me pede para te dar mais bolo?/(Por que você me disse o que acabou de dizer?)].
- (36) — Mira, yo te quiero, pero no puedo demostrártelo.
 —**Pero, si yo no te pido que me lo demuestres...** [¿Por qué me dices que el problema es la demostración?/(¿Por qué has dicho lo que acabas de decir?)]
 (MONTOLÍO, 1999, p. 59).
- Olha, eu te amo, mas não posso demonstrar isso.
 —Mas se eu não te peço para me demonstrar... [Por que você me disse que o problema é a demonstração?/(Por que você me disse o que acabou de dizer?)].

Além da função refutativa, essas construções demarcam uma incoerência na informação presente nos enunciados que as antecedem, conferindo um significado de obviedade na oração introduzida pelo *si* (“se”) independente. Em alguma medida, esses enunciados precedentes não são condizentes com o conhecimento prévio de quem os contesta, fato que traz à tona a necessidade da colocação de um *commom ground* na interação.

Ao lado dos aspectos morfossintáticos e semântico-pragmáticos, Montolío (1999) reconhece que o processo de gramaticalização também costuma afetar o plano fonológico, “o que geralmente se traduz em uma redução do corpo fônico do termo afetado. Nesse caso, porém, a alteração do nível fonológico consiste em uma aquisição de uma curva peculiar (...)” (MONTOLÍO, 1999, p. 64, tradução nossa)⁷. Portanto, para a autora, o processo de gramaticalização dessas construções independentes refutativas resultou, no nível fonológico, em uma curva entoativa própria, distinta da prótase condicional. Embora Montolío (1999) tenha feito essa importante constatação, a autora não realizou análises aprofundadas e empíricas sobre o assunto. A menção sobre a diferença entoativa entre construções condicionais prototípicas e construções independentes de refutação em seu trabalho confirma a necessidade de análises prosódicas sobre esse fenômeno linguístico.

Além disso, a percepção de mudança na curva melódica evidencia que o processo de gramaticalização não afeta apenas um elemento em uma determinada construção. Apesar de a maioria dos trabalhos de gramaticalização focarem na análise de um componente linguístico em específico, nota-se que esse processo modifica toda a estrutura, em seus vários níveis e unidades linguísticas. Em particular, no caso dessas construções refutativas, Montolío (1999) observou mudanças para além de uma partícula introdutória (conjunção condicional), incluindo modificações morfossintáticas (especificidade verbal) e fonológicas (curva entoativa). Assim, todo o agrupamento de traços gramaticais, associados de forma sistemática, expressa uma função discursiva de forma interativa.

A incorporação do nível prosódico no tratamento das CCIs adversativas, ao lado dos aspectos morfossintáticos e semântico-pragmáticos, é de suma importância para estabelecer o estatuto de construção gramatical desse fenômeno a partir da perspectiva construcional (GOLDBERG, 1995; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), que reconhece, por definição, o plano fonológico das estruturas linguísticas.

⁷ Trecho traduzido do original: “lo que generalmente se traduce en una reducción del cuerpo fónico del término afectado. En este caso, sin embargo, la afección del nivel fonológico consiste en la “adquisición” de una curva entonativa peculiar (...)” (MONTOLÍO, 1999, p. 64).

As chamadas *construções independentes refutativas* (MONTOLÍO, 1999) foram, em uma perspectiva teórica distinta, descritas por Alves e Hirata-Vale (2020, 2021) no PB. Baseadas na perspectiva funcionalista (NEVES, 2002), nos preceitos de insubordinação inaugurados por Evans (2007) e em pesquisas sobre CCIs no PB (HIRATA-VALE, 2015), as autoras designam essas construções como *CCIs adversativas*. Em estudos descritivos, Alves e Hirata-Vale (2020, 2021) demarcaram as regularidades morfossintáticas e semântico-pragmáticas dessas construções, sem deixar de apontar a necessidade de uma análise prosódica.

Diante disso, nos próximos dois tópicos, serão apresentadas as descrições morfossintáticas e semântico-pragmáticas realizadas por Alves e Hirata-Vale (2020) e, conseqüentemente, o objeto de estudo deste trabalho será mais bem especificado. A descrição realizada pelas autoras demonstrou, a partir de descrições formais e funcionais, o funcionamento desse tipo de construção, evidenciando o seu caráter factual, dialógico, de obviedade e ríspido.

2.2.1 Aspectos Morfossintáticos das CCIs adversativas no PB

Para Alves e Hirata-Vale (2020), a construção condicional insubordinada adversativa ora estudada tem como composição básica uma conjunção “se” independente, isto é, não subordinada a uma oração anterior/principal, ocupa uma posição de réplica, e expressa uma contra-argumentação em desacordo ou com falta de cortesia ao que foi proposto anteriormente. Portanto, do ponto de vista morfossintático, a conjunção “se” com o valor adversativo é um aspecto fundamental e elementar dessas construções.

Essa conjunção “se”, além do valor adversativo e da posição de réplica, é utilizada em estruturas cujos verbos devem estar conjugados no modo indicativo, como nos seguintes exemplos:

- (37) —Carece de alguma cousa? Pedrina respondeu que não, sem encará-lo.
 —Não tenha receios, minha filha. Disponha... (...)
 —**Mas se eu tenho tudo, doutor!**
 (CdP/PB).
- (38) —Minha senhora, venho implorar a Vossa Excelência a honra de uma contradança.
 —**Mas se eu já tenho par para todas...**
 (CdP/PB).
- (39) —No mais (...) pode tratar de vida nova! Nada o prende aqui. Estamos quites.

—Como? **se o senhor ainda não me fez as contas...**
(CdP/PB).

Já que o modo subjuntivo expressa não assertividade em construções condicionais, esse modo verbal não é aceito em CCI's adversativas, pois uma das finalidades dessas construções é refutar uma asserção anterior. O modo indicativo, por expressar factualidade, é o único modo verbal aceito nessas construções. Dessa maneira, se distanciam da natureza semântico-pragmática do “se” condicional prototípico e se aproximam da noção de uma asserção plena, da factualidade dos acontecimentos do mundo real.

Essa característica factual das CCI's adversativas é também um requisito básico para a formação de uma construção desse tipo, tal como explica Montolío (1999):

A retificação de uma premissa já declarada ou estabelecida constitui uma afirmação que não pode ser realizada por meio de uma expressão de virtualidade. Se poderia dizer, então, que esse esquema com *se* não compartilha a mesma natureza semântico-pragmática do *se* condicional, uma vez que se afasta da noção de hipótese para se aproximar do modo de afirmação completa, para a expressão da factualidade dos feitos no mundo real. (MONTOLÍO, 1999, p. 41, tradução nossa).⁸

O modo indicativo no português é composto por seis tempos verbais simples. Deles, cinco puderam ser atestados nas CCI's adversativas, exceto o futuro do pretérito (condicional). De acordo com Montolío (1999), no espanhol, o uso desse tempo verbal também não é esperado, devido à recusa por formas verbais que expressam hipótese ou dúvida, como é o caso do futuro do pretérito.

Em relação aos cinco tempos verbais restantes, isto é, presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito, pretérito mais-que-perfeito e futuro do presente, todos são aceitos em CCI's adversativas (ALVES; HIRATA-VALE, 2020). Segue, então, um exemplo de cada ocorrência, na ordem dos tempos verbais acima elencados:

- (40) —Não faça isso — pediu Leninha, quase gritando, fazendo um esforço doido para não gritar — não faça isso que me machuca!
— **Mas se eu quero machucar mesmo! Se é para machucar!**
(CdP/PB).
- (41) —Esta noite, quero levar você a uma parte.
—Eu não vou!

⁸ Trecho traduzido do original: “La rectificación de una premisa ya enunciada o establecida constituye una aserción que no puede llevarse a cabo mediante una expresión de “virtualidad”. Diríase, pues, que este esquema con *si* no comparte la misma naturaleza semántico-pragmática que el *si* condicional, ya que se aleja de la noción de hipótesis para acercarse al modo de la aserción plena, a la expresión de la factualidad de los hechos en el mundo real.” (MONTOLÍO, 1999, p. 41).

—Como há de ser agora? **Se prometi a Senhora Romana.**
(CdP/PB).

- (42) —Pois saiba que foi ele, quem se atreveu a desfeitear-me.
—Deveras! O Carlito?! Aquele fedelho, aquele biltrezinho... Que atrevido, vou já puxar-lhe as orelhas e esfregá-lo a cachações.
—Arrancar-lhe o coração, e beber-lhe o sangue é o que eu queria... Mas escute, moço, eu preciso dizer-lhe toda a verdade. Eu queria muito bem àquele menino..
—Queria-lhe bem... deveras, Jupira... Ah, por que razão não me falou isso há mais tempo?
Quirino soltou um gemido abafado.
—**Como, se nem eu mesmo sabia?** replicou-lhe a moça.
(CdP/PB).
- (43) “Todos se riam. Ela alargava os olhos, deslumbrada e triste. Mas era ouro! **Se ela até ficara com medo de bulir!** Estava tudo brilhando, lá embaixo... Não queriam acreditar! Pois ia buscar uns torrões”.
(CdP/PB).
- (44) —(...) E passada a adolescência não se pode mais recuperá-la. Com ela foram os nossos sonhos, as nossas experiências mais deliciosas, a liberdade de ser ou não ser.
—Você acha impossível recuperá-la?
—Acho.
—E se nós tentássemos?
—**Como, se de hoje em diante só nos darão o direito de viver equilibrados?**
(CdP/PB).

Como discutido anteriormente e afirmado por Montolíó (1999), verbos que intrinsecamente expressam não factuality não são aceites nessas construções. É fato que, no PB, verbos conjugados no pretérito mais-que-perfeito podem ter usos hipotéticos, como, por exemplo: “Tivera eu a sua força, não precisaria de arma” (CdP/PB). Porém, esse tempo verbal também pode ter usos factuais, como é o caso do exemplo (43). Logo, o pretérito mais-que-perfeito, em sua expressão factual, pode ser admitido nessas construções.

Além da especificidade de modo e tempo verbal, nas CCI's adversativas as locuções verbais anunciam um desenvolvimento gradual da ação. Essas locuções apresentam verbos auxiliares que, sendo combinados com verbos no infinitivo ou gerúndio de um verbo principal, determinam com maior rigor o momento da ação verbal, ação esta que não se define na divisão geral e específica do presente, passado e do futuro (BECHARA, 2009). Abaixo, encontra-se um dado que exemplifica e demonstra tais características:

- (45) —E por que não se desfaz a senhora de semelhante bruto?! No fim de contas, deve ser aborrecido suportar eternamente este orangotango.
—**Se lhe estou dizendo, senhor Duque, que o demônio do bicho tem fardo!**
(CdP/PB).

Alguns pronomes interrogativos (*como, para quê, quem*, etc.) e a própria conjunção adversativa *mas*, igualmente fazem parte, de modo opcional, das CCI's adversativas. Ao

apresentarem esses pronomes ou a conjunção adversativa, enfatiza-se ainda mais a contestação e a falta de cortesia manifestada por essas construções. Além dos exemplos (42) e (44) anteriores, as ocorrências seguintes explicitam o uso dos pronomes interrogativos nessas construções:

- (46) — Agora, à segunda parte, meu arquiteto mirim, vamos construir sete abrigos, duas choças, três cabanas, um rancho e, por último, casa fortaleza.
— **O quê? Se não sei o que um é outro.**
(CdP/PB).
- (47) — Venha comigo... Assim nós conversamos enquanto eu me visto. Só que você vai ter que ficar de olhos fechados.
— **Pra quê, se eu já vi?**
(CdP/PB).

Em outros contextos, tais pronomes podem ser utilizados nas CCI adversativas para retomar de forma elíptica a proposta refutada anteriormente, como no exemplo abaixo:

- (48) — Como há de ser?
— Dize qualquer coisa.
— **Como? (dizer alguma coisa) Se não tenho voz.**
(CdP/PB).

Similarmente, no exemplo (47), nota-se a retomada de um conteúdo elíptico, em que o “para que” substituiu o conteúdo “ficar de olhos fechados”. Esses pronomes, em outros casos (49), podem vir acompanhados de um advérbio (de negação ou afirmação) para intensificar ainda mais a contestação do conteúdo elíptico:

- (49) — Ô seu Manuel de (...), sabe que o vapor sai as dez?
— **Como não (saber)? Se ainda ontem à tarde lho mandei dizer...**
(CdP/PB).

Em relação ao uso da conjunção *mas* atrelada à CCI adversativa, observou-se que essa junção reforça o valor contrastivo sem modificar o valor proposicional da construção (ALVES; HIRATA-VALE, 2020). No espanhol, Montolío (1999) analisou o uso da conjunção adversativa *pero* associada à conjunção condicional *si* como resultado de um processo de gramaticalização. Por essa razão, concluiu ser inadmissível a introdução de algum constituinte oracional entre essas duas conjunções, exceto vocativos e interjeições.

Alves e Hirata-Vale (2020) realizaram testes para averiguar se essa postulação feita por Montolíó (1999) também se confirmaria no PB. E o resultado, como pode ser visto nos exemplos abaixo, é afirmativo:

- (50) Madame Vargas: —A cada passo penso que vão destruir a minha felicidade.
 José: —Mas quem?
 Madame Vargas: —Esta vida! Esta gente!
 José: —**Mas se eu estou a seu lado?**
 (CdP/PB).

Mas, minha amada, se eu estou a seu lado?
Mas, ó, se eu estou a seu lado?
 (ALVES; HIRATA-VALE, 2020, p.25).

- (51) —Não se conformava à insinuação de que Raul vivia Intimamente com Pedrina.
 —**Mas se ele me ama!**
 (CdP/PB).
 —**Mas, menina, se ele me ama!**
 (ALVES; HIRATA-VALE, 2020, p.26).

Constatou-se ainda que a conjunção adversativa “porém” não é uma estrutura frequente nessas construções. Devido ao seu maior grau de formalidade em comparação com a conjunção “mas” que é, de fato, a conjunção adversativa mais prototípica e utilizada na oralidade, é natural que essa conjunção não seja muito utilizada nas CCI's adversativas, sobretudo porque as CCI's são caracterizadas como construções espontâneas e que emergem em contextos informais.

De todo modo, a conjunção adversativa “porém” segue as mesmas regras da conjunção “mas”. Ou seja, sua posição sintática na construção de uma CCI adversativa é necessariamente anterior à conjunção “se”, compondo “porém se”, assim como “mas se”. Além disso, ambas não podem sofrer permutação, como “se mas” “se porém”, o que demonstra uma cristalização e gramaticalização da forma “mas se” e suas variantes no PB (ALVES; HIRATA-VALE, 2021), o que também é identificado em *pero si* no espanhol (MONTOLÍO, 1999).

Outro importante aspecto formal identificado tanto em espanhol (MONTOLÍO, 1999) como em PB (ALVES; HIRATA-VALE, 2020) é a impossibilidade de coordenação, sendo aceitável apenas a justaposição:

- (52) Quantos sabiam do fato comentavam-no com acrimônia. Estava o João Duarte de dentro, com três virgens! Que sátiro! Sempre que a opinião da rua filtrava através das portas, a velha em cólera, bramia, gesticulava, bradava. E João, sem forças, dizia súplice: —**Mas se não é verdade? Se a senhora sabe que não tenho tensões más?** (CdP/PB).

Quanto à organização dos turnos de fala, mesmo que a localização mais regular de uma CCI adversativa seja no início do discurso, é possível que essa construção ocorra após um enunciado prévio, como pode ser observado nos dados (41), (43), (53), dentre outros. Igualmente, é possível que exista alguma outra oração após a ocorrência da CCI adversativa com a finalidade de reiterar a contestação. Essa última característica, em especial, pode ser verificada em:

- (53) —Mas não pense mais no Argemiro, mamãe...
 —Hein! que ideia, não pense no Argemiro! **Mas se ele é o marido que te convém!** Julgas que é muito fácil encontrar um homem que reúna tantos predicados?
 (CdP/PB).

Ante o exposto, do ponto de vista morfossintático, observa-se que as CCIs adversativas apresentam restrições que as caracterizam e, ao mesmo tempo, evidenciam o seu caráter factual. Por isso, admite-se, nessa construção, apenas verbos conjugados no modo indicativo. Para enfatizar ainda mais o seu caráter rude, alguns elementos linguísticos podem ser mobilizados, porém, respeitando as restrições morfossintáticas impostas por essas construções. A presença de pronomes interrogativos e da própria conjunção adversativa, por exemplo, salientam ainda mais as características semântico-pragmáticas de rispidez e de obviedade nessas construções, aspectos estes que serão apresentados a seguir.

2.2.2 Aspectos Semântico- Pragmáticos das CCIs adversativas no PB

Os aspectos morfossintáticos das CCIs adversativas discutidos anteriormente estão relacionados aos seus traços semânticos e pragmáticos. A impossibilidade de uso do modo verbal subjuntivo, por exemplo, é motivada pela falta de cortesia dessas construções, visto que denotam um caráter ríspido, factual e de obviedade em um ato de refutação, como será discutido durante esta seção.

A conjunção “se”, nessas construções, agrega um valor adversativo, fazendo com que essas estruturas manifestem orações contrastivas, opositivas e de contra-argumentação. O sentido adversativo demarcado por “se” estabelece relação com a informação presente no ato de fala anterior, proveniente de outro falante, logo, a oposição não é marcada entre sentenças de um mesmo ato de fala. Isso significa que o valor contrastivo não se expressa no nível oracional, mas conversacional ou discursivo, pois, após uma reação de discordância, o falante exhibe, por meio de uma CCI adversativa, a inconveniência anunciada pelo seu interlocutor.

O percurso para o estabelecimento do caráter adversativo dessas construções está relacionado às máximas de Grice, discutidos no Capítulo 2.1, em que devido à implicatura conversacional e inferências padronizadas, firmou-se o sentido adversativo em detrimento do sentido condicional (SCHWENTER, 2016). Por conseguinte, a implicatura conversacional é assumida como uma característica marcante dessas construções, tendo em vista que o seu sentido adversativo pode ser facilmente percebido na forma de uma conjunção condicional, além de expressar, de modo intencional, rudez, obviedade e ironia (ALVES; HIRATA-VALE, 2020), como pode ser observado no exemplo abaixo:

- (54) —Achas então que devo despedir esta senhora, que me torna a vida agradável, fácil e boa, só por um capricho da minha sogra?
 —Acho.
 —Ora! isso é levar muito longe a minha afeição filial!
 —É uma medida de prudência..
 —**Mas se eu já te disse que estamos na mesma casa e é como se morássemos a cem léguas um do outro!**
 (CdP/PB).

No exemplo, tem-se um contexto dialógico em que dois falantes não apresentam o mesmo ponto de vista sobre uma mesma situação. Enquanto um deles defende que o seu interlocutor deve satisfazer a vontade da sogra, o outro se defende, em especial no ato de fala destacado, expresso por uma CCI adversativa. Nesse momento, o falante manifesta a sua indignação relatando que a recomendação de seu interlocutor é inapropriada, pois embora viva com a sua sogra na mesma casa, não há uma relação próxima entre eles. Para isso, o falante se expressa de forma impaciente, alegando que o interlocutor já sabia da relação distante entre ele e sua sogra, portanto, é uma informação óbvia.

É no trabalho de Montolío (1999) que essas características semântico-pragmáticas de obviedade e rispidez são descritas com detalhes. A autora aponta que construções desse tipo, ou seja, de réplica/contra-argumentação, apresentam, naturalmente, funções discursivas que ameaçam as imagens sociais dos interlocutores. Nesse sentido, princípios de cortesia linguística justificam a premissa de que uma estrutura refutativa (marcada) emerge essencialmente em contextos dialógicos em que existe uma relação de confiança entre os interlocutores.

Fundamentadas nessa constatação, Alves e Hirata-Vale (2020, 2021) concluíram que, também no PB, quanto mais simétrica e de confiança é a relação entre os interlocutores, maior a possibilidade de emergência das CCIs adversativas. Os aspectos de contra-argumentação, obviedade e ironia veiculados por essas construções são implantados pela conjunção *se*.

Porém, a ausência desse elemento formal não torna a construção agramatical ou altera o seu conteúdo proposicional (ALVES; HIRATA-VALE, 2020, 2021), como pode ser atestado a seguir, com a retirada do “se” na construção:

- (55) —É o mais certo! Dizem que estão lhe pondo o cerco.
 —Ora, isso há muito tempo!
 —Mas um dia chega a caipora.
 —**Como? Se ninguém sabe onde ele vive...**
 (CdP/PB apud ALVES e HIRATA-VALE, 2020, p.30).
- Como? Ninguém sabe onde ele vive...**

Ainda que a construção não se torne agramatical, a retirada da conjunção “se” omite todas as características pragmáticas das CCIs adversativas. Com isso, afirma-se que essa conjunção é a responsável por introduzir os valores semântico-pragmáticos nessas construções, tornando-as um tipo específico de estrutura de réplica, com traços pragmáticos mais distintivos. Logo, a conjunção “se” é um aspecto formal e funcional elementar para a constituição das CCIs adversativas.

Como mencionado anteriormente, Montolío (1999) argumenta que as construções independentes de refutação carregam uma questão inferencial e precedente a elas de cunho interrogativo. Seguindo a proposta de gramaticalização da autora, “a elisão sistemática da oração principal é possível porque a sua construção era evidente ao interlocutor, por ser sempre a mesma: por que você disse o que acabou de dizer?” (MONTOLÍO, 1999, p. 50, tradução nossa)⁹. Entretanto, tal conteúdo só pode ser recuperado mediante a presença da conjunção “se”, pois a essa conjunção atribui-se a expressão de obviedade presente nessas construções.

Tal afirmação feita pela autora também foi atestada no PB. Alves e Hirata-Vale (2020) mostraram que a questão subjacente presente nas construções refutativas (MONTOLÍO, 1999) também está presente nas CCIs adversativas. Essa pergunta implícita pode ser recuperada devido à obviedade exprimida pela conjunção “se”, como notável nos exemplos (56) e (57) a seguir:

- (56) —Quê! Pois ele lhe fez presente de todo o doce que recebeu do Norte?
 —**Ora! Se te estou a dizer!** [Por que você me perguntou se ele me fez presente? /Por que você acabou de me perguntar isso?]
 (CdP/PB apud ALVES; HIRATA-VALE, 2020, p.32).

⁹ Trecho traduzido do original: “La elisión sistemática de la cláusula principal se hizo posible porque la reconstrucción de ésta resultaba sencilla para el interlocutor, por ser siempre la misma; a saber: ¿por qué has dicho lo que acabas de decir?” (MONTOLÍO, 1999, p.50).

- (57) —Diga-me uma cousa, D. Firmina!
 —O que é, Aurélia?
 —Mas há de ser franca. Promete-me?
 —**Franca? Mais do que eu sou, menina? Se é este o meu defeito...** [Por que você me pede para ser franca/ para prometer-lhe isso?/ Por que você está me dizendo isso?]
 (CdP/PB apud ALVES; HIRATA-VALE, 2020, p.33).

Assim, se a conjunção “se” fosse eliminada dessas construções, não seria possível recuperar a pergunta implícita presente em todas as ocorrências, porque não mais expressariam obviedade e não mais seriam um tipo específico de construções contra-argumentativas, ou seja, CCIs adversativas. Desse modo, atesta-se, outra vez, a importância da presença dessa conjunção condicional para a constituição dessas construções.

A descrição semântico-pragmática das CCIs adversativas comprova o seu aspecto dialógico e ríspido. Nesse nível de análise linguística, a recusa pelo modo subjuntivo é justificada pelo seu frequente uso em situações de cortesia, o que diverge de um contexto de emergência da CCI adversativa. Logo, a combinação da conjunção condicional com o modo indicativo são os responsáveis por acentuar a característica ríspida dessas construções. Por esse motivo, como demonstrado, se a conjunção “se” for omitida nessas construções, todas as características semânticas e pragmáticas são anuladas, embora não ocorra nenhuma agramaticalidade.

As regularidades das características morfossintáticas e semântico-pragmáticas (ALVES; HIRATA-VALE, 2020, 2021) apresentadas nas duas últimas seções permitem compreender as CCIs adversativas como um tipo de *construção* (GOLDBERG, 1995; TROUGOTT; TROUSDALE, 2013). Assim, o trabalho prévio de descrição realizado por Alves e Hirata-Vale (2020) apontou a necessidade de uma análise de cunho construcional, e ainda para a importância da incorporação do aspecto prosódico.

Nesse sentido, o presente trabalho promove dois tipos de análises complementares sobre as CCIs adversativas. Para isso, na próxima seção, será apresentada a fundamentação teórica construcional, que permitirá analisar os aspectos formais e funcionais dessa construção nesse viés investigativo. Além disso, a relevância da inserção de uma perspectiva cognitivo-funcional em trabalhos de base funcionalista, como os realizados por Alves e Hirata-Vale (2020, 2021) será justificada. Posteriormente, também será exposta a fundamentação teórica relativa à análise prosódica que norteia o estudo entoacional deste trabalho.

3. A ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DA LÍNGUA

Na tradição funcionalista há uma forte tendência de análise dos fenômenos linguísticos pelo processo de gramaticalização. A partir do século XXI, houve uma mudança acentuada nesses trabalhos, principalmente nos de base norte-americana. Desde então, as pesquisas de cunho funcionalista demonstram um maior interesse em compreender os mecanismos que estimulam mudanças linguísticas com base em fatores comunicativos e cognitivos.

Por conseguinte, esses trabalhos passam a enfatizar ainda mais a premissa de que, sendo a linguagem uma faculdade humana, a estrutura da língua revela as propriedades da conceitualização humana do mundo (a experiência do falante) e as propriedades cognitivas do homem. Com isso, o funcionalismo passou, cada vez mais, a adotar uma concepção pancrônica para a compreensão da língua, analisando não apenas as relações sincrônicas e as mudanças diacrônicas dos elementos linguísticos, mas as forças cognitivas e comunicativas que atuam no falante, de modo universal, no momento concreto da comunicação.

Essa nova forma de compreensão da língua criou diferentes modelos de análise de base funcional e cognitiva. Assim, o lugar epistemológico das chamadas Gramáticas de Construção resulta do recente diálogo entre princípios funcionalistas, representados por Givón (1979, 1995), Bybee (2010) e Traugott (2008), e princípios cognitivistas, representados por Goldberg (1995, 2006), Croft (2001), Lakoff (1987), Langacker (1987), etc. Essas duas correntes teóricas já compartilhavam alguns aspectos em comum, como o princípio de que (i) as mudanças linguísticas devem ser estudadas para a compreensão da linguagem; (ii) a rejeição da ideia de autonomia da sintaxe; (iii) a consideração de que o contexto e a cognição são essenciais na elaboração do sentido; (iv) o uso da língua influencia o sistema linguístico, dentre outros.

De acordo com Oliveira (2013), a junção desses princípios teóricos confere um maior rigor analítico nas pesquisas que são desenvolvidas nessa vertente, a qual ficou conhecida como “Modelos Baseados no Uso”, termo inicialmente cunhado por Langacker (1987) e retomado por distintos autores (BYBEE, 2010; CROFT, 2001; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, etc.)¹⁰ de cunho “Cognitivo-Funcional” (FURTADO DA CUNHA, 2012).

Na perspectiva construcional, a competência linguística é definida pelo domínio do conjunto de binômios entre forma e significado, que são apreendidos por meio da experiência do falante. Assim, a unidade linguística formada pelo pareamento de forma e significado e

¹⁰ Alguns linguistas utilizam diferentes termos para descrever esses modelos, como “Teoria Baseada no Uso” (BYBEE, 2010) e “Linguística Funcional Centrada no Uso” (MARTELOTTA, 2003).

que forma a unidade básica da língua é chamada de *construção* (GOLDBERG, 1995 e CROFT, 2001). A construção é definida como qualquer elemento linguístico que tenha sua forma associada diretamente a um sentido/função pragmática específica.

Diferentemente de Lakoff (1987), que incluiu apenas uma abordagem cognitiva para definir a construção e implantou, conseqüentemente, uma outra definição para a construção, Goldberg (1995) e Croft (2001) propõem que, além da construção ser instaurada pelo pareamento simbólico¹¹ de forma e significado, não existe uma distinção entre léxico e gramática. A diferença entre construções lexicais e construções gramaticais é então observada pelo grau de complexidade interna de cada uma delas, de modo que a fronteira entre ambas é difusa. Nesse sentido, afirmam Furtado da Cunha et al. (2016, p. 60):

Para Langacker (1987, 2008) e Croft (2001, 2005), a construção é vista como uma “unidade simbólica convencional”. É uma unidade no sentido de que algum aspecto do signo (ou construção) é tão idiossincrático ou tão frequente que ele é estocado como um pareamento forma e função na mente do usuário. É simbólica porque é um signo, ou seja, uma associação tipicamente arbitrária de forma e função. É convencional, uma vez que é compartilhada por um grupo de falantes.

As construções, que são um padrão de uso convencionalizado, são instauradas a partir do uso efetivo da língua; a língua, por sua vez, fornece uma série de construções existentes que estão cognitivamente armazenadas e são empregadas segundo as intenções e necessidades do falante. Logo, os significados são construídos na situação em que a construção é aplicada, partindo da fusão entre forma e significado.

O pressuposto de que a estrutura linguística é moldada pelo uso no processo de interação e que as formas linguísticas variam em diferentes situações comunicativas é um dos temas centrais dos modelos baseados no uso. A estrutura e o uso linguístico são indissociáveis e, da mesma forma, gramática e discurso se afetam reciprocamente. Além disso, o sistema linguístico não é autônomo na medida em que é baseado fundamentalmente no domínio do uso, instância de produção e compreensão linguística por parte do falante. Por isso, Oliveira (2013, p. 152) afirma que as gramáticas de vertente construcional apresentam “forte apoio na cognição e na experiência”.

O contexto cognitivo interno é tão importante quanto o contexto externo, do ato linguístico propriamente dito. Como resultado, ambos os contextos devem ser sempre considerados a partir de uma dupla dimensão, a da forma e a do sentido. Nessa relação, o

¹¹ A construção é definida a partir de pareamentos tidos como “simbólicos” porque são estabelecidos por associações arbitrárias da forma e do significado (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, p. 8).

contexto externo, regido também pelo contexto interno, motiva os usos linguísticos da mesma forma que são motivados por ele.

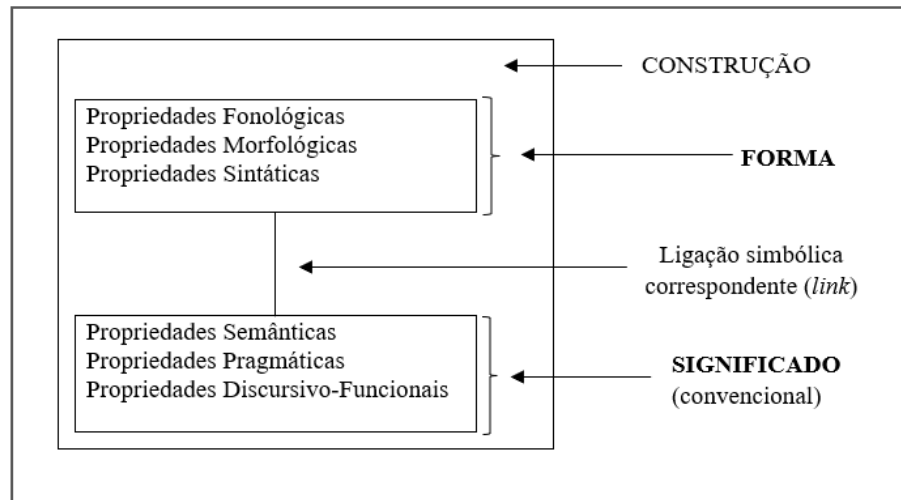
Segundo Bybee (2010), os mecanismos de produção e processamento linguístico são resultados da atuação de processos cognitivos mais gerais, que operam na regularização e abstratização das experiências linguísticas. Nessa perspectiva, a língua não é vista de modo distinto de outros processos cognitivos gerais, como a visão e a memória.

A abstração mencionada acima advém do fato de que a configuração de uma construção é composta por fatores linguísticos (sintático, semântico e conceitual) e fatores não linguísticos (a conceptualização e o contexto), pois o mundo é apreendido não por palavras ou conceitos isolados, mas por redes de ligações que, em conjunto, geram sentidos e forma a língua.

Sendo a língua um reflexo de redes de ligações (construções) conjuntas, ela pode ser observada, segundo Goldberg (2006), a partir de generalizações amplas ou por padrões específicos. Em outras palavras, a língua é vista de uma maneira geral e específica. Isso porque as estruturas conceptuais (não linguísticas) são universais, porém, as construções são específicas de cada língua, pois a ligação simbólica entre forma e significado é interna à construção.

A Gramática de Construção apresenta uma abordagem que reconhece a língua como um sistema flexível. Portanto, como referido anteriormente, defende-se, nessa perspectiva, uma relação gradiente entre os níveis linguísticos e a realidade extralinguística, envolvendo questões de necessidade do falante. Nesse contexto extralinguístico, a construção, sendo dependente da forma e significado, é sustentada, criada, experimentada e alterada.

Entende-se, a partir da proposta de Croft (2001), que toda construção é estruturada pelo elo de correspondência simbólica de forma e significado, em que a forma é composta por propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas, e o significado é composto por propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais, todos convencionalizados, como se vê na figura seguinte:

Figura 1 – Modelo da estrutura simbólica da construção.

Fonte: Adaptado de Croft, (2001, p. 18).

A ilustração acima mostra que a construção é a junção, sem resquícios hierárquicos, da forma e do significado, sendo relacionados por um vínculo simbólico primordial para compreender as relações entre representação (forma) e significação na língua. O vínculo simbólico é primordial porque pressupõe uma correspondência entre traços sintáticos, morfológicos e fonológicos (forma) e a instância semântico-discursiva (significado). Sendo assim, a construção é algo abstrato, porém, é instanciada no uso efetivo e real da língua.

A partir da definição de construção, Croft (2001) demonstra o conjunto de conhecimentos que o falante apreende, de forma convencionalizada, quando assimila uma construção. À vista disso, para investigar os fenômenos linguísticos é necessário considerar, além do contexto de uso, as propriedades formais e funcionais de uma construção.

No que diz respeito à prosódia, as abordagens cognitivas da gramática muitas vezes enfatizam o seu importante papel na organização e formação dos enunciados linguísticos (LAKOFF, 1987). Na perspectiva construcional da língua (FILLMORE, 1985; GOLDBERG, 2006), o parâmetro da entoação é referenciado com a mesma importância. Por isso, apoiados no viés construcional, Garachana e Hilferty (2005) explicitam a importância desse parâmetro prosódico, enfatizando que

o conceito de construção gramatical é uma noção gramatical baseada no pressuposto de que a gramática de uma determinada língua consiste em um conjunto de padrões sintáticos e entoativos, vinculados a certos significados e a certos usos discursivos. (GARACHANA e HILFERTY, 2005, p. 385, tradução nossa¹²).

¹² Do original: El concepto de construcción gramatical es una noción gramatical, basada en el presupuesto de que la gramática de una lengua particular consiste en un conjunto de patrones sintácticos y entoativos, vinculados a ciertos significados y a ciertos usos discursivos." (GARACHANA; HILFERTY, 2005, p. 385).

Todavia, os estudos que abordam os aspectos prosódicos das construções costumam fazê-lo de forma impressionista, respaldados em uma percepção do investigador ou utilizando um único gráfico para exemplificar a curva de entoação de uma construção (ELVIRA-GARCIA, 2016). Nesse sentido, ao adotar a perspectiva construcional da língua, a incorporação do nível prosódico neste estudo é justificada por sua natureza integrativa, pois a prosódia é compreendida como um parâmetro que interage tanto com a estrutura sintática (forma) quanto com o aspecto discursivo (sentido) de uma construção.

Um aspecto da construção muito disseminado em trabalhos de base construcional diz respeito ao seu tamanho. Segundo Traugott e Trousdale (2013), o tamanho de uma construção é variável devido ao fato de não existir uma divisão rígida entre léxico e gramática, posto que a própria noção de construção envolve uma variedade de unidades linguísticas que vão desde unidades morfológicas simples, expressões idiomáticas, até padrões sintáticos abstratos. Assim, os autores propõem três dimensões para a classificação das construções, resumidas no quadro 3 abaixo:

Quadro 3 – As dimensões da construção.

TAMANHO	Atômicas Ex.: <i>red</i> (vermelho), -s	Complexas Ex.: <i>pull strings</i> (mexer os pauzinhos)	Intermediárias Ex.: <i>Bonfire</i> (fogueira)
ESPECIFICIDADE FONOLÓGICA	Substantivas Ex.: <i>Dropout</i> (desistência), -dom	Esquemáticas Ex.: <i>N</i> (substantivo), <i>SAI</i> (inversão auxiliar de sujeito)	Intermediárias Ex.: <i>V-ment</i>
TIPO DE CONCEITO	Lexicais Ex.: <i>red</i> (vermelho), <i>N</i> (substantivo)	Procedurais Ex.: -s, <i>SAI</i> (inversão auxiliar de sujeito)	Intermediárias Ex.: <i>way-construction</i>

Fonte: Adaptado de Traugott e Trousdale (2013, p. 13).

Nota-se que, para Traugott e Trousdale (2013, p.11-13), as construções variam em *dimensão* (tamanho), tipo de *conceito* e grau de *especificidade fonológica*. No que se refere à dimensão, elas podem ser estruturas *atômicas*, *complexas* ou *intermediárias*. As construções atômicas são monomorfêmicas, como o afixo de plural “s” ou a palavra “mãe”. As complexas são construções compostas por partes analisáveis, como “mexer os pauzinhos” (*pull strings*)

ou “guarda-roupa”. Por fim, as construções intermediárias, são derivadas por prefixação e são parcialmente analisáveis, como *bonfire* (“fogueira”), em que se identifica o significado da palavra *fire* (“fogo”) mas não o de *bon*.

Com relação à *especificidade fonológica*, a construção pode ser *substantiva*, *esquemática* ou *intermediária*. A construção substantiva é completamente especificada do ponto de vista fonológico, com por exemplo, a palavra “mãe” e o afixo de plural “s”. A construção esquemática é uma abstração, como um padrão de ordem SVO (sujeito-verbo-objeto), um N (nome) ou um V (verbo). Algumas construções podem também apresentar tanto uma parte substantiva quanto uma esquemática, logo, são consideradas intermediárias, como construções em inglês formadas pelo esquema [V-ment], como “enjoyment” ou o esquema comparativo em português [X é mais Y que Z] “Débora é mais forte que Pedro”, em que X, Y e Z são as partes esquemáticas do esquema.

Quanto ao *tipo de conceito*, as construções são classificadas em *conteúdo* (lexical) ou *procedural* (gramatical). As construções de conteúdo, portanto, se estabelecem no léxico e são representacionais. As construções procedurais, por outro lado, têm um significado abstrato e estão normalmente associadas aos elementos gramaticais, como proposições e conjunções. São exemplos de construções de conteúdo, a palavra “mãe” e “vermelho”, e procedurais, o prefixo de negação “in-”, o afixo de plural “s” e as construções em inglês com inversão de sujeito e auxiliar (abreviadas como SAI), por exemplo: “Do [auxiliar] You [sujeito] know him?”. Há, também, a construção intermediária, em que apresenta simultaneamente propriedades lexicais (conteúdo) e procedurais, como as construções “*way-construction*” no inglês.

Ainda que cada construção possa ser analisada a partir desses conceitos, os modelos construcionais focam em analisar as construções de forma holística e ampla, observando a sua relação com as redes construcionais das quais integra e os processos envolvidos em sua formação. Para Traugott e Trousdale (2013), a organização e o funcionamento da língua são explicados pela relação de redes interligadas por nós, que sofrem, naturalmente, mudanças no decorrer do tempo a depender da estrutura interna de cada língua.

Isso significa que cada língua em particular dispõe de artifícios próprios e específicos para, por exemplo, estabelecer relação entre verbo-complemento, sujeito-objeto, orações principais-subordinadas etc. Tais exemplos de estruturas mais abstratas representam a possibilidade de compreender a língua de forma mais geral, isto é, como um *esquema* abstrato, sendo este um dos níveis da rede construcional da língua.

Assim, o conceito de língua organizada em redes construcionais permite uma visão hierárquica do sistema linguístico, compostos por níveis de *esquema*, como aludido acima,

subsquema e *microconstruções*. Goldberg (1995) reconhece a hierarquia dos níveis linguísticos, oferecendo um enfoque mais formal e organizacional, enquanto Traugott e Trousdale (2013), apoiados e considerando os trabalhos de Goldberg, discutem as diferentes formas de representação construcional da língua a partir de uma perspectiva mais semântica.

Para Traugott e Trousdale (2013, p. 14), os esquemas são abstratizações de uma série de *construtos*, que são instâncias das microconstruções. Quando as microconstruções são colocadas em uso, isto é, utilizadas para propósitos comunicativos específicos, têm-se *construtos*. Por essa razão, os construtos integram uma rede na língua, porque instanciam uma microconstrução. Além disso, têm muita informação pragmática e, em alguns casos, seus sentidos não podem ser recuperados fora de seu contexto de uso (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 16).

Para exemplificar essa postulação, Traugott e Trousdale (2013, p. 14) utilizam o item “mobília”, que é mais geral/abstrato do que “cadeira” e este, mais abstrato do que “poltrona”. Assim, “mobília” é classificado como o “esquema” e engloba membros com características de “mobília”, como “poltrona”, e outros mais periféricos, como “cadeira”. Pensando especificamente nas categorias linguísticas, o “verbo intransitivo” está nas redes dos “verbos”; “*may*”, do inglês, é uma microconstrução do subsquema dos “verbos modais” e “verbos modais” é ainda um subsquema do esquema dos verbos auxiliares.

Essas considerações sobre a organização linguística são representadas por Traugott e Trousdale (2013, p. 16) da seguinte maneira¹³:

Quadro 4 – Organização hierárquica do sistema linguístico.

ESQUEMAS (Abstrato e virtual)
SUBESQUEMAS (conjunto de construções específicas e com função semelhante)
MICROCONSTRUÇÕES (construção <i>type</i> individual)
CONSTRUTO (<i>token</i> empiricamente comprovado, <i>locus</i> de pesquisa funcionalista)

Fonte: Adaptação de Traugott e Trousdale (2013, p. 16).

¹³ Em alguns trabalhos anteriores, Traugott e Trousdale usaram os termos “macroconstrução”, “mesoconstrução” e “microconstrução” para referir-se à “esquema”, “subsquema” e “microconstrução” respectivamente. Porém, os autores afirmam que os esquemas são aproximadamente equivalentes à macroconstruções, subsquemas a mesoconstruções, assim, macro e mesoconstruções são termos redundantes e não são adotados em sua obra de 2013. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 16).

A partir de um ponto de vista sincrônico, Langacker (2008, p. 244) considera que uma construção deve ser avaliada considerando, no mínimo, três diferentes fatores. Tais fatores são necessariamente responsáveis por determinar a regularidade de uma construção, a saber:

1. A *generalidade*, que se relaciona ao grau de esquematicidade presente em um determinado padrão;
2. A *produtividade*, que se relaciona ao grau de acessibilidade de um esquema para sancionar novas expressões;
3. A *composicionalidade*, que se relaciona ao grau de previsibilidade de uma estrutura, a partir das partes que a compõem e do esquema construcional que a sancionou.

Os três parâmetros apresentados acima são propriedades que se definem, em si mesmas, pela gradiência, o que implica admitir a existência de construções menos ou mais esquemáticas, menos ou mais composicionais, menos ou mais produtivas (GOLDBERG, 1995; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Com base em Langacker (2008), Traugott e Trousdale (2013) igualmente discorrem sobre esses aspectos da construção em perspectiva diacrônica. Trousdale (2019 *apud* ROSARIO, 2019) aclara que essas três propriedades podem ser aplicadas tanto em estudos sincrônicos como diacrônicos. A diferença é que, em estudos sincrônicos, a análise desses parâmetros é capaz de explicar as particularidades de uma construção, como realizado no presente estudo com as CCIs adversativas. Por outro lado, em estudos diacrônicos, esses três aspectos explicam as propriedades formais e funcionais de construções que aparentam ter modificado o registro linguístico do ponto de vista histórico.

Para Traugott e Trousdale (2013), a *esquematicidade* está associada aos níveis de estruturação dos diferentes graus de abstratização e generalização. Assim, os esquemas serão sempre os níveis mais abstratos, logo, são também os mais esquemáticos em comparação ao subesquema e à microconstrução. O subesquema assume o nível intermediário enquanto no nível abaixo estão as microconstruções, que se materializam no uso linguístico. Finalmente, no nível mais inferior, estão os construtos, que são as construções em uso.

A esquematicidade ocorre em graus mais gerais ou mais específicos. Quanto mais específico, mais detalhes existem. Na língua, como descrito acima, os esquemas são instanciados por subesquemas, e estes, no nível mais baixo, por microconstruções, que são classes de tipos. Assim, o grau de esquematicidade deve ser considerado da seguinte forma: por um lado, construções altamente esquemáticas e abstratas, e, por outro, construções menos

esquemáticas. O grau de esquematicidade está relacionado ao nível de generalização ou especificidade. Por conseguinte, demarcar o grau de esquematicidade de uma construção é determinar o quão geral ou específica essa construção é, além de verificar sua capacidade de englobar padrões mais específicos.

A *produtividade* é compreendida em termos de frequência. Bybee (2003) e Traugott e Trousdale (2013) distinguem dois tipos de frequência. A frequência *type* refere-se ao número de expressões distintas de uma construção, isto é, as microconstruções que ela consegue instanciar. E a frequência *token*, por outro lado, indica o número de vezes em que esse *type* aparece nos contextos reais de uso, no nível do construto.

Desse modo, na proposta de Traugott e Trousdale (2013), analisar a produtividade de uma construção é observar a forma e o número de vezes que ela surge em ocorrências de uso efetivo. Para exemplificar essa postulação, pode-se pensar no esquema dos verbos no infinitivo do português. Esse esquema sanciona apenas três *types*, pelas terminações -ar, -er, -ir. Contudo, a frequência *token* desse esquema é muito alta no uso concreto da língua.

Outro parâmetro importante para a análise das construções é a *composicionalidade*. Segundo Traugott e Trousdale (2013), a composicionalidade está associada ao grau de transparência existente entre o elo da forma e do significado de uma construção. Os autores explicam ainda que a composicionalidade pode ser avaliada, no nível semântico, quando a construção tem um significado que pode ser recuperado em cada um de seus elementos, isto é, com o significado do todo construído a partir de suas subpartes. No âmbito sintático, quanto mais composicional uma construção se apresenta, mais suas subpartes denotam aspectos gramaticais de suas fontes (origem/natureza).

À vista disso, a composicionalidade é pensada no grau de relação entre características formais e de significado para compor o todo da construção. Então, em uma construção mais composicional, suas subpartes apresentam características inerentes dos elementos linguísticos que contribuem para o significado da construção. Do contrário, em uma construção menos composicional, não há uma correspondência entre os componentes individuais e o significado geral da construção, posto que o sentido é implantado com a leitura do todo.

Com base nos princípios apresentados neste capítulo, nota-se que a abordagem construcional permite correlacionar características formais e semânticas, uma vez que nenhum dos níveis linguísticos é considerado autônomo ou exprime relações hierárquicas. No enfoque construcional, todos os níveis linguísticos recebem igual importância e cooperam entre si (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Assume-se, então, que a prosódia mantém relações intrínsecas com outros domínios linguísticos, além da fonética e da fonologia.

Conforme discutido neste capítulo, a noção de construção gramatical, pelo viés construcional, pressupõe a relação entre a fonologia, sintaxe, semântica e todos os outros domínios linguísticos. É nesse sentido que se pretende, com este trabalho, incluir a entoação como um traço formal na descrição das CCI's adversativas à luz da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995, LANGACKER, 2008, CROFT, 2001, TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Para isso, no próximo capítulo, serão apresentadas as características do nível prosódico, bem como seu escopo de análise e o parâmetro acústico que será observado nas CCI's adversativas.

4. A PROSÓDIA COMO NÍVEL DE ANÁLISE LINGUÍSTICA

Uma das condições para a emergência das CCI's adversativas é a relação simétrica entre os interlocutores em um contexto dialógico e espontâneo de interação linguística. Durante essa interação, o falante monitora a sua própria fala por meio de recursos fisiológicos que garantem o bom controle da produção dos sons a serem articulados (falados) e, assim, suas intenções podem ser marcadas prosodicamente mediante essas construções.

Com base nas propriedades e na quantificação acústica (física) dos sons da fala, a prosódia é um nível linguístico capaz de descrever o modo intrínseco de expressão de um falante ou a maneira de falar de toda uma comunidade. Logo, à prosódia cabe a análise fonética e fonológica das chamadas *unidades da fala* (ou *unidades prosódicas*), o que permite compreender a relação entre a intenção do falante e um modo específico de fala (BARBOSA, 2019).

Essas unidades prosódicas podem ser *sílaba*, *pé*, *palavra fonológica* (ou *palavra prosódica*), *grupo acentual* ou um *sintagma entoacional* e cumprem o papel de organizar a fala em diferentes níveis. A sílaba é a unidade básica da fala, o que significa, portanto, que é a menor unidade de produção. Por outro lado, um sintagma entoacional, construído por um ou mais sintagmas sintáticos, é delimitado pela curva da frequência fundamental (F0) dessa unidade, o que possibilita a percepção de agrupamentos a partir dessas margens, que são assim consideradas pela sensação de uma fronteira terminal ou não terminal do conteúdo da fala.

Sendo assim, a prosódia é vista como o componente da fala que organiza os enunciados, moldando o falar pelo concurso de alterações articulatórias que são manifestadas acusticamente nas unidades prosódicas (BARBOSA, 2019) por meio de seus fenômenos suprasegmentais, como *duração*, *intensidade* e a *entoação*. Logo, ainda que algumas perspectivas assumam os termos “prosódia” e “entoação” como sinônimos, neste trabalho, a entoação é vista como parte da prosódia, juntamente com outras categorias suprasegmentais. (BARBOSA, 2019).

A entoação é a variação voluntária, embora inconsciente, da frequência fundamental – F0 – ao longo da fala. Além de delimitar um sintagma entoacional, a F0 é ainda um dos principais correlatos acústicos da entoação. Esses correlatos físicos são medidas obtidas a partir do enunciado, chamados de *parâmetros prosódicos* ou *parâmetros prosódico-acústicos*, que assinalam a informação prosódica do enunciado.

A F0 é o equivalente acústico da frequência de vibração das pregas vocais, ou seja, corresponde ao número de vezes que elas oscilam em um segundo. Cada vibração das pregas vocais supõe um ciclo ou período e a frequência dessa vibração é medida, geralmente, em Hertz (Hz), cuja unidade de medida equivale ao número de ciclos/períodos que a onda sonora apresenta por segundo. Como a audição humana é caracterizada por discriminar melhor os sons de baixa frequência, medir a F0 em *semitom* é utilizar uma medida que corresponda melhor, em termos de precisão, à percepção auditiva humana. Por isso, alguns pesquisadores preferem medi-la em *semitom*, como neste trabalho.

O parâmetro da duração, como a entoação, também é usado para sinalizar aspectos da estrutura prosódica dos enunciados. As medidas mais comuns utilizadas nesse parâmetro são a duração de unidades silábicas, medidas em *milissegundos* e a duração de unidades superiores às sílabas, medidas em *segundos*. Uma das funções do aspecto da duração, por exemplo, é estruturar o ritmo da fala, que é instaurada em conjunto pela duração de sílaba e intensidade de fala.

Com alguns dos exemplos mencionados, observa-se que o falante controla os parâmetros prosódicos acústicos a partir da articulação da fala para provocar no interlocutor efeitos perceptivos, isto é, sensações, que, diferentemente dos parâmetros acústicos, não têm medidas físicas. Por isso, fazem parte da esfera dos correlatos perceptivos da prosódia e podem ser interpretados de maneira diversa entre os ouvintes, posto que não necessariamente todas as pessoas percebem estímulos sonoros da mesma maneira.

Vê-se então que, nos estudos fonéticos, a prosódia pode ser aplicada para examinar a *produção de fala* (mensurados por correlatos físicos) e a *percepção* dessa fala. A análise dos correlatos perceptivos é relevante para conhecer, de um lado, o potencial de articulação sonora humana e, de outro, os limites de percepção acústica, pois o ser humano não é capaz de distinguir qualquer diferença sonora entre unidades linguísticas.

A título de exemplo, os humanos não são aptos a distinguir, em contexto de fala natural, variações da F0 abaixo de um determinado limiar. Por essa razão, em termos experimentais, realizar análises ou apenas mensurar a variação dos parâmetros acústicos físicos não é suficiente para demarcar diferenças significativas entre duas unidades prosódicas. Faz-se necessário avaliar ainda se essas diferenças são perceptivamente salientes e se provocam sensações distintas no interlocutor. Caso contrário, as diferenças prosódicas não terão uma validade ou função comunicativa efetiva por não serem suficientemente demarcadas/interpretadas durante a interação.

Em função disso, os modelos e teorias prosódicas

procuram fornecer uma explicação da forma como nós produzimos e percebemos a prosódia da fala. Sua primeira preocupação é propor como base uma separação fundamental entre a produção e a percepção da prosódia e entre a produção e percepção de consoantes e vogais. A produção é considerada como tendo por base a sílaba, menor unidade prosódica, a ela se subordinando a produção dos segmentos vocálicos e consonantes (BARBOSA, 2019, p. 109).

Segundo Barbosa (2019), no escopo da percepção da entoação, destaca-se o correlato perceptivo de altura melódica (*pitch*, em inglês). O *pitch* diz respeito à percepção do som como grave ou agudo. O principal parâmetro acústico responsável por gerenciar essa sensação é a F0. Contudo, é necessário salientar que F0 e *pitch* são diferentes. F0 é um parâmetro acústico mensurável e está na esfera de análise do sinal acústico. O *pitch*, por outro lado, é uma sensação sonora, cujo efeito se pode medir pela resposta de um sujeito.

A entoação é um recurso utilizado para expressar distintas funções na língua, capaz de emitir emoções ou atitudes do falante, demarcar *proeminência* (ou *foco contrastivo*), delimitar *segmentação/divisão da sequência falada* em agrupamentos etc. Por isso, a entoação é um dos aspectos prosódicos mais estudados em português, pois esse componente da organização de fala é capaz de distinguir estruturas e assinalar informações ou funções em vários níveis linguísticos, tal como discutido na introdução do presente trabalho.

A segmentação/divisão da sequência de fala não necessariamente tem fronteiras marcadas por meio de pausas ou ritmo de fala. Um critério utilizado para instaurar a delimitação de sintagmas entoacionais é mediado justamente pelo tipo de curva de F0 que finaliza essa unidade prosódica. Portanto, o tipo de curva de F0 possibilita a percepção de agrupamento dessas margens, assim consideradas pela sensação de fronteira terminal ou não terminal relacionada à sensação grave (curva de F0 descendente) e aguda (curva de F0 ascendente). O parâmetro da F0 é também considerado o fator primário para a organização entoacional da fala (BARBOSA, 2019, p. 47).

A frequência de vibração das pregas vocais depende de muitos fatores, pois cada corpo vibratório tem uma frequência de vibração específica e estabelecida por suas características intrínsecas. Assim, peso, tensão, forma, tamanho de abertura etc. são responsáveis pelas diferenças nas frequências vibratórias. Conseqüentemente, um corpo pesado, ou um volume espesso, vibra mais lentamente que um corpo leve. De igual modo, quanto maior a abertura de uma cavidade, mais baixa será a sua frequência de vibração.

Tais propriedades são importantes para compreender a relação entre a articulação dos segmentos de fala e seu resultado acústico. No caso das pregas vocais, os homens costumam tê-las mais espessas do que as mulheres. Esse aspecto fisiológico faz com que a vibração das

pregas masculinas seja mais lenta e, por conseguinte, o tempo de um período apresenta maior duração. Uma vez que a F0 é inversamente proporcional ao período, isso significa que os homens geralmente apresentam uma F0 menor do que as mulheres. Portanto, uma vibração mais lenta leva a um tempo maior e a uma F0 menor. No caso das mulheres, a vibração é comumente mais rápida, assim, o tempo é menor e a F0 é maior.

Devido às interferências naturais e fisiológicas retratadas, para estudar a entoação de diferentes falantes, é necessário, em primeiro lugar, realizar uma standardização da duração de um ciclo de vibração (tempo) para que os aspectos fisiológicos particulares não impeçam que os dados sejam analisados nas mesmas condições.

Além das diferenças discutidas acima, agora explicadas em termos perceptivos, a espessura e outras propriedades das pregas vocais fazem com que os homens apresentem uma sensação (*pitch*) de voz mais grave, as mulheres uma voz mais aguda e as crianças ainda mais aguda. Com isso, infere-se que, do ponto de vista da prosódia perceptiva, a entoação é organizada na cadeia de fala pela variação de sons graves e agudos ao longo dos enunciados.

Na literatura, o acento de *pitch* e o tom de fronteira¹⁴ são assinalados como elementos que organizam a entoação da fala (BARBOSA; MADUREIRA, 2015). Nesse sentido, o tom de fronteira contribui para segmentar a cadeia de fala em enunciados e sintagmas entoacionais e o acento de *pitch* desempenha a função básica de proeminência de uma palavra (ou palavra fonológica¹⁵). Portanto, a articulação de tons de fronteiras e acentos de *pitch* contribui para assinalar e compreender atitudes do falante, expressões de afeto ou depreciação e distinções ilocutórias (como uma pergunta, asserção etc.). Nesse sentido, vê-se que a análise acústica, associada a uma análise perceptiva, são importantes para a compreensão da entoação nas línguas.

A percepção de proeminência de uma palavra também está ligada ao acento de *pitch* e, conseqüentemente, ao tipo de curva de F0. As palavras proeminentes têm sua forma organizada em torno da sílaba tônica de maneira dinâmica (subida ou descida de F0 ou a combinação de ambos) ou estática (níveis baixos ou altos). No português, os contornos de subida, por exemplo, tendem a ser percebidos como indicativos de continuidade na enunciação, ou seja, o falante ainda não finalizou seu discurso por completo (FROTA; VIGÁRIO, 2020).

¹⁴ O *Tom de fronteira* está associado ao limite de cada uma das margens do sintagma entoacional e concorre para a sua demarcação.

¹⁵ A *Palavra fonológica* (ou *palavra prosódica*) é uma unidade prosódica caracterizada por apresentar um único acento primário (lexical ou principal de palavra). Desse modo, na prosódia, grupos clínicos podem ser analisados como uma palavra fonológica ou como membros de uma palavra lexical.

Essas e todas as funções da entoação podem ser classificadas segundo o domínio linguístico afetado. No nível lexical, especificamente em línguas tonais como o japonês e o lituano, o tom é usado para distinguir palavras, portanto, criam pares mínimos. Já em línguas de entoação como o português e o espanhol, o tom não distingue palavras. “Em vez disso, apresentam padrões tonais de nível frasal que transmitem significados abstratos próprios, geralmente relacionados à estrutura de informação do enunciado” (HAYES, 2009, p. 291, tradução nossa)¹⁶, ou seja, atuam no nível semântico-discursivo assinalando uma pergunta ou uma declaração, a título de exemplo.

Na sintaxe, a entoação apresenta função demarcativa, que serve para criar unidades melódicas e agrupar partes do discurso. Essa função é comum a todas as línguas, mas cada uma delas cria agrupamentos de formas diferentes. Nesse nível, a entoação permite a desambiguação entre duas interpretações possíveis, pois pode afetar e guiar a interpretação sintática (BARBOSA, 2019).

No nível semântico, a entoação guia a interpretação correta da frase, pois quando um enunciado é empregado oralmente, considerando também o contexto, diminui a margem de dúvidas sobre as intenções do locutor. Isso significa que as ambiguidades geralmente ocorrem em enunciados escritos, onde os aspectos prosódicos, como a entoação, estão ausentes (BARBOSA, 2019).

No discurso, a entoação auxilia na estruturação dos diálogos. A tomada de turno, a título de exemplo, pode ser cooperativa ou competitiva a depender dos recursos acústicos manipulados pelo falante. No primeiro caso, nota-se geralmente um perfil melódico ascendente, como é o caso das construções interrogativas. Nesse caso, há uma cooperação entre os interlocutores, pois o falante “convida” o interlocutor a cooperar com o diálogo. Já no segundo caso, a F0 do falante mostra-se ligeiramente superior à de seu interlocutor, demonstrando que esse falante quer interromper o turno de seu interlocutor na conversa e, para tal, geralmente utiliza um contorno ascendente para assinalar a tomada de turno.

A entoação exerce ainda funções não linguísticas que assinalam aspectos expressivos da fala. Assim, modificações entoacionais no fluxo de fala podem gerar efeitos expressivos com a finalidade de agradar, de impor a fala e causar outras diversas impressões no ouvinte, dado que as diferentes atitudes do falante frente ao seu interlocutor são assinaladas prosodicamente. Em um depoimento triste, por exemplo, há um esforço vocal maior, demonstrando uma certa dificuldade do falante em comentar o relato. Por outro lado, a alegria

¹⁶ Do original: “Instead, there are phrasal-level pitch patterns which convey abstract meanings of their own, usually related to the information structure of the utterance.” (HAYES, 2009, p. 291).

está associada a uma agitação maior dos articuladores de fala, assinalando um entusiasmo por parte do falante. (BARBOSA, 2019).

Compreendendo a prosódia como um domínio amplo e que dispõe de diferentes recursos para assinalar funções linguísticas, este trabalho considera especificamente o papel da entoação para o tratamento das CCIs adversativas em perspectiva construcional. Nesse sentido, aborda-se a diferença entoacional dos *types* das CCIs adversativas na medida em que se observam peculiaridades em construções introduzidas pelo “se” condicional e construções encabeçadas por um elemento reforçador (conjunção adversativa “mas”, interjeições ou um pronome interrogativo), tal como discutido no segundo capítulo. Considera-se ainda a diferença entoacional entre CCIs adversativas e prótases condicionais subordinadas de mesma estrutura lexical e, com base na descrição de Silvestre (2017), a diferença entoacional entre CCIs adversativas e outros tipos de CCIs, responsáveis por assinalar funções subjetivas.

Estudos prosódicos sobre esses tipos de construções independentes com marcas de subordinação ainda não são frequentes, mas foram tratados em distintas abordagens. Qualquer que seja a perspectiva teórica abordada ou os parâmetros selecionados para análise, os trabalhos que integraram a prosódia na descrição de construções independentes atestam e difundem a relevância desse nível linguístico na caracterização desse fenômeno linguístico. Por isso, na próxima seção, serão apresentados dois desses importantes trabalhos que inspiraram a realização do presente estudo sobre as CCIs adversativas, realizado por Silvestre (2017), no PB e PE, e Elvira-Garcia (2016), no espanhol.

4.1 A PROSÓDIA EM ESTUDOS DE CONSTRUÇÕES INDEPENDENTES

Ao examinar construções independentes, Silvestre (2017) e Elvira-Garcia (2016) apoiaram-se em teorias distintas, mas que mencionavam, sem análises empíricas, a importância do nível prosódico. Motivadas pela carência de um estudo prosódico concreto, essas autoras examinaram o comportamento prosódico dessas construções, estabelecendo relações mais intrínsecas entre sintaxe e fonologia, comprovando hipóteses de trabalhos anteriores (DECAT, 2011; EVANS, 2007).

Silvestre (2017) analisou o comportamento de orações chamadas “subordinadas” pelas Gramáticas Tradicionais, mas que eram usadas sozinhas, sem uma oração núcleo. Para caracterizar esse fenômeno, a autora se baseou na teoria do *desgarramento* cunhada por Decat (2011), e descreveu o comportamento prosódico de orações adverbiais desgarradas no PB e PE.

Decat (2011), em suas considerações sobre o desgarramento em língua oral, fez importantes menções à prosódia. Para a autora, a quebra do andamento da fala (pausa) entre a oração adverbial e sua oração núcleo pode caracterizar um tipo de desgarramento na modalidade oral, servindo, por exemplo, como estratégia de focalização. Desse modo, Decat (2011) define que uma oração pode ser considerada desgarrada ao ser antecedida por uma pausa silenciosa e que tenha um contorno entoacional de início e fim de unidade. A própria autora assume que essas impressões foram estabelecidas de modo intuitivo, isto é, sem uma análise acústica de fato.

Silvestre (2017) analisa os aspectos prosódicos de orações completamente independentes, denominadas *desgarradas totais*, em que o desgarramento não ocorre por uma pausa que separa uma oração adverbial de sua oração principal, pois não há, exceto por inferência, uma oração principal. Para isso, Silvestre (2017) realizou uma análise comparativa entre orações não desgarradas, ou seja, subordinadas prototípicas e orações desgarradas totais, ambas lexicalmente idênticas, encabeçadas por “se”, “já que”, “quando”, “embora” e “para” no PE e PB.

Silvestre (2017), portanto, não diferenciou formalmente ou funcionalmente as orações desgarradas pelo tipo de conjunção encabeçada, analisando-as genericamente como um fenômeno do desgarramento. Usando a abordagem da fonologia prosódica (NESPOR E VOGEL, 1986, 1994, *apud* SILVESTRE, 2017, p. 50), a autora objetivou, especificamente, descrever pistas prosódicas do contorno melódico, duração e gama de variação de F0 das orações desgarradas nessas duas variedades do português, usando o sistema de notação prosódica P_TOBI¹⁷ (FROTA, 2014) adaptado para o português.

No que se refere aos resultados de análise desse estudo, Silvestre (2017) identificou distintas variações de padrões da F0 tanto em orações desgarradas como em não desgarradas. Assim, a autora realizou comparações entre os padrões mais recorrentes para cada uma das variedades do português. Exclusivamente no PB, a maioria das orações desgarradas demonstram um sintagma fonológico inicial composto por um tom baixo seguido de um tom alto na sílaba tônica. Haja vista que esse mesmo comportamento prosódico foi identificado em orações não desgarradas, concluiu-se que, na parte inicial do sintagma entoacional, não há distinções prosódicas entre esses dois tipos de orações examinadas.

Por outro lado, em relação à configuração melódica final, os dados de orações desgarradas no PB apresentaram um padrão melódico predominantemente composto por um

¹⁷ No capítulo de metodologia, nas páginas 84 e 85, explica-se a origem e o funcionamento desse sistema de notação prosódica.

tom baixo seguido de tom alto na sílaba tônica, com finalização ascendente. Nas orações não desgarradas predominaram contornos com fronteiras baixas. Considerando que a maioria dos dados mostraram contornos de fronteiras altas em orações desgarradas e fronteiras baixas em orações não desgarradas, Silvestre (2017) concluiu que a diferença entre essas duas orações é demarcada pelo contorno melódico em posição final, ou seja, no fim do sintagma entoacional.

Ao verificar o parâmetro da duração, a autora também identificou aspectos distintos relativos ao comportamento da última sílaba pós-tônica em orações desgarradas e não desgarradas no PB. Nas orações desgarradas, identificou-se um alongamento da sílaba pós-tônica em relação à pré-tônica e um produtivo alongamento da sílaba final em relação à tônica. Esse resultado evidenciou que, tanto em PB quanto no PE, as orações desgarradas apresentaram maior duração nas sílabas finais quando comparadas às orações não desgarradas.

Nas desgarradas pronunciadas por falantes brasileiros, além de um maior alongamento da última sílaba pós-tônica em comparação com a pré-tônica do PE, “há, ainda, alongamento da sílaba final em relação à tônica, revelando a robustez de tal pista prosódica na caracterização do desgarramento em PB” (SILVESTRE, 2017, p. 159).

Essa investigação do aspecto da duração foi essencial para confirmar uma importante hipótese prévia levantada pela autora. Conforme Silvestre (2017), quando as orações desgarradas apresentassem um contorno final ascendente, esse traço prosódico deveria ser acompanhado por outra pista prosódica para demarcar o desgarramento, pois esse mesmo contorno é comumente descrito como um padrão continuativo, ou seja, quando uma outra informação (oração) será acrescentada na sequência. Considerando que as orações desgarradas totais não apresentam nenhuma continuação sintática, embora apresentem um contorno continuativo, devem ser, de algum modo, compreendidas como construções completas.

Nesse sentido, o comportamento da duração operou de modo muito produtivo nas construções desgarradas, principalmente pelo fato de que a maioria delas demonstrou uma curva melódica com final ascendente, caracterizando um contorno de continuação. Isso significa que, no PB, a duração salientou ainda mais as diferenças existentes entre desgarradas e não desgarradas, porque em orações desgarradas com contornos continuativos, o parâmetro da duração estabeleceu sua completude sintática. Dada essa característica, para Silvestre (2017), o desgarramento total de orações adverbiais pode ser descrito como um fenômeno linguístico em que o falante predominantemente utiliza a pista prosódica de duração

(alongando sílabas finais do sintagma entoacional) para conferir peso fonológico e gramatical à estrutura.

Portanto, o estudo de Silvestre (2017) demonstrou diferenças prosódicas quanto ao contorno melódico e à duração nas orações desgarradas e não desgarradas nas duas variedades do português. No PB, segundo a autora, isso ocorre de forma ainda mais evidente, pois os dados mostraram maiores destaques de pistas prosódicas devido ao fato de existirem, nessa variedade, sintagmas fonológicos ou palavras prosódicas mais robustas em comparação com o PE (SILVESTRE, 2017). A diferenciação entre essas duas variedades do português pode ser pensada ainda em âmbitos mais gerais, além do fenômeno do desgarramento. Segundo Silvestre (2017), análises comparativas entre PE e PB revelaram que a variedade brasileira apresenta comportamento e pistas prosódicas mais salientes (FROTA; VIGÁRIO, 2000).

De modo geral, o estudo de Silvestre (2017) mostrou que tanto no PB quanto no PE há pistas prosódicas que cooperam na classificação de orações desgarradas totais e que o comportamento da duração em sílabas finais é um elemento de suma importância para tais orações. No PB, mais especificamente, principalmente por meio do parâmetro da duração e F0, a autora determinou que as orações desgarradas formavam um padrão fonológico distinto, sustentando a tese de que a prosódia dispõe de recursos necessários para que a oração desgarrada seja compreendida sem a oração principal. O parâmetro prosódico principal para demarcar a independência dessas orações, segundo Silvestre (2017), é a duração e, nesses casos, o contorno melódico atua como uma informação complementar.

Embora muitos estudos descritivos sobre os padrões prosódicos do português afirmem que as orações subordinadas (não desgarradas) apresentam um contorno melódico de continuação (com finalização ascendente) (CAGLIARI, 1991; CUNHA, 2000; TENANI, 2002 apud SILVESTRE, 2017), Silvestre (2017) constatou que essas orações nem sempre, e não necessariamente, apresentavam esse padrão. Observou, então, que não apenas as orações desgarradas são passíveis de variação, mas também as não desgarradas, altamente gramaticalizadas, apresentam variação de F0.

No espanhol, entretanto, Elvira-Garcia (2016) obteve resultados distintos em seu amplo trabalho de descrição de construções independentes, com padrões entoativos menos variáveis. Fundamentada nos preceitos de Evans (2007) sobre o fenômeno da insubordinação, essa autora caracteriza, especificamente pela entoação, oito tipos de construções insubordinadas e cinco tipos de construções elípticas, representadas respectivamente pelas estruturas: <como si + V subjuntivo>, <ni que + V subjuntivo>, <para que + V subjuntivo>, <que + V subjuntivo>, <que + V indicativo>, <que + oração>, <si + V indicativo com valor

de réplica>, <si + V indicativo com valor mirativo> e <porque + V subjuntivo>; e <como + V indicativo>, <como + V subjuntivo>, <para que + V subjuntivo>, <si + V indicativo> e <porque + V indicativo> em espanhol ibérico, considerando variações de quatro regiões: Madri, Barcelona, Sevilha e Cantábria.

Para caracterizar essas construções insubordinadas e elípticas pelo enfoque entoacional, Elvira-Garcia (2016) utiliza a perspectiva construcional da língua. A autora, então, assume que o aspecto formal da entoação está associado aos valores semântico-pragmáticos específicos dessas estruturas e, assim, propôs análises que demonstram a correlação entre entoação e função pragmático-discursiva.

Desse modo, diferentemente de Silvestre (2017), Elvira-Garcia (2016) reconhece essencialmente as diferenças formais e funcionais das construções insubordinadas e elípticas que descreve. Por essa razão, a autora analisa a entoação dessas construções levando em consideração as especificidades das estruturas insubordinadas e seu papel discursivo.

Além da inter-relação com o aspecto do significado da construção, a autora descreve o modo pelo qual a entoação corrobora para a demarcação das construções insubordinadas como construções autônomas. Para isso, Elvira-Garcia (2016) analisa como a sintaxe e a prosódia se afetam reciprocamente.

Dentre as construções insubordinadas analisadas pela autora, destaca-se a estrutura <si + V indicativo com valor de réplica>, conforme discutido no Capítulo 2.2, como *construções independentes refutativas* (MONTOLÍO, 1999), semelhante às CCI's adversativas analisadas no presente trabalho. Para caracterizar essas construções, Elvira-Garcia (2016) considerou a variação das quatro regiões espanholas e a posição da sílaba tônica final das construções gravadas pelos voluntários. Em todas as regiões, e independentemente da posição da sílaba tônica, essas construções apresentaram um contorno melódico final similar, isto é, em tom baixo (decrecente).

Tendo em conta que todas essas construções apresentam um valor de réplica, Elvira-Garcia verificou que os padrões entoativos dessas estruturas eram congruentes com a sua função discursiva, ou seja, com configurações entoativas presentes em construções de foco e contraste de cada uma das variedades estudadas. Logo, essas construções insubordinadas de réplica não apresentaram um contorno melódico único, mas similar a outras construções que apresentavam as mesmas funções pragmáticas de contestação e contra-argumentação.

Elvira-Garcia (2016) realizou testes de percepção prosódica para identificar se os falantes poderiam distingui-las de construções elípticas de mesmo conteúdo lexical. As construções elípticas examinadas pela autora apresentam funções discursivas de dúvida, por

isso, seu contorno melódico final é coerente com construções que desempenham funções similares, apresentando contorno entoativo de suspensão. A autora notou que o aspecto entoativo das construções elípticas difere no contorno entoativo decrescente das construções insubordinadas de réplica e de outras construções que desempenham funções similares no espanhol. Desse modo, embora o conteúdo proposicionado fosse idêntico, a autora esperava que os falantes, por meio da prosódia, reconhecessem corretamente as categorias desses dois tipos de construções no teste de percepção aplicado.

Os resultados do teste de percepção confirmaram as expectativas da autora, atestando a capacidade dos voluntários espanhóis em identificar e distinguir esses dois tipos de construção em sua língua materna. Assim sendo, nesse mesmo teste, a autora pôde compreender que a frequência fundamental é a pista acústica mais marcante para assinalar aspectos formais e funcionais de construções insubordinadas em espanhol.

No PB, Silvestre (2017) também realizou testes de percepção para verificar se os ouvintes perceberiam as orações desgarradas totais e as não desgarradas como estruturas fonológicas essencialmente distintas. Os resultados demonstraram que no PB, as orações desgarradas são compreendidas como um padrão fonológico peculiar, atuando em conjunto com a pista fonética de duração. Assim, enquanto Elvira-Garcia (2016) atribuiu à entoação o papel de assinalar a autonomia sintática de construções independentes no espanhol, no PB, Silvestre (2017) conclui que a duração atua preponderantemente para a caracterização das desgarradas totais, sendo o contorno melódico “uma pista redundante no desgarramento em PB”. (SILVESTRE, 2017, p. 162).

Dessa forma, Elvira-Garcia (2016) determinou que, diante de estímulos segmentais de mesma estrutura, a entoação é uma pista entoacional suficiente para reconhecer o grau de independência sintática de uma construção, mais especificamente, entre elíptica e insubordinada. Com isso, a autora pôde ainda contribuir com os trabalhos de Evans (2007), atestando a suposição do autor mencionada no capítulo 2.1. Pelo detalhado estudo entoacional elaborado por Elvira-Garcia (2016), a hipótese do autor foi confirmada. Simultaneamente, a descrição feita pela autora foi necessária para demonstrar que a entoação de construções lexicalmente idênticas difere a depender do grau de (in)dependência sintática. Assim, construções que ainda apresentam algum grau de dependência sintática, como as elípticas, têm padrões entoativos ascendentes, relacionados à continuação. Por outro lado, construções sintaticamente independentes, como as insubordinadas, apresentam padrões descendentes, relativos às orações finais.

As pesquisas dirigidas por Silvestre (2017) e Elvira-Garcia (2016), embora diferentes, puderam confirmar a relevância do aspecto prosódico para analisar sintaticamente (SILVESTRE, 2017) e semanticamente (ELVIRA-GARCIA, 2016) construções independentes em português e espanhol. Em ambos os trabalhos, comprovou-se que a prosódia é, em alguns casos, o único aspecto formal capaz de caracterizar formalmente esse tipo de construção.

Dada a relevância atribuída à prosódia nesses trabalhos, objetiva-se, no presente estudo, analisar o comportamento entoacional das CCIs adversativas no português brasileiro considerando, como Elvira-Garcia (2016), os aspectos formais e funcionais específicos dessa construção. Por isso, no próximo capítulo, serão apresentados os procedimentos metodológicos utilizados para analisar a entoação e os parâmetros de Langacker (2008) e Traugott e Trousdale (2013), que dizem respeito à generalidade/esquematicidade, à composicionalidade e à produtividade, necessários à análise construcional presente neste trabalho.

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As CCIs adversativas são entendidas, neste trabalho, como um pareamento de forma e significado. Para compreender essas construções a partir de uma perspectiva construcional, dando importância aos seus contextos de uso, buscou-se em *corpora online*, o Corpus do Português (CdP)¹⁸, o Corpus C-Oral – Brasil (RASO; MELLO, 2012) e no NURC-RJ (Projeto Norma Linguística Urbana Culta – RJ)¹⁹, ocorrências de tais construções.

Como será detalhado adiante, a partir dos métodos de busca utilizados em cada um dos *corpora*, cada uma das ocorrências foi analisada de modo individual para atestar, a partir das leituras teóricas realizadas (EVANS, 2007; ALVES; HIRATA-VALE, 2020, 2021), se os resultados correspondiam a uma CCI de valor adversativo. Ao final da seleção dos dados, foram obtidas 69 ocorrências submetidas à análise construcional, segundo os parâmetros de produtividade, composicionalidade e generalidade/esquematicidade (LANGACKER, 2008; TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2013).

O baixo número de dados (*tokens*) encontrados é explicado pelas especificidades contextuais e interacionais das CCIs adversativas. Essas construções pressupõem um contexto essencialmente dialógico, informal e de refutação e requerem uma relação simétrica entre os interlocutores para que essa refutação ocorra de maneira descortês e espontânea. Tais especificidades dificultam, naturalmente, a aparição desses dados em *corpora*. Todavia, essas construções revelaram-se muito produtivas em frequência *type*, como será demonstrado na análise do parâmetro da produtividade.

Além de promover análises e descrições de estruturas linguísticas contemplando seus contextos de uso, a perspectiva teórica adotada reconhece a interligação dos níveis linguísticos e a necessidade de incorporá-los de maneira integrada. Desse modo, a prosódia é reconhecida como cooperante com os demais níveis linguísticos para a definição de uma construção. Por essa razão, o parâmetro da entoação é incluído neste trabalho como um aspecto formal elementar das CCIs adversativas no PB.

Para este fim, criou-se um *corpus* de leitura *ad hoc* de CCIs adversativas e prótases condicionais de mesmo conteúdo lexical. Posteriormente, esses dois tipos de construções foram comparados para verificar se haveria alguma diferença entoacional entre eles, concomitante a uma descrição dos aspectos entoacionais das CCIs adversativas.

¹⁸ Disponível em: <corpusdoportugues.org/hist-gen/>. Acesso em: 08 jan. 2022.

¹⁹ Disponível em: <www.nurcrlj.letas.ufrj.br/>. Acesso em: 08 jan. 2022.

Nas próximas seções, serão detalhados os procedimentos metodológicos utilizados para a composição do *corpus* criado para a análise construcional, e do *corpus ad hoc* para a análise prosódica, bem como os parâmetros e materiais utilizados para cada uma dessas análises.

5.1 CORPUS PARA A ANÁLISE CONSTRUCIONAL

Os dados que compõem o *corpus* criado com a finalidade de analisar as CCIs adversativas pela abordagem construcional foram coletados em *corpora online*. Considerou-se três *corpora*, o Corpus do Português (CdP), o Corpus C-Oral – Brasil (RASO; MELLO, 2012) e o NURC-RJ (Projeto Norma Linguística Urbana Culta – RJ), porém, apenas os dois primeiros *corpora* mencionados apresentaram ocorrências do fenômeno estudado. Cada um dos *corpora* consultados oferece distintas ferramentas de buscas e, como será explicado adiante, apresentam um arranjo diferente que auxiliam no (in)sucesso nas buscas.

O Corpus do Português (CdP) é um banco de dados que contém distintos tipos de registros, oral, ficção, jornalístico e textos acadêmicos do PE e PB. A distribuição dos dados desse *corpus* não reúne ou organiza as ocorrências por esses tipos de produções. Posto que cada um desses registros tem sua especificidade situacional e linguística, é necessário estar ciente dessa mescla de registros, pois esse tipo de configuração do *corpus* pode gerar problemas de interpretação e análise de ocorrências.

Com os dados obtidos desse *corpus*, o valor adversativo pôde ser verificado por seus aspectos formais e funcionais (ALVES; HIRATA-VALE, 2020, 2021) e por seu contexto de uso, uma vez que todas as ocorrências desse *corpus* apresentam um breve contexto discursivo que pode, a critério do pesquisador, ser ainda mais expandido e aprofundado. A expansão do contexto de entorno desses dados, portanto, é um recurso que auxilia na interpretação linguística e contextual das ocorrências, já que esses dados não estão agrupados por tipo de registro.

Por se tratar de um banco de dados extenso, o CdP oferece métodos de buscas automatizadas. A investigação nesse *corpus* ocorreu em sua versão *Gênero/Histórico*, a partir do comando *parts of speech (POS)*. Por meio desse recurso, é possível estabelecer combinações lexicais incitando pesquisas com outras classes gramaticais, pontuação ou tempos e modos verbais específicos. Com o código * (asterisco), é permitido programar buscas por sentenças, em que o espaço preenchido pelo asterisco pode ser preenchido por alguma outra palavra ou pontuação, sem alguma especificidade.

Para criar os modelos de buscas usados nesse *corpus*, considerou-se a descrição das CCIs adversativas realizadas por Alves e Hirata-Vale (2020). Como demonstrado pelas autoras, somente verbos no modo indicativo são admitidos nesse tipo de construção. Logo, as buscas foram norteadas por esse princípio.

A metodologia de busca nesse *corpus* mostrou-se mais complexa e foi a que mais ofereceu dados de análise. Como as CCIs adversativas são prototipicamente iniciadas por “se”, uma das formas de busca foi juntar pontuações como ponto final, exclamação e interrogação com a conjunção condicional “se<pontuação + se>”. Todavia, essa pesquisa não foi a mais adequada, posto que os resultados não necessariamente trouxeram um começo de turno conversacional, ainda que as pontuações escolhidas para a busca fossem planejadas a partir de possíveis construções independentes iniciais, como “Se”, “!Se”, “?Se” e “_Se”, por exemplo.

Nesse corpus, o método (combinação) de busca mais eficiente foi <y* se _pn* _vp*>, equivalente à <pontuação + se + pronome + verbo no presente do indicativo>, pois responde com dados como “? Se você faz”, “. Se eu olho”, etc. Esse mesmo método de busca foi aplicado com o pronome não preenchido/oculto, ou seja, <y* se _vp*>, respondendo com ocorrências como “se faz”, “se olho”. Diferentemente do espanhol, a maioria dos dados extraídos no PB apresentam um pronome explícito. Essa diferença está relacionada à preferência, no espanhol, por uma omissão dos pronomes pessoais, enquanto no português, nota-se um movimento contrário, ou seja, uma frequente explicitação dos pronomes pessoais nos enunciados (CUNHA; OLIVEIRA, 2016).

O C-Oral – Brasil (RASO; MELLO, 2012) é um *corpus* de fala espontânea do PB, gravado sobretudo entre 2008 e 2011 no estado de Minas Gerais. Esse *corpus* é formado por arquivos de áudio de situações conversacionais e suas respectivas transcrições em documentos de textos simples (.txt). Os diálogos foram gravados em contextos cotidianos e informais, por isso, explicitam muitas marcas de oralidade, principalmente mineira.

Tendo em vista que as transcrições do C-ORAL são facilmente acessadas pelo editor de texto *Notepad* (“Bloco de notas”, em português), disponibilizado em todas as versões da *Microsoft Windows*, o método de busca utilizado nesse *corpus* foi simples. No “Bloco de notas”, empregou-se o comando (atalho) de pesquisa “Ctrl+F”, inserindo <pontuação + se +> e <espaço em branco + se>. A partir dos resultados obtidos com essas buscas, analisou-se individualmente cada ocorrência a fim de identificar CCIs adversativas.

Ainda em relação a este *corpus*, é necessário ressaltar as razões pelas quais os áudios contendo as CCIs adversativas não puderam ser utilizadas na análise prosódica. Como será

explicado na próxima seção, os procedimentos metodológicos para a descrição prosódica das CCIs adversativas requerem, necessariamente, uma CCI adversativa e uma prótase condicional subordinada correspondente, isto é, de conteúdo lexical idêntico. Por ser uma condição altamente específica, gerando um provável insucesso de buscas, criou-se então um *corpus ad hoc* para a análise prosódica.

O NURC-RJ também foi um *corpus* consultado, porém, como antecipadamente esperado, não houve êxito nas buscas. A falta de ocorrências de CCIs adversativas nesse *corpus* é explicada por seu caráter formal, em que os interlocutores não têm uma relação simétrica o suficiente para utilizarem uma linguagem informal e espontânea. Dado que as CCIs adversativas emergem em contextos informais e dependem crucialmente de uma relação mais íntima entre os interlocutores (ALVES; HIRATA-VALE, 2021), é de se esperar que *corpora* como o NURC-RJ não apresentem esse tipo de construção. Essa constatação, portanto, corrobora a descrição realizada por Alves e Hirata-Vale (2020, 2021) sobre as CCIs adversativas, pois comprova as especificidades formais e funcionais dessas construções, sobretudo em relação a sua informalidade.

Os dados obtidos dos dois primeiros *corpora* mencionados foram analisados em perspectiva construcional, observando o grau de produtividade, composicionalidade e esquematicidade/generalidade (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; LANGACKER, 2008) das CCIs adversativas, pois são, segundo Langacker (2008), parâmetros essenciais para descrever uma construção.

Traugott e Trousdale (2013) explicam que as construções se diferenciam umas das outras por distinção hierárquica não absoluta²⁰ — nos níveis de esquema, subesquema e microconstrução. Cada um desses níveis hierárquicos tem um grau de generalização e abstração, enquanto o nível do construto é a instância do *token* empiricamente comprovado, isto é, a construção em uso.

Os esquemas e subsquemas são fundamentais para compreender a organização cognitiva da experiência linguística. Essa organização permite que o falante armazene inconscientemente as informações sobre o conjunto de construções da língua e, com base nesse conhecimento, pode criar, por exemplo, novos pareamentos de forma e significado.

²⁰ “Não absoluta” porque a relação existente entre as construções pode mudar, seguindo a dinamicidade natural da língua.

Como discutido no capítulo de fundamentação teórica deste trabalho, o esquema é o nível mais abstrato, e, portanto, apresenta maiores possibilidades de preenchimento do *slot*²¹. Abaixo dele, em um nível intermediário de esquematicidade, encontra-se o nível do subesquema, que abarca construções similares e com especificidades em comum. No nível mais baixo, o das microconstruções, encontram-se construções com seus *slots* já preenchidos e, por essa razão, são mais específicas e menos esquemáticas. Por fim, tem-se os construtos, que são ocorrências (*tokens*) das microconstruções, produzidos pela comunidade falante no uso linguístico.

O grau de esquematicidade de uma construção pode então ser observado pelo grau de preenchimento de *slot* que ela oferece (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Para isso, é possível observar o funcionamento das formas fixas das construções, a sua variação, as possibilidades de alterações (tal como a posição de um item na construção), quais categorias linguísticas são requeridas, tempos verbais aceitos (se for o caso), etc.

A composicionalidade, também discutida no Capítulo 3, faz referência ao grau de transparência entre forma e significado no nível da construção. Esse parâmetro pode ainda ser distinguido entre composicionalidade semântica e composicionalidade sintática.

A composicionalidade semântica diz respeito à soma dos significados das partes que compõem a construção. Conseqüentemente, uma construção é mais composicional do ponto de vista semântico quando os significados de suas partes ainda são recuperados no significado da construção como um todo. Por outro lado, a composicionalidade sintática está relacionada ao grau de integridade morfossintática das subpartes da construção. Nesse caso, uma construção é mais composicional sintaticamente quando suas subpartes retêm as propriedades gramaticais de sua categoria fonte. Sendo assim, é possível verificar o grau de composicionalidade das CCIs adversativas, observando a previsibilidade (ou não) dos itens linguísticos que as compõem.

Para analisar a composicionalidade das CCIs adversativas, utilizaram-se pressupostos formulados por Dancygier (1998). A autora estabelece cinco parâmetros formais e funcionais para que se consiga reconhecer construções condicionais em qualquer língua. Como será explicado no capítulo de análise, embora a CCI adversativa apresente a conjunção condicional mais prototípica (“se”), há uma perda do sentido condicional em decorrência de uma série de

²¹ Os *slots* são posições abertas em um esquema construcional que podem ser preenchidos e, conseqüentemente, formar microconstruções. No esquema [Xmente], por exemplo “X” representa um *slot*, podendo ser preenchido por vários adjetivos, formando “adoravelmente”, “cuidadosamente”, “generosamente” etc.

fatores, o que impossibilita a análise dessas construções como condicionais prototípicas segundo os parâmetros de Dancygier (1998). Logo, a partir desses parâmetros, será possível comprovar que as CCIs adversativas apresentam aspectos formais e funcionais peculiares.

A produtividade, por fim, está ligada à noção de frequência de uso, pela distinção entre frequência *type* e frequência *token*. Logo, a frequência das microconstruções equivale à frequência *type* enquanto a frequência do construto à frequência *token*. A produtividade de uma construção em frequência *token* depende da rotinização resultante do uso e da repetição de um construto por uma comunidade falante. A produtividade da frequência *type*, por outro lado, está relacionada à esquematicidade de uma construção. Conforme Traugott e Trousdale (2013), quanto mais esquemática é uma construção, maior a possibilidade de sancionar outras construções menos esquemáticas. Há, portanto, o reconhecimento de que os esquemas e subesquemas podem se expandir, incorporando novos membros na rede construcional a depender do grau de produtividade de uma construção.

A análise da frequência de uso, que atesta a produtividade de uma construção, fornece evidências empíricas de que as inovações instauradas no fluxo da interação estão se padronizando ou se regularizando na língua como construções formalmente identificáveis. Considerando a importância desse parâmetro, as CCIs adversativas serão analisadas em frequência *type* e *token* e, assim, sobre a sua expansão. Diferentemente dos outros dois parâmetros, a produtividade foi analisada de forma quantitativa. Para isso, os dados foram contabilizados e seus valores foram representados em gráficos e tabelas elaborados no editor de planilhas *Microsoft Excel*.

Para o estudo da composicionalidade e esquematicidade das CCIs adversativas, foi utilizada a descrição realizada por Alves e Hirata-Vale (2020, 2021). Como relatado no capítulo 2, as autoras descreveram os aspectos morfossintáticos e semântico-pragmáticos, bem como os contextos de usos das CCIs adversativas pela abordagem funcional da língua (NEVES, 2000). Assim, esses estudos servem como base para compreender o aspecto formal e funcional das CCIs adversativas, agora em perspectiva construcional (LANGACKER, 2008; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Nesse trabalho de descrição, as autoras reconheceram e justificaram a necessidade de um estudo prosódico sobre essas construções. Para elas, a prosódia poderia, inclusive, indicar e demarcar a independência dessas construções. Desse modo, com o intuito de contribuir com essa descrição anterior, objetiva-se estudar a entoação das CCIs adversativas em perspectiva construcional da língua, seguindo a atual tendência dos estudos de base funcionalista.

Na próxima, seção serão apresentadas as formas de coleta de dados, os materiais (*scripts, softwares*) e todos os procedimentos metodológicos utilizados para a descrição entoacional das CCIs adversativas. Essa descrição será utilizada, ao lado da descrição morfosintática e semântico-pragmática realizada por Alves e Hirata-Vale (2020, 2021), na análise construcional dessas construções.

5.2 CORPUS PARA A ANÁLISE ENTOACIONAL

Para a análise entoacional, criaram-se dois tipos de *corpora ad hoc* com a finalidade de coletar dados de construções subordinadas e CCIs adversativas de mesmo conteúdo proposicional. No caso das CCIs adversativas, foram criados dois *corpora* para averiguar se a presença de algumas categorias gramaticais no início dessas construções modificava os traços entoacionais dessas estruturas. Sendo assim, no total, foram criados três *corpora* distintos, dois referentes à análise e descrição das CCIs adversativas e um para a observação prosódica de construções condicionais subordinadas.

A partir da observação comparativa entre os contornos de F0 das CCIs adversativas e das prótases condicionais das orações subordinadas, descreve-se o comportamento entoacional das CCIs adversativas e especificam-se as diferenças entre esses dois tipos de estruturas.

Uma análise prosódica pode se realizar no eixo sintagmático e no eixo paradigmático (BARBOSA, 2019). Neste trabalho, as CCIs adversativas são observadas nos dois eixos. No eixo sintagmático, serão consideradas as diferenças formais (presença de pronome interrogativo, interjeições etc.) para averiguar se existem diferenças entoacionais entre esses tipos (*types*) de CCIs adversativas. Do ponto de vista paradigmático, serão realizadas análises contrastivas entre prótases de construções subordinadas e CCIs adversativas de mesmo conteúdo lexical para verificar se os falantes diferem, pela entoação, esses dois tipos de construções.

Embora o sistema de notação entoacional TOBI (*Tone and Break Indices*), desenvolvido inicialmente para o inglês (BECKMAN; HISCHBERG; SHATTUCK; HUFNAGEL, 2005 *apud* ELVIRA-GARCIA, 2016), seja muito utilizado em trabalhos de descrição entoacional, como em Silvestre (2017) e Elvira-Garcia (2016), esse modelo não será utilizado no presente estudo. Dessa maneira, esclarece-se que a descrição prosódica elaborada neste trabalho independe de um sistema de notação preexistente. Essa escolha metodológica justifica-se pelo fato de que o TOBI, como dito, foi inicialmente desenvolvido para o inglês,

ainda que alguns pesquisadores tenham criado adaptações desse sistema para outras línguas, incluindo o PE (FROTA, 2014), por exemplo. Apesar dos ajustes realizados, o sistema não deixa de ter suas raízes nas especificidades da língua inglesa, que é naturalmente distinta do PB. Além disso, uma adaptação completa do TOBI pressupõe uma análise fonológica madura, abrangente e aceita por consenso na comunidade do componente entoacional de uma língua particular, um cenário que não é realidade para uma série de línguas. No caso do PB, há vários autores e grupos de pesquisa que propõem análises baseadas nos pressupostos teóricos da fonologia autosegmental, embora nenhum grupo reivindique a autoria de uma adaptação completa do sistema para o PB.

Explicadas, em linhas gerais, as escolhas metodológicas utilizadas para a análise entoacional das CCI's adversativas, nas próximas seções serão detalhados todos os procedimentos adotados de modo particular, iniciando-se pela composição dos *corpora*, perfil dos informantes e os procedimentos utilizados para a extração da entoação.

5.2.1 Coleta de Dados e Formação do Corpus

A prótase das construções subordinadas e as CCI's adversativas encabeçadas por “se” podem ser lexicalmente idênticas. No entanto, aquela é considerada pelos gramáticos como uma parte de uma construção condicional subordinada e, esta, como uma construção independente com um significado replicativo e contrastivo (HIRATA-VALE, 2015; ALVES; HIRATA-VALE, 2020).

Considerando as diferenças sintáticas e semântico-pragmáticas entre essas duas construções, um dos objetivos deste trabalho é verificar se a entoação de prótases condicionais subordinadas e CCI's adversativas são distintas no PB. Para tanto, é imprescindível analisar construções lexicalmente idênticas, pois a dessemelhança na estrutura lexical provoca uma análise ineficiente, provocada pela acentuação tônica das palavras.

Devido à impossibilidade de encontrar um *corpus* de fala coloquial espontâneo que possibilitasse a análise das construções ora estudadas, ou seja, exatamente com o mesmo conteúdo lexical em CCI's adversativas e construções subordinadas, criaram-se dois *corpora ad hoc*. Esses *corpora* foram construídos por meio de gravações efetuadas em ambiente doméstico, já que as restrições sanitárias impostas pela pandemia da COVID-19 impediram gravações no Laboratório de Fonética da UFSCar, como inicialmente planejado.

Na tentativa de lidar com o contexto adverso imposto pela pandemia sem prejudicar o andamento deste trabalho, utilizou-se, inicialmente, a plataforma do *Google Meet*²² para gravar os dados da pesquisa de forma remota, mantendo assim o distanciamento social. No entanto, os áudios dos 11 voluntários que participaram das gravações via *Google Meet* tiveram de ser descartados em função da qualidade sonora, que foi naturalmente alterada quando os sinais elétricos foram transformados em sinais acústicos ou ondas sonoras pelos alto-falantes dos computadores.

Embora esses áudios pudessem ser compreendidos e observados em uma análise oitiva, uma análise acústica requer, necessariamente, uma alta qualidade sonora para que os parâmetros prosódicos possam ser devidamente quantificados. Assim, percebeu-se a necessidade de propor gravações presenciais, sem interferências de dispositivos que pudessem alterar a qualidade do som.

Desse modo, as gravações ocorreram na casa da autora deste estudo. Para tentar garantir uma boa qualidade sonora, foi utilizado um microfone condensador profissional da marca AKG. Além do microfone, foi utilizado um *notebook* como ferramenta de coleta das amostras de áudio. Acima da escrivaninha que apoiava o *notebook* e o microfone, foi depositado um cobertor grosso para tentar amenizar efeitos negativos na qualidade sonora ocasionados por falta de isolamento acústico, problema este que não ocorreria no Laboratório de Fonética.

Os participantes foram gravados de maneira individual e, durante esse processo, respeitou-se o distanciamento de pelo menos um metro entre informante e pesquisadora, esta, sempre utilizando uma máscara protetora. A coleta de dados levou em média 4 semanas para ser concluída e acontecia de acordo com a disponibilidade de horário dos participantes. Após as gravações de cada informante, todo o local e materiais utilizados para as gravações eram devidamente higienizados por questões sanitárias.

Para coletar essas amostras, partiu-se de um discurso chamado *semi-espontâneo* (PRIETO; ROSEANO, 2009 apud ELVIRA-GARCIA, 2016), criando uma variação do que se conhece como *Discourse-Completion Task* (BLUM-KULKA, 1982; BLUM-KULKA; HOUSE; KASPER, 1989 apud ELVIRA-GARCIA, 2016). O *Discourse-Completion Task* (DCT) é uma ferramenta para obter dados de atos de fala em que o entrevistador aponta um contexto ao participante/entrevistado. Com base nesse contexto, o participante tem a liberdade de escolher o tipo de estrutura linguística (nesse caso, prosódica) que deseja utilizar e que, por

²² O *Google Meet* é uma plataforma *online* de videoconferência de fácil acesso, disponibilizada pelo *Google* aos seus usuários.

hipótese, melhor se adequaria à situação apresentada. Com base no DCT, para a coleta de dados de CCIs adversativas e construções condicionais subordinadas, houve uma necessária interação entre informante, entrevistador e contexto.

Especificamente no caso das CCIs adversativas, em primeiro lugar, demonstrou-se ao informante (por escrito e lido pelo entrevistador) um contexto de fala, consciente de que sequencialmente o entrevistador faria uma outra intervenção. No entanto, a fala do entrevistador divergia do conteúdo presente no contexto, configurando assim uma situação contrastiva e propícia à emergência das CCIs adversativas. À vista disso, o informante deveria reagir a essa situação por meio de um enunciado que lhe foi apresentado em seguida, na tela do *notebook* da pesquisadora.

As intenções deste estudo só foram demonstradas aos voluntários após as gravações. No início do experimento, para tranquilizá-los, a pesquisadora explicou sobre a informalidade do contexto das gravações e o anonimato da identidade dos participantes. Explicitou ainda que o propósito do estudo era observar a forma pela qual algumas orações eram ditas por falantes brasileiros. Portanto, foi orientado a cada voluntário que a frase não fosse meramente lida, mas sim, interpretada de forma expressiva, como em uma situação de fala real. Assim, as gravações foram compostas de diálogos semelhante ao exemplo abaixo:

CONTEXTOS: Você sabe que a Marina come verdura todos os dias.
 INTERVENÇÃO DO ENTREVISTADOR: A Maria come chocolate.
 INTERVENÇÃO DO ENTREVISTADO: **Mas se come verdura!**
 (ELVIRA-GARCIA, 2015, p. 56, tradução nossa²³).

Foram elaborados sete tipos de contextos e, conseqüentemente, sete tipos de CCIs adversativas para a obtenção dos dados. Para isso, consideraram-se os aspectos formais dessas construções, descritos por Alves e Hirata-Vale (2020, 2021) e apresentados no Capítulo 2.2 do presente estudo. Como resultado, algumas das CCIs adversativas formuladas foram encabeçadas por “se”, “mas se” ou antecidas por pronomes interrogativos e interjeições. No quadro 5 abaixo é possível visualizar todos os sete contextos (diálogos) criados, com as variações de CCIs adversativas:

²³ Do original: “CONTEXTOS: Sabes que Marina merienda todos los días verdura.
 INTERVENCIÓN DEL ENTREVISTADOR: Marina merienda chocolate.
 INTERVENCIÓN DEL ENTREVISTADO: ¡Pero si merienda verdura!” (ELVIRA-GARCIA, 2015, p. 56).

Quadro 5 – Diálogos para obtenção do primeiro *corpus* de CCIs adversativas.

<p>CONTEXTO 1: Joana, amanhã, vai viajar de avião. INTERVENÇÃO DO ENTREVISTADOR: “Amanhã a Joana vai viajar de carro.” INTERVENÇÃO DO ENTREVISTADO: “Mas Se ela viaja de avião!”</p> <p>CONTEXTO 2: Por causa da pandemia, as aulas de alemão foram canceladas. INTERVENÇÃO DO ENTREVISTADOR: “Vai ter aula de alemão normalmente durante a pandemia.” INTERVENÇÃO DO ENTREVISTADO: “Como? Se foram canceladas!”</p> <p>CONTEXTO 3: A nova temporada de “La Casa de Papel” foi lançada no início da semana. INTERVENÇÃO DO ENTREVISTADOR: “Não vai ter uma nova temporada de “La Casa de Papel”.” INTERVENÇÃO DO ENTREVISTADO: “Se foi lançada!”</p> <p>CONTEXTO 4: Lucas pintará sua nova casa na cor vermelha. INTERVENÇÃO DO ENTREVISTADOR: “O Lucas vai pintar a nova casa dele de roxo.” INTERVENÇÃO DO ENTREVISTADO: “Como? Se ele vai pintar de vermelho!”</p> <p>CONTEXTO 5: O vereador prometeu aulas de piano no Centro Social do bairro. INTERVENÇÃO DO ENTREVISTADOR: “O vereador prometeu shows no Centro Social do bairro.” INTERVENÇÃO DO ENTREVISTADO: “Se prometeu aulas!”</p> <p>CONTEXTO 6: Durante as aulas, a Joana faz anotações em papéis. INTERVENÇÃO DO ENTREVISTADOR: “A Joana faz anotação do computador.” INTERVENÇÃO DO ENTREVISTADO: “Se ela faz no papel!”</p> <p>CONTEXTO 7: Búzios estará com as praias fechadas no ano novo. INTERVENÇÃO DO ENTREVISTADOR: “Eu vou pra Búzios no ano novo.” INTERVENÇÃO DO ENTREVISTADO: “Por quê? Se vai tá fechada!”</p>
--

Fonte: Elaboração própria.

Nota-se que aspectos coloquiais de fala, como a forma reduzida “tá” para o verbo “estar”, foram igualmente inseridos nos contextos formados. Essa escolha é justificada em função da característica informal intrínseca das CCIs adversativas (ALVES E HIRATA-VALE, 2020) e para enfatizar linguisticamente ao entrevistado que não se tratava de um experimento de língua “polida”, colaborando para criar, juntamente com a explicação inicial sobre a informalidade do contexto das gravações, uma situação menos tensa para os informantes.

Para estabelecer uma comparação entre CCIs adversativas e prótases de construções subordinadas, os mesmos voluntários, em seguida, fizeram o mesmo procedimento com construções subordinadas prototípicas, em que cada prótase condicional era relacionada respectivamente a uma das CCIs adversativas das gravações anteriores. Uma vez que essas construções não pressupõem uma condição contrastiva, não foi necessário criar diálogos com discordância de informações. Nesse caso, apenas para situar o participante, lhe foi apresentado o contexto e, na sequência, o informante se expressava. O roteiro de elaboração desse *corpus* pode ser visualizado abaixo:

Quadro 6 – Roteiro para formação dos dados de construções subordinadas.

<p>CONTEXTO 1: Joana, amanhã, vai viajar de avião. INTERVENÇÃO DO ENTREVISTADO: “Se ela viaja de avião, tá se achando.”</p> <p>CONTEXTO 2: Por causa da pandemia, as aulas de alemão foram canceladas. INTERVENÇÃO DO ENTREVISTADO: “Se foram canceladas, não vai ter nada.”</p> <p>CONTEXTO 3: A nova temporada de “La Casa de Papel” foi lançada no início da semana. INTERVENÇÃO DO ENTREVISTADO: “Se foi lançada, então eu vou assistir.”</p> <p>CONTEXTO 4: Lucas pintará sua nova casa na cor vermelha. INTERVENÇÃO DO ENTREVISTADO: “Se ele vai pintar de vermelho, vai ser a única da rua.”</p> <p>CONTEXTO 5: O vereador prometeu aulas de piano no Centro Social do bairro. INTERVENÇÃO DO ENTREVISTADO: “Se prometeu aulas, agora tem que cumprir.”</p> <p>CONTEXTO 6: Durante as aulas, a Joana faz anotações em papéis. INTERVENÇÃO DO ENTREVISTADO: “Se ela faz no papel, então pode perder.”</p> <p>CONTEXTO 7: Búzios estará com as praias fechadas no ano novo. INTERVENÇÃO DO ENTREVISTADO: “Se vai tá fechada, vamos embora.”</p>
--

Fonte: Elaboração própria.

Visto que a proposta inicial era examinar especificamente a prótase condicional, tais áudios foram posteriormente editados com o auxílio do *software* “Praat”²⁴, de modo a excluir a apódose. Logo, como já indicado, somente a prótase foi analisada e comparada com as CCIs adversativas.

O tempo médio de interação com cada informante para obter as gravações foi de 30 minutos, com uma pausa média de 2 minutos após a gravação de um contexto de uma CCI adversativa seguido de um contexto de uma condicional prototípica. Os contextos eram escolhidos de modo intercalado, a partir de construções lexicais não correspondentes. Ou seja, para tornar essas gravações menos monótonas ou sugestionadas, apresentava-se o contexto 3 da CCI adversativa seguida do contexto 7 da construção subordinada prototípica, a título de exemplo.

Além disso, durante as pausas, a pesquisadora buscava interagir com os informantes por meio de assuntos cotidianos informais (trabalho, família, notícias da cidade etc.) para impedir uma possível memorização e repetição irrefletida de um padrão entoacional. Na análise dos dados, a variabilidade dos padrões entoacionais identificados atestaram que esse tipo de fixação foi evitado. Desse modo, os diálogos durante as pausas mostraram-se eficientes, criando ainda uma situação mais amigável (simétrica) entre pesquisadora e informante, deixando as gravações mais próximas de uma situação comunicativa real.

²⁴ As informações e funcionalidades desse *software* são mencionadas na próxima seção do trabalho (página 94).

Após a coleta das gravações dos 5 primeiros falantes, foi realizada uma análise preliminar para apreciar a qualidade sonora dos áudios e a possibilidade de extração das curvas entoacionais. Desse grupo de informantes, não foi possível extrair as curvas de F0 do primeiro participante (*sp1*) devido à má qualidade de áudio. Assim sendo, as gravações de fala desse informante, em particular, não puderam ser submetidas à análise. Entretanto, com a extração e análise preliminar da curva entoacional dos outros quatro falantes (*sp2*, *sp3*, *sp4* e *sp5*), identificou-se que a F0 das CCIs adversativas apresentava um comportamento variável e especificamente nas construções encabeçadas por pronomes interrogativos e interjeições, os quais designam-se “reforçadores”, o comportamento da F0 instaurava uma proeminência inicial. Supôs-se, então, que essa proeminência inicial nas CCIs adversativas com reforçadores ocorria devido à força de ilocução desses elementos.

Para investigar essa hipótese, um novo roteiro para a coleta de dados de CCIs adversativas foi elaborado. Os contextos que não apresentavam um pronome interrogativo ou interjeições (1, 3, 5 e 6) passaram a ser encabeçados por esses reforçadores nesse segundo grupo de gravações, com o intuito de aumentar a quantidade de dados. Feito isso, novas gravações, nas mesmas condições anteriores e com novos participantes, foram efetuadas seguindo esse novo roteiro para a obtenção de dados das CCIs adversativas:

Quadro 7 – Diálogos para a formação do segundo *corpus* de CCIs adversativas.

<p>CONTEXTO 1: Joana, amanhã, vai viajar de avião. INTERVENÇÃO DO ENTREVISTADOR: “Amanhã a Joana vai viajar de carro.” INTERVENÇÃO DO ENTREVISTADO: “<u>Ué</u>, mas Se ela viaja de avião!”</p>
<p>CONTEXTO 2: Por causa da pandemia, as aulas de alemão foram canceladas. INTERVENÇÃO DO ENTREVISTADOR: “Vai ter aula de alemão normalmente durante a pandemia” INTERVENÇÃO DO ENTREVISTADO: “<u>Como?</u> Se foram canceladas!”</p>
<p>CONTEXTO 3: A nova temporada de “La Casa de Papel” foi lançada no início da semana. INTERVENÇÃO DO ENTREVISTADOR: “Não vai ter uma nova temporada de “La Casa de Papel”.” INTERVENÇÃO DO ENTREVISTADO: “<u>Por quê?</u> Se foi lançada!”</p>
<p>CONTEXTO 4: Lucas pintará sua nova casa na cor vermelha. INTERVENÇÃO DO ENTREVISTADOR: “O Lucas vai pintar a nova casa dele de roxo.” INTERVENÇÃO DO ENTREVISTADO: “<u>Como?</u> Se ele vai pintar de vermelho!”</p>
<p>CONTEXTO 5: O vereador prometeu aulas de piano no Centro Social do bairro. INTERVENÇÃO DO ENTREVISTADOR: “O vereador prometeu shows no Centro Social do bairro.” INTERVENÇÃO DO ENTREVISTADO: “<u>Por quê?</u> Se prometeu aulas!”</p>
<p>CONTEXTO 6: Durante as aulas, a Joana faz anotações em papéis. INTERVENÇÃO DO ENTREVISTADOR: “A Joana faz anotação do computador.” INTERVENÇÃO DO ENTREVISTADO: “<u>Ah</u>, se ela faz no papel!”</p>
<p>CONTEXTO 7: Búzios estará com as praias fechadas no ano novo. INTERVENÇÃO DO ENTREVISTADOR: “Eu vou pra Búzios no ano novo.”</p>

INTERVENÇÃO DO ENTREVISTADO: “ <u>Por quê?</u> Se vai tá fechada!”
--

Fonte: Elaboração própria.

Aclara-se que, como elucidado no capítulo 2, a conjunção “mas” também funciona como um tipo de reforçador pragmático nas CCIs adversativas. Porém, na análise prosódica, as construções encabeçadas por essa conjunção não se mostraram relevantemente distintas das construções encabeçadas somente pelo “se”, ao contrário do que foi observado nas construções iniciadas por pronomes interrogativos e interjeições. Por essa razão, no segundo grupo de amostras das CCIs adversativas, estruturas encabeçadas por “mas se” não foram incorporadas ao roteiro.

Com essa mudança, foi possível avaliar, de modo comparativo às gravações anteriores, se os parâmetros prosódico-acústicos das CCIs adversativas manifestavam um comportamento distinto quando encabeçadas por esses dois tipos de elementos reforçadores. Portanto, consoante à teoria da Gramática de Construções (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), foi possível estudar se as variações *types* das CCIs adversativas demarcavam mudanças prosódicas e se as variações da curva de F0 poderiam ser justificadas pela presença/ausência de certas categoriais gramaticais.

Em ambos os *corpora* (CCI adversativa e construções subordinadas) cada voluntário da pesquisa interagiu com o entrevistador por meio dos sete contextos e repetiu a sua fala, em cada contexto, três vezes (7x3), também para garantir a qualidade do áudio. Como resultado, foram obtidas 21 amostras de cada *corpus* por falante, ou seja, 21 dados das CCIs adversativas e 21 das construções subordinadas. Portanto, foram examinados 273 dados de CCIs adversativas e 273 dados de construções subordinadas, totalizando 546 amostras fornecidas por 13 informantes²⁵.

As características desses informantes são variadas, compostas por homens e mulheres de diferentes idades e naturalidades. Para detalhar essas informações, na próxima seção, será abordado o perfil dos voluntários deste presente estudo.

²⁵ Inicialmente, selecionou-se 14 informantes para esta pesquisa. Todavia, como reportado na página 90, as gravações de fala do primeiro participante (*sp1*) foram descartadas em decorrência da má qualidade dos áudios. Sendo assim, no total, apresenta-se um estudo baseado na fala dos outros 13 informantes, mais especificamente, a partir das gravações do segundo falante (*sp2*).

5.2.2 Perfil dos Informantes

O desenvolvimento desta pesquisa ocorreu, em sua maior parte, no contexto da pandemia da COVID-19, demarcado pelo imprescindível distanciamento social. Em função desse cenário, todos os participantes da pesquisa eram vizinhos da pesquisadora, pois já faziam parte de seu convívio social e se enquadravam no perfil de seleção dos informantes previamente elaborado.

Considerando que este é o primeiro trabalho de um estudo prosódico específico das CCIIs adversativas no PB, optou-se por um perfil mais abrangente. As condições impostas eram que todos fossem brasileiros e alfabetizados para que pudessem ler e interpretar a situação comunicativa de forma autônoma. Para tentar despistar as intenções do estudo, elegeram-se informantes sem ensino superior, sem contato explícito com pesquisas acadêmicas e que não estudavam/trabalhavam com áreas relacionadas à linguagem. Desse modo, buscou-se amenizar impactos nas gravações fazendo com que os parâmetros prosódicos não fossem intencionalmente modificados pelos informantes durante a coleta de dados.

Como resultado, o grupo de voluntários é variado, composto de 5 homens e 8 mulheres com idade entre 18 e 65 anos. Embora alguns desses informantes sejam naturais dos estados de Paraná, Minas Gerais e Bahia, todos eles residem, ao menos 18 anos, na cidade de São Carlos, interior de São Paulo:

Quadro 8 – Perfil dos informantes.

FALANTE	GÊNERO	IDADE
<i>Sp 2</i>	Feminino	20 anos
<i>Sp 3</i>	Masculino	48 anos
<i>Sp 4</i>	Feminino	26 anos
<i>Sp 5</i>	Feminino	30 anos
<i>Sp 6</i>	Masculino	54 anos
<i>Sp 7</i>	Masculino	28 anos
<i>Sp 8</i>	Feminino	35 anos
<i>Sp 9</i>	Masculino	27 anos
<i>Sp 10</i>	Feminino	31 anos
<i>Sp 11</i>	Feminino	18 anos
<i>Sp 12</i>	Masculino	30 anos

Sp 13	Feminino	65 anos
Sp 14	Feminino	19 anos

Fonte: Elaboração própria.

Com as informações presentes no quadro 8 acima, nota-se uma heterogeneidade no aspecto da idade dos participantes. Em função disso, calcularam-se as três medidas de tendência central mais utilizadas no campo da estatística, a *média aritmética*, a *mediana* e a *moda* da idade dos voluntários. Por meio desses dados estatísticos, é possível simplificar e representar a variabilidade da idade dos informantes em um único dado, em cada tipo de tendência central calculada. Esses dados representativos podem ser visualizados na tabela 1 abaixo:

Tabela 1 – Dados estatísticos (medidas de tendência central) da idade dos informantes.

Média Aritmética	Mediana	Moda
33 anos	35 anos	30 anos

Fonte: Elaboração própria.

Um dado comum aos voluntários da pesquisa, como explicado anteriormente, é que todos já conheciam a pesquisadora, por serem seus vizinhos. Uma vez que as CCIs adversativas dependem de uma relação simétrica entre os interlocutores para emergirem, a relação mais íntima entre pesquisadora e entrevistados colaborou para que participantes se sentissem mais cómodos para interpretar as suas falas de forma mais expressiva, deixando-as mais próximas de um contexto comunicativo real.

Explicadas as etapas para a coleta de amostras, bem como o perfil dos informantes, na próxima seção, serão apresentadas as ferramentas utilizadas para a obtenção da curva entoacional das construções analisadas. Visto que o perfil dos informantes é variado, foi preciso realizar alguns procedimentos para impedir que essas diferenças não interferissem negativamente na descrição das amostras. Para isso, foram utilizadas algumas técnicas de normalização, as quais serão explicadas na sequência.

5.2.3 Procedimentos Para a Extração de F0 Normalizada

Dentre as 21 amostras de CCIs adversativas e as 21 amostras de construções condicionais subordinadas fornecidas por cada informante, elegeu-se uma gravação, a de

melhor qualidade sonora, de cada contexto por participante. Desse modo, as 7 gravações de CCIs adversativas e suas respectivas 7 gravações de construções subordinadas, por falante, foram submetidas ao *software* “Praat” (BOERSMA; WEENINK, 2015) para serem, em primeiro lugar, editadas e cortadas, mantendo apenas os fragmentos de análise em cada arquivo, isto é, a CCI adversativa e a prótase da construção condicional.

O *Praat* é muito utilizado em estudos acústicos e foi desenvolvido especialmente para análises fonéticas pelo Instituto de Ciências Fonéticas da Universidade de Amsterdam. Esse *software* é capaz de gravar e ler diversos formatos de áudios, além de gerar gráficos úteis à análise fonética, como espectrogramas e oscilogramas, a título de exemplo, e extrair informações acústicas como F0, intensidade, duração etc.

Uma das vantagens dessa ferramenta é a sua linguagem própria e de fácil interpretação que permite criar e executar comandos de *scripts*. Os *scripts* são processamentos por lotes (*batch process*) com listas em códigos de informática contendo instruções específicas para *softwares*, sobretudo com o objetivo de automatizar tarefas complexas em uma interface. Portanto, além de oferecer comandos básicos de uma linguagem de programação, criação de funções de controle e operações matemáticas, o *Praat* disponibiliza uma ampla possibilidade de análises que seriam impossíveis (ou demasiadamente trabalhosas) se fossem realizadas manualmente.

Como indicado, no *Praat*, as amostras de áudios foram recortadas para isolar a parte de interesse de análise. A parte do contexto e, no caso das CCIs adversativas, da intervenção do entrevistador, eram importantes somente no momento da coleta de dados, para criar condições mais favoráveis ao uso e interpretação dessas construções. Após essa etapa de seleção e recorte dos áudios, iniciou-se a extração do contorno da frequência fundamental das CCIs adversativas e das prótases condicionais de forma automatizada, utilizando um recurso disponível no *Praat* para essa função.

Em seguida, esses contornos foram submetidos a uma técnica denominada *normalização temporal* com a ajuda de um *script* desenvolvido por Arantes (2021). A técnica de normalização temporal é frequentemente aplicada em casos de comparação entre condições linguísticas semelhantes, mas que poderiam gerar contornos de entoação distintos. Desde a elaboração do projeto que resultou no desenvolvimento desta pesquisa, supôs-se que as CCIs adversativas e as construções subordinadas de mesma estrutura sintática gerariam contornos entoacionais diferentes, por serem estruturas fonológicas distintas. Por essa razão, a técnica de normalização temporal como parte de um procedimento metodológico deste estudo é muito

importante, pois, como discutido no capítulo 4, a duração de uma sentença interfere em sua curva de entoação.

Tal importância reside no fato de que as construções elaboradas para análise, no interior de cada um dos *corpora*, não apresentam o mesmo número de sílabas ou o mesmo conteúdo proposicional. Essa desproporção causa uma variação de duração dos contornos entoacionais devido ao número de sílabas presente nessas construções, isto é, por questões estruturais (tamanho).

Outros aspectos que interferem na curva de entoação estão ligados às características fisiológicas e pessoais dos indivíduos. Como discutido na parte de fundamentação teórica prosódica (Capítulo 4), fatores como gênero e idade interferem na vibração das pregas vocais e, conseqüentemente, na F0. Por esse motivo, por meio do *script*, a estratégia aplicada consiste em converter as curvas de F0 geradas em Hertz pelo *Praat* para uma escala de semitom, usando como referência o valor mínimo de F0 para cada curva analisada.

Além disso, outra técnica de normalização também necessitou ser aplicada, denominada *suavização da curva de F0* (ARANTES, 2021) bruta. Esta suavização da curva de F0 serve para amenizar os efeitos micromelódicos (que não são percebidos pelos ouvintes) e que podem não ser do interesse do analista. Tais efeitos são variações muito pontuais da F0 que são resultantes, por exemplo, de fronteiras entre segmentos vozeados e desvozeados e que em domínio comparável, como é o caso deste trabalho, podem atrapalhar as análises.

De modo geral, nota-se que a aplicação da normalização de tempo e da normalização de F0 minimizam, portanto, interferências de aspectos linguísticos e não linguísticos irrelevantes para a análise dos contornos de F0, além de proporcionar análises contrastivas entre estruturas semelhantes, porém, produzidas por distintos falantes. A execução desses procedimentos (*scripts*) está relacionada e é dependente de alguns arquivos criados antecipadamente pelo *Praat*.

O *script* de normalização temporal (ARANTES, 2021) produz um contorno de F0 normalizado com o tempo a partir de dois itens de entrada: um contorno de F0 bruto, inicialmente criado e armazenado em um objeto *Pitch*, e a segmentação de intervalo, elaborada e fornecida pelo usuário em um objeto *TextGrid*. Tanto o objeto *Pitch* quanto o *TextGrid* são tipos de documentos criados no *Praat* para salvar, como dito, informações de F0 bruto e segmentação de intervalo, respectivamente.

Para que esses dois arquivos sejam criados, é necessário que o usuário execute os arquivos de áudios a serem estudados de forma individual. Fundamentado nesse arquivo, o usuário deve criar, em primeiro lugar, seu *TextGrid*, com ao menos uma camada de

segmentação com o mesmo número de intervalo em todos os materiais analisados. Neste estudo, foi utilizada apenas uma camada de segmentação com o mesmo número de intervalos.

A segmentação de intervalos em cada trecho analisado não se deu por palavras, uma vez que a maioria das orações apresentavam palavras monossilábicas ou gramaticais, como o sintagma “de avião”, para exemplificar. Do ponto de vista prosódico, elementos desse tipo (“de”) tornam-se clíticos de palavras de conteúdo, instituindo assim uma palavra fonológica/prosódica. Isso significa que, nesses casos, as articulações prosódicas não afetam o clítico ou a palavra de conteúdo de forma separada, mas ambas, como um todo.

Além dessa premissa teórica, a escolha do tipo de segmentação baseou-se em uma hipótese decorrente da escuta e análise preliminar dos dados. Observou-se que as amostras sugeriam que as principais diferenças prosódicas entre CCIs adversativas e prótases condicionais estavam centradas na última parte de cada contexto, finalizado por palavras prosódicas ou palavras de conteúdo.

Portanto, essa constatação antecipada também favoreceu a decisão de segmentar os dados em dois intervalos, de modo a demarcar a última palavra (fonológica ou de conteúdo) de cada contexto, como pode ser visto no quadro a seguir:

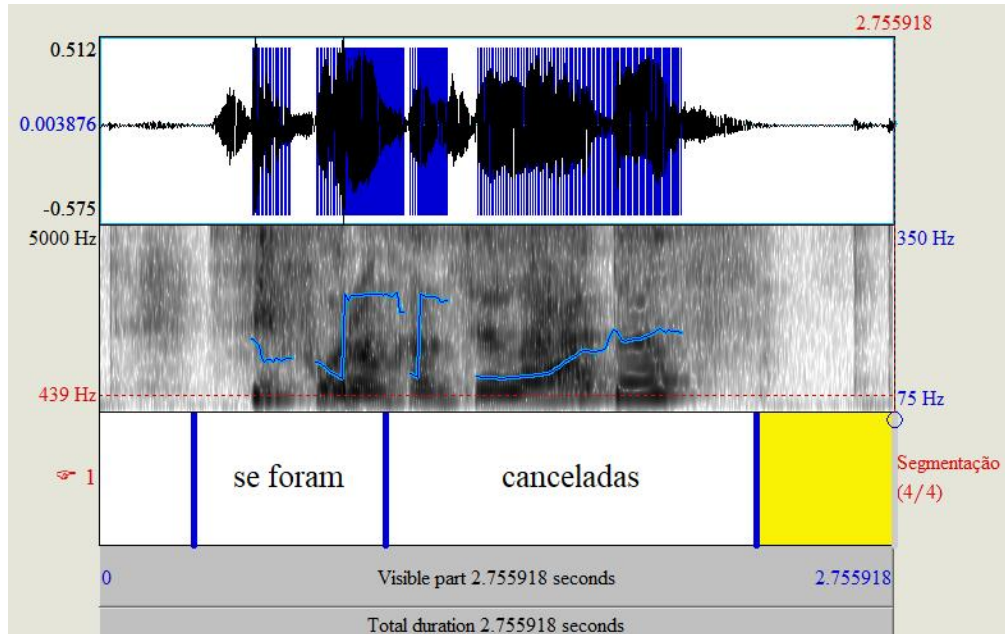
Quadro 9 – Demonstração da forma de segmentação de intervalos das amostras.

CONTEXTO 1	CCI: mas se ela viaja de avião. SUBORDINADA: se ela viaja de avião.
CONTEXTO 2	CCI: se foram canceladas. SUBORDINADA: se foram canceladas.
CONTEXTO 3	CCI: se foi lançada. SUBORDINADA: se foi lançada.
CONTEXTO 4	CCI: se ele vai pintar de vermelho. SUBORDINADA: se ele vai pintar de vermelho.
CONTEXTO 5	CCI: se prometeu aulas. SUBORDINADA: se prometeu aulas.
CONTEXTO 6	CCI: se ela faz no papel. SUBORDINADA: se ela faz no papel.
CONTEXTO 7	CCI: se vai tá fechada. SUBORDINADA: se vai tá fechada.

Fonte: Elaboração própria.

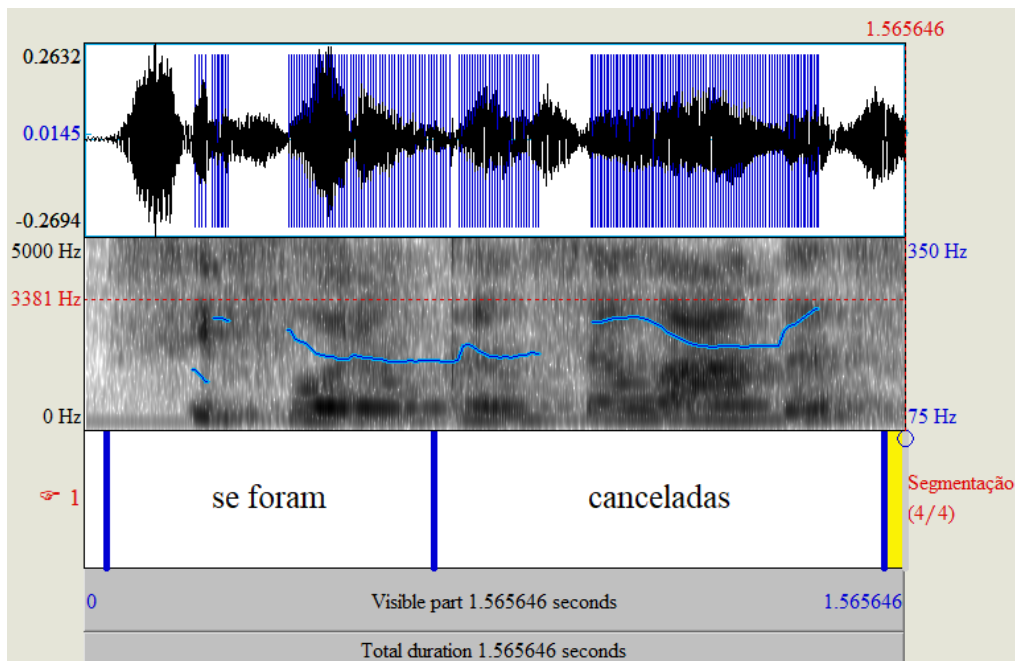
Os arquivos *TextGrid* criados no *Praat* com base na segmentação planejada no quadro anterior podem ainda ser exemplificados abaixo, referentes à segmentação de uma amostra de CCI adversativa e outra amostra de prótase condicional, respectivamente:

Figura 2 – Demonstração da segmentação dos áudios analisados (CCI adversativa).



Fonte: Elaboração própria.

Figura 3 – Demonstração da segmentação dos áudios analisados (Construção subordinada).



Fonte: Elaboração própria.

Para gerar um arquivo *Pitch*, o *Praat* oferece uma ferramenta específica, direta e de fácil acesso. Basta, portanto, que o usuário selecione o arquivo de áudio e pressione no ícone de tarefas da interface na área destinada a essa função. Como também pode ser visualizado nas duas figuras anteriores, o *Praat* calcula automaticamente a F0 em Hertz.

Depois de criados esses dois objetos, o *script* de normalização de tempo (ARANTES, 2021) pôde ser utilizado. A preexistência desses documentos é essencial, porque, ao executar o *script*, é solicitado ao usuário que informe o objeto *Texgrid* correspondente ao objeto *Pitch*. Nesse momento, os arquivos de áudios são dispensáveis, posto que são necessários apenas para a formação do *Pitch* e *TextGrid*.

Embora a extração do número de amostras de F0 ocorra de forma automatizada pelo *script*, é necessário sinalizar o número de intervalos existentes no material de áudio e o número de amostras de F0 a serem extraídos em cada intervalo. Essa exigência do *script* esclarece a necessidade de um padrão na segmentação de intervalos dos dados a serem analisados, comentado anteriormente.

Da mesma forma, foi então estabelecido que em cada intervalo seriam coletados 15 números de amostras de F0. Ou seja, 15 números igualmente espaçados dentro de cada intervalo de tempo. Portanto, o contorno de F0 gerado em cada áudio é composto de 30 pontos, em que os 15 primeiros pontos estão presentes na curva entoacional do primeiro intervalo e os outros 15 pontos no segundo intervalo em cada dado analisado.

À vista disso, nota-se que os áudios analisados foram estandardizados por essas determinações impostas pelo *script*. Para esse fim, todas as construções foram, como dito, segmentadas em dois intervalos e, no total, foram obtidas 30 amostras de F0 em cada dado. Por efeito dessa padronização, as falas de CCIs adversativas e prótases condicionais puderam ser comparadas na fase de análise desse material.

Além da normalização temporal, esse mesmo *script* (ARANTES, 2021) oferece, como uma das opções de pré-processamento, a suavização de contornos de F0 brutos. Desse modo, com o intuito de diminuir a variação micromelódica, todas as curvas de F0 brutas, extraídas no *Praat* e armazenadas no objeto *Pitch*, foram suavizadas. Para realizar essa tarefa, o *script* utiliza o valor *default* correspondente a 5 Hertz (ARANTES, 2015).

Individualmente, cada um dos áudios observados foi submetido a todas essas etapas metodológicas. Por fim, a curva de F0 desse material pôde ser extraída de modo padronizado. Apesar de todos os esforços para garantir uma boa condição sonora durante as gravações, além da exclusão das gravações do falante *sp1*, no segundo contexto (*st2*) do informante *sp13*, também não foi possível extrair a curva entoacional em decorrência da má qualidade dos

áudios. Consequentemente, no gráfico 2, observa-se uma total ausência de informações sobre esse contexto para o falante *sp13*. Todavia, ressalta-se que, apesar desses casos específicos, todos os outros contextos de todos os outros 13 participantes tiveram suas curvas extraídas e puderam ser submetidas à análise.

Para comparar esses resultados entre as CCI's adversativas e suas prótases condicionais correspondentes, ou seja, de mesmo conteúdo proposicional, foram utilizadas ferramentas estatísticas (linguagem e *software R*²⁶). Tais recursos possibilitaram a criação de gráficos sobrepostos com o desenho e informações da curva de entoação das duas construções comparadas em cada contexto e para cada falante, possibilitando uma comparação mais precisa.

A descrição prosódica das CCI's adversativas e sua comparação com as prótases condicionais foi feita por falante. Logo, não houve uma junção da média dos parâmetros verificados para determinar valores prosódicos generalizados. Do contrário, objetivou-se estudar a produção prosódica dessas construções para cada informante, apurando o quão variável o comportamento prosódico poderia se apresentar e se a hipótese de que as CCI's adversativas e prótases condicionais são prosodicamente distintas estaria correta.

Com base nos procedimentos metodológicos elucidados ao longo deste capítulo, a próxima parte do trabalho compreende as análises de cunho construcional e entoacional das CCI's adversativas no PB.

²⁶ Nova linguagem computacional desenvolvida em 1996 pelos professores e estatísticos Ross Ihaka e Robert Gentleman, da Universidade de Auckland.

6. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentam-se a análise construcional considerando a descrição morfosintática e semântico-pragmática de Alves e Hirata-Vale (2020, 2021) e a análise entoacional das amostras de CCIs adversativas. A análise construcional é guiada principalmente pelos parâmetros de composicionalidade, generalidade/esquematicidade e produtividade (LANGACKER, 2008; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), enquanto a entoação é observada pelo parâmetro acústico da frequência fundamental.

Para que o aspecto entoacional seja incluído na análise construcional das CCIs adversativas, é necessário realizar, em primeiro lugar, uma descrição dessa propriedade prosódica. Desse modo, este capítulo se inicia justamente pela descrição entoacional das CCIs adversativas em comparação com as prótases condicionais e as CCIs subjetivas (HIRATA-VALE, 2015), também com o intuito de demonstrar as distintas estratégias entoacionais que as distinguem. Isso posto, inicia-se, então, a descrição entoacional no próximo tópico.

6.1 DESCRIÇÃO ENTOACIONAL

A descrição entoacional das CCIs adversativas presente nesta seção não aborda somente as características mais sistemáticas e regulares desse parâmetro prosódico, mas sim, todas as variedades de entoação que constituem essas construções, examinadas pelo parâmetro da F0.

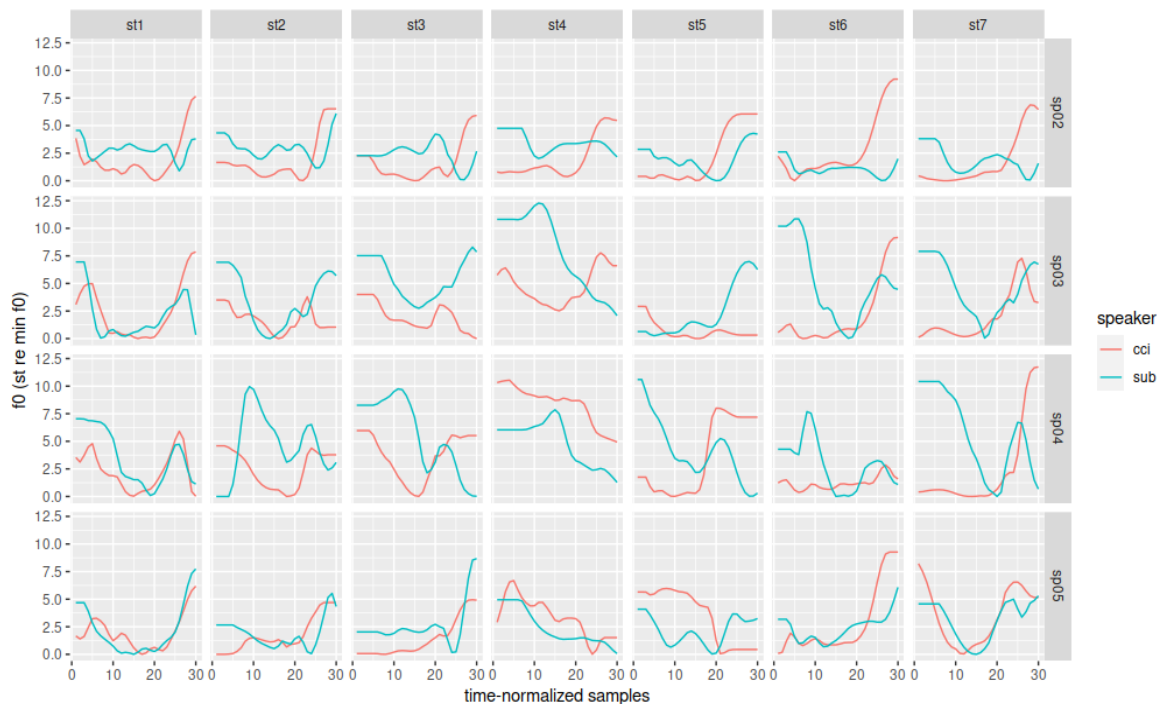
Após a coleta de dados dos quatro primeiros falantes, como explicado no capítulo anterior, foi realizada uma análise preliminar, seguindo o primeiro roteiro elaborado para a extração dos dados (quadro 5). Ao extrair a curva entoacional desses primeiros falantes, observou-se que as CCIs adversativas que continham pronomes interrogativos ou interjeições, assinalavam um contorno entoacional mais regular. Por isso, criou-se um segundo roteiro de coleta de dados, em que todas as CCIs adversativas do primeiro roteiro foram reelaboradas, recebendo um pronome interrogativo ou uma interjeição no início de cada enunciado.

Com essa mudança no roteiro das gravações, outros nove participantes foram recrutados e novos valores de F0 das CCIs adversativas e das prótases condicionais foram extraídos. No final da análise das amostras coletadas dos dois tipos de roteiros, efetuou-se uma comparação entre essas duas condições para averiguar se a hipótese de que os reforçadores pragmáticos (pronomes interrogativos e interjeições) modificavam a curva de F0 da CCI adversativa se confirmaria. Portanto, distintamente dos trabalhos realizados por

Silvestre (2017) e Elvira-Garcia (2016), as diferenças *types* das CCIs adversativas foram contempladas nesta análise entoacional.

Especificamente nas primeiras quatro análises, observaram-se muitas variações de F0, identificadas entre falantes e para um mesmo falante. Tal constatação pode ser visualizada no gráfico a seguir, produzido pelo *software R*:

Gráfico 1 – Análise de F0 do primeiro grupo de participantes.



Fonte: Elaboração própria.

No gráfico acima, as colunas de 1 a 7, nomeadas como “st” (sigla criada para referir-se à *situation* – “situação”), seguida de um número específico, ou seja, *st1*, *st2*, *st3*, *st4*, *st5*, *st6* e *st7*, correspondem aos sete contextos elaborados para a extração das sete CCIs adversativas analisadas por falante. As linhas de 1 a 4, nomeadas como “sp” (sigla para *speaker* – “falante”), seguidas de um número, representam cada um dos quatro falantes, portanto, *sp2*, *sp3*, *sp4* e *sp5*. Para cada falante, ou seja, *sp*, há duas curvas de F0 sobrepostas em cores distintas, em que a curva rosa representa o fragmento da CCI adversativa e a curva azul retrata a F0 da prótase condicional correspondente.

Na seção dedicada à metodologia de análise prosódica, expôs-se que o número total de amostras de F0 extraídas nos dois intervalos de cada enunciado corresponde a 30. Por essa razão, abaixo de cada gráfico do contorno de F0, há uma indicação do número 30, o que significa 30 amostras de F0 normalizadas.

Nota-se que as CCIs adversativas e as construções subordinadas de mesmo conteúdo lexical não apresentam, em nenhum dos contextos, contornos de F0 idênticos. Em razão da escolha metodológica de uma análise individual por falante, é possível detectar distintas estratégias de diferenciação entre esses dois tipos de construções nos participantes que, inclusive, também variam para um mesmo informante.

Para o *sp3*, por exemplo, nos contextos *st2*, *st3*, *st4*, *st5* e *st7* nota-se que a F0 das CCIs adversativas apresenta uma regularidade, ou seja, um contorno final decrescente. Porém, nos demais contextos (*st1* e *st6*), o comportamento da curva da CCI adversativa é modificado, sendo articulado de maneira ascendente.

O segundo falante (*sp2*) se revela mais estável quanto a esse critério e se mantém relativamente constante em todos os contextos, produzindo uma curva final ascendente, em nível mais alto do que as construções subordinadas. Em direção contrária, como explicado, o terceiro falante (*sp3*) demonstra uma tendência de produção de curva final decrescente, porém, com variações internas, isto é, também exhibe curvas finais ascendentes. Na fala do *sp4* e do *sp5*, as mesmas instabilidades são encontradas, o que é mais evidente no *sp4*, com curvas no formato decrescente-crescente (*st5*, por exemplo) e crescente-decrescente (visível no *st4*).

Contudo, nem todas as curvas de F0 das CCIs adversativas apresentam modulações significativas, tal como se verifica no *st5* do *sp3*. Nesse caso, a curva da CCI adversativa é mais contínua, sem muitos movimentos ascendentes ou descendentes de grande relevância para o desenho geral da curva de entoação. Em outros contextos, a curva de F0 desse mesmo falante exhibe um comportamento contrário, com maior amplitude e modulações.

Congruente ao trabalho de Silvestre (2017), a entoação das prótases condicionais ora observadas também não se mostrou regular. Ainda que o propósito deste trabalho não seja descrever esse tipo de construção, é interessante apontar a sua variabilidade, pois essa mesma inconstância é identificada nas CCIs adversativas.

Segundo Frota e Vigário (2020), a primeira parte de uma construção subordinada no PB costuma apresentar um contorno de continuação (*continuation rise*), indicando que a oração está incompleta e uma nova informação será adicionada em seguida. Os dados demonstraram diferentes estratégias utilizadas pelo falante para sinalizar a incompletude de sua fala na prótase condicional, que não é expressa, necessariamente, por um *continuation rise*.

Essa variabilidade encontrada em ambos os casos (CCIs adversativas e prótases condicionais), igualmente reconhecida por Silvestre (2017) nas construções subordinadas e desgarradas do PB, demonstra que a prosódia é uma esfera complexa e que disponibiliza

recursos distintos para marcar sentidos ou funções semelhantes, que não ocorrem necessariamente por meio de um padrão estável único.

Esse mesmo efeito pode ser observado em nível lexical por meio das CCIs adversativas, a título de exemplo. Essas CCIs denotam contradição/refutação ao que foi dito anteriormente sem exigir o uso do advérbio de negação “não”. Sendo assim, o sistema linguístico, como defendido pelas Gramáticas de Construções, é “uma atividade complexa e dinâmica” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 47) ou, também, um sistema adaptativo complexo (BYBEE, 2010), em que um elemento pode estender seu uso para mais de uma categoria, como é o caso do “se” condicional, em construções subordinadas e insubordinadas ou em CCIs adversativas para negar uma informação.

Tendo em conta o princípio da *não sinonímia* (GOLDBERG, 1995), mesmo quando compartilham significados semelhantes, duas construções são consideradas diferentes, seja sintática ou pragmaticamente. Segundo essa visão, não existem construções idênticas, pois sempre haverá, mesmo diminuta, alguma nuance discriminativa. Desse modo, a contradição presente em uma CCI adversativa é distinta da contradição expressa pelo uso do advérbio de negação, não apenas no aspecto formal, pois, como mostrado anteriormente, as CCIs adversativas não expressam apenas uma contradição, mas sim, uma contradição rude (ALVES; HIRATA-VALE, 2020).

Ao lado disso, as variações prosódicas encontradas nas CCIs adversativas podem ser compreendidas como novos *types* dessa mesma construção, com nuances pragmáticas distintas. Assim, nos casos em que a curva apresenta uma maior amplitude, o falante quer demarcar, pela entoação, maior expressividade e obviedade em comparação aos casos em que a curva não apresenta grandes modulações.

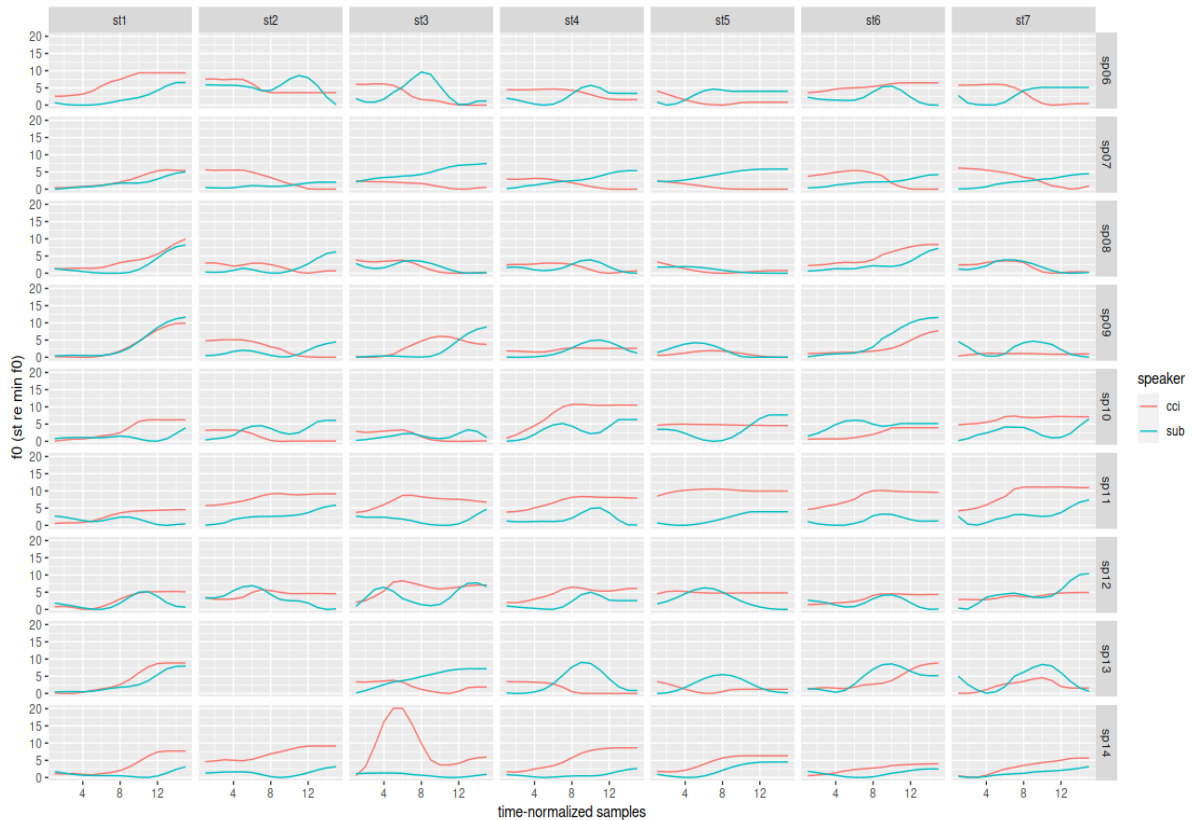
Em relação à variação encontrada nas curvas de F0 das quatro primeiras CCIs adversativas estudadas, do ponto de vista experimental, essas alternâncias eram esperadas. Sabe-se que a fala observada não é totalmente espontânea e alguns dos contextos podem não ter sido tão claros para alguns participantes.

Ressalta-se, entretanto, que nenhum dos falantes produziu a mesma entoação para a CCI adversativa e sua construção subordinada correspondente, revelando que, de fato, há diferenças entoacionais entre esses dois tipos de construções, embora não sejam expressas por um padrão único. A análise evidenciou que a entoação das CCIs adversativas tende a apresentar uma amplitude tonal maior, com um movimento de excursão em relação à subordinada correspondente.

Com o propósito de comprovar se as oscilações de padrões entoacionais encontrados

nas CCIs adversativas estabeleciam alguma relação com a presença/ausência de interjeição ou pronome interrogativo, o roteiro para a obtenção do segundo grupo de dados foi elaborado, gravado e analisado. Com isso, obteve-se o gráfico abaixo, com as mesmas nomenclaturas e estrutura do gráfico anterior, compreendendo a entoação do *sp6* ao *sp14*:

Gráfico 2 – Análise de F0 das CCIs adversativas do segundo grupo.



Fonte: Elaboração própria.

Nesse segundo conjunto de dados analisados, nota-se que as CCIs adversativas também apresentaram variações entoacionais, ao passo que assinalavam algumas particularidades em relação ao primeiro grupo de amostras (gráfico 1). Isso significa que a introdução dos elementos reforçadores (pronomes interrogativos e interjeições) nessas construções estimulou, de fato, comportamentos prosódicos distintos.

No primeiro conjunto de análise (*sp2* ao *sp5*), a maioria das CCIs adversativas apresentaram uma curva entoacional com finalização ascendente. De modo contrário, nesse segundo grupo, a curva final dessas construções é majoritariamente decrescente. É pertinente mencionar algumas das exceções dessa generalização não estrita, posto que o intuito do trabalho não é abarcar os comportamentos prosódicos mais recorrentes. Assim, reconhecendo a variabilidade do padrão descrito acima, no primeiro grupo, o falante *sp2* realizou tanto

curvas ascendentes como decrescentes na realização de suas CCIs adversativas. No segundo conjunto de amostras, existem menos exceções da generalização apontada em comparação com o segundo grupo. O falante *sp13* no contexto *st6* é um exemplo dessa pequena minoria de casos.

Admitindo a existência de casos particulares, considera-se que a inserção de elementos reforçadores no segundo grupo de amostras das CCIs adversativas modificou a entoação dessas estruturas. Essa mudança fez com que essas construções fossem majoritariamente produzidas com uma curva final decrescente e uma curva inicial mais elevada.

Essa modificação na curva pode ser explicada do ponto de vista prosódico como uma estratégia de proeminência. Sendo as interjeições e os pronomes interrogativos estruturas de realce semântico-pragmático para as CCIs adversativas (ALVES; HIRATA-VALE, 2020), essas categorias gramaticais atraem para si uma proeminência prosódica no início da construção, onde estão situadas. Por essa razão, a curva inicial é predominantemente ascendente nesse conjunto de amostras, para marcar a proeminência e, conseqüentemente, a força de ilocução nessa parte específica do enunciado.

Nas construções sem reforçadores, a proeminência ocorre no final da construção, mais especificamente na sílaba tônica da última palavra prosódica. Isso acontece porque a última palavra (ou últimas palavras) da CCI adversativa explicita a refutação em relação ao enunciado anterior, pois marca a informação contrastiva mais importante. Entretanto, nas CCIs adversativas com reforçadores, a ausência de proeminência entoacional nessa palavra prosódica tão significativa para a construção pode ser explicada pelo princípio de economia linguística.

Com base nessa premissa, a configuração predominante da curva entoacional das CCIs com reforçadores pode ser compreendida como um caso em que, uma vez realçada no início, é dispensável repetir a mesma informação em outra parte da estrutura, afinal, os elementos reforçadores são estruturas igualmente relevantes para essas construções. Desse modo, ao contrário do primeiro grupo, a palavra prosódica final apresenta uma entoação decrescente, sem repetir uma informação pragmática anterior.

A recorrente proeminência encontrada nas CCIs adversativas pode ainda ser compreendida como um tipo de estratégia de diferenciação entre essas construções e as prótases condicionais. Estas não apresentam modulações na curva que indiquem esse tipo de função, enquanto nas CCIs adversativas esse padrão é relativamente frequente. Alguns informantes usaram outros tipos de manipulação da F0 e, conseqüentemente, outras

estratégias de diferenciação. Assim, pelo próprio caráter desta pesquisa, é necessário incorporá-las à análise.

Constatou-se que o falante *sp11* não implementa uma distinção entre esses dois tipos de construções mediante curvas entoacionais de grandes movimentos ascendentes ou decrescentes após a proeminência no início de suas CCIs adversativas. Devido à presença de uma proeminência inicial significativa, ocorre um fenômeno de aplainamento do restante do contorno, que pode ser comparado à chamada compressão pós-foco (*post-focus compression*) (XU, 2011). Sem grandes oscilações, as curvas das CCIs adversativas desse participante estão sempre acima da curva da construção subordinada, indicando uma fala mais aguda em comparação às prótases condicionais, demarcando então uma mudança de registro. Nesse caso, a adoção desse tipo de estratégia mostrou-se inteiramente sistemática e regular, enquanto para o informante *sp14*, a aplicação desse critério ocorreu de forma parcial.

O informante *sp7*, por outro lado, apresenta outra estratégia, relacionada ao movimento da curva de F0. Observando a trajetória da curva das CCIs adversativas desse indivíduo, vê-se um movimento descendente, principalmente na sílaba tônica da última palavra prosódica de cada contexto. Porém, a construção subordinada permanece no mesmo patamar, com tendência a uma ligeira ascendência. Isto é, enquanto a linha da curva rosa (CCI) desce, a linha da curva azul (subordinada) sobe.

Essa diferença de trajetória da curva de F0 cria um cruzamento entre as linhas do gráfico de representação da entoação desse falante. Com exceção da situação *st1*, esse mesmo procedimento é aplicado pelo falante em todos seus contextos. O participante *sp6* utilizou esse mesmo recurso, porém, de modo menos frequente.

Tais exemplos evidenciam, portanto, o emprego de uma diversidade de técnicas para demarcar diferenças prosódicas entre CCIs adversativas e prótases condicionais, envolvendo mudança de registro, trajetória da curva de F0 e demarcação de proeminência. Além disso, é essencial explicar que as variações encontradas em cada tipo de estratégia utilizada aparentam ser influenciadas pelo tipo de palavra prosódica final de cada enunciado, mais especificamente, pela posição da sílaba tônica dessas palavras.

Nas CCIs adversativas, como relatado, a palavra prosódica final é importante na medida em que demarca o contraste estabelecido por essas construções, pois geralmente é a palavra que efetivamente retifica o que foi dito anteriormente pelo interlocutor. Por essa razão, essas construções costumam apresentar uma proeminência final, principalmente nos casos em que a construção não é antecedida por pronomes interrogativos ou interjeições. Nos

contextos elaborados, a maioria dessas palavras é paroxítona, a saber, “vermelho”, “lançada”, “cancelada”, “fechada” e “aulas”, além de duas oxítonas, “papel” e “avião”.

Nas palavras oxítonas, predominantemente todas as curvas das CCI_s adversativas terminam com um contorno final ascendente maior em relação às palavras paroxítonas. Nesses casos, enquanto as CCI_s adversativas apresentam esse movimento na F₀, as prótases condicionais correspondentes tendem a não ascender. O falante *sp6* é tomado como um exemplo prototípico desse padrão, posto que os únicos cenários de curva final ascendente ocorrem nos contextos *st1* (“avião”) e *st6* (“papel”), com palavras oxítonas.

Entretanto, nos casos em que ambas as curvas (CCI e subordinada) ascendem, a CCI adversativa supera a curva da construção subordinada ou, como outro método, ascende antecipadamente. Logo, tem-se uma diferença na trajetória de movimento, articulada à maneira pela qual a curva ascende para realizar a sílaba tônica.

Embora a maioria das CCI_s adversativas apresentem, nesses casos, uma curva mais elevada em relação à construção subordinada, nem todos os falantes seguem esse modelo. No contexto *st1* do falante *sp9*, a diferença entre a CCI e sua correspondente subordinada é pequena. Esse caso é mais um exemplo da falta de uniformidade entre os falantes, reconhecida desde a análise do primeiro grupo de amostras. Inclusive, o falante *sp6* também apresentou diferentes estratégias nos casos das palavras prosódicas paroxítonas finais. Nos contextos *st4*, *st5* e *st7* desse informante, a curva da CCI está abaixo da curva da construção subordinada e os contextos *st2* e *st3* mostram contornos opostos.

Nota-se que tanto a marcação de proeminência como a trajetória de movimento da curva são afetadas pela posição da sílaba tônica da palavra prosódica final. Nas palavras paroxítonas, essas construções geralmente apresentam um contorno final descendente e nas oxítonas, contornos ascendentes. Foram encontradas, portanto, especificidades nos padrões de entoação de CCI_s adversativas nos casos de palavras finais oxítonas e paroxítonas. Tendo em vista que a sílaba tônica das palavras naturalmente interfere nos traços prosódicos das construções, essas diferenças encontradas eram previsíveis.

Enquanto as palavras paroxítonas dispõem de uma sílaba a mais (pós-tônica), as oxítonas terminam com uma sílaba tônica, sem uma pós-tônica. Isso significa que as palavras oxítonas apresentam uma única sílaba para assinalar informações prosódicas, uma vez que, no PB, os acentos tonais normalmente estão alinhados às tônicas. Assim sendo, a condição estrutural dessas palavras justifica a inevitável interferência em seu comportamento prosódico.

Com esta pesquisa, comprova-se empiricamente que a tonicidade e a posição da sílaba tônica da palavra, especialmente a da última palavra fonológica, interferem na realização da curva da F0. Isso ocorre porque a palavra final dessas construções, como explicado, marca as características contrastivas do fenômeno ora estudado e, por essa razão, costuma ser pronunciada de forma proeminente. Essa proeminência, por sua vez, é veiculada por distintas estratégias prosódicas e, uma delas, é pela F0.

Mesmo que a proeminência seja uma característica geral a ser apontada nos aspectos prosódicos das CCIs adversativas, alguns falantes não a realizam pela manipulação da F0. Isto é, nem todos os falantes, em todos os contextos, diferenciaram de modo sobressalente as CCIs adversativas das construções subordinadas pelo recurso da entoação. Por outro lado, não houve nenhum contexto que tenha sido ignorado nesse aspecto, pois, em todos eles, os falantes marcaram alguma diferença entre esses dois tipos de construções pelo parâmetro da F0.

Conclui-se que há uma diferença entoacional entre as duas construções observadas, que podem ser mais ou menos demarcadas de modo excedente, a depender da escolha do falante. Essa escolha também está sujeita primariamente à tonicidade da palavra final. Nesse ponto, aclara-se que, embora exista uma regularidade no comportamento prosódico de palavras finais oxítonas e paroxítonas, há algumas exceções.

Considerando o aspecto e a variabilidade da sílaba tônica, constataram-se dois tipos de comportamentos entoacionais que caracterizam as CCIs adversativas. A primeira delas está relacionada ao tom agudo, pois as CCIs adversativas são majoritariamente pronunciadas em um patamar mais alto do que prótases condicionais. O informante *sp11*, como discutido acima, demonstrou preferência por essa técnica para estabelecer diferenças entre essas duas construções. O participante *sp14* também utiliza esse mesmo padrão de forma gradiente, ou seja, às vezes a curva da CCI está mais elevada em alguns casos do que outros, porém, nunca está abaixo da curva da prótase condicional.

Barbosa (2019) afirma que tons agudos são usados como estratégia para chamar a atenção do interlocutor por alguma razão. Com base nisso, inferiu-se que as CCIs adversativas, por expressarem uma correção e quebra de expectativa, são articuladas em tons mais agudos para demarcar o sentido de advertência presente nessa estrutura. Logo, nas situações em que as diferenças sintáticas e semântico-pragmáticas entre CCIs adversativas e prótases condicionais não são marcadas pela trajetória de curva de F0, são assinaladas pela diferença de tom.

O segundo tipo de articulação da entoação utilizada para caracterizar as CCIs adversativas está relacionado ao movimento da curva, como observado no informante *sp7*. Esse falante produz uma CCI adversativa que se inicia com uma curva entoativa ascendente e termina de forma decrescente, enquanto a curva das construções subordinadas apresenta um movimento oposto. Os falantes *sp12* e *sp13* também fazem uso dessa estratégia prosódica, porém, diferentemente do falante *sp7*, suas curvas de CCI adversativa não terminam necessariamente de forma decrescente. No falante *sp12*, esse padrão é relativamente sistemático, com exceção do contexto *st7*, em que há uma inversão de padrão, pois a construção subordinada termina de forma ascendente.

A estratégia de movimento é, portanto, também aplicada de forma variada. Apesar de os padrões de movimentos ascendentes/descendentes não serem estritamente regulares, os dados mostram que esse recurso é utilizado para diferenciar as CCIs adversativas e as construções subordinadas. Nessas situações, a diferença de altura entre as duas curvas comparadas não é tão nítida quanto a diferença de movimento, estabelecida de forma contrária e variada entre os dois tipos de construções.

Sabe-se que a prosódia é um nível linguístico que dispõe de vários recursos para demarcar significados similares. Os aspectos prosódicos são influenciados pelas características fisiológicas (como a espessura das pregas vocais) e subjetivas (personalidade, estado emocional etc.) dos falantes. Como efeito, as variabilidades prosódicas diagnosticadas, que se dão entre falantes e para um mesmo falante, são relativamente previsíveis do ponto de vista teórico, dada a característica intersubjetiva das CCIs adversativas (HIRATA-VALE, 2015). Os voluntários naturalmente não usaram os mesmos mecanismos para distinguir construções subordinadas e CCIs adversativas. A diferença entre as duas construções não se manifestou de forma excludente em todas as frases. Entretanto, todas as frases foram diferenciadas pelos falantes, comprovando que não houve problemas quanto à formulação dos enunciados e que essas construções são reconhecidas como estruturas distintas.

A mudança dos enunciados, como mostrado no decorrer dessa análise, também influenciou a curva de entoação das CCIs adversativas. Os reforçadores, por serem estruturas linguisticamente relevantes nessas estruturas, criam relevos prosódicos. Ao atraírem a força semântico-pragmática das CCIs adversativas para o início da oração, a curva entoacional tende a ser finalizada de forma decrescente. Embora nem todos os falantes tenham seguido esse padrão, os dados evidenciam que a presença desses elementos reforçadores reúne novas estratégias prosódicas.

Mesmo que a curva entoacional das CCIs adversativas com reforçadores tenha características mais peculiares no início da construção, é interessante apontar que os falantes ainda sentiram a necessidade de demarcá-la ao longo de todo o enunciado. Isso significa que a presença de reforçadores não faz com que as CCIs adversativas se destaquem apenas no início da construção, mas ao longo de toda sua produção pela manipulação da F0. Em alguns desses casos, além da proeminência inicial, os falantes produziram a CCI adversativa em um tom mais alto do que as prótases condicionais, atingindo até mesmo o registro falsete (*sp11*, a título de exemplo).

Por se comportarem como uma partícula introdutória, os reforçadores fazem com que a construção já se inicie de forma destacada e, desse modo, o interlocutor é previamente avisado de que a sua fala anterior será confrontada em seguida. Por isso, o comportamento prosódico das CCIs adversativas encabeçadas por interjeições e pronomes interrogativos é especialmente afetado por questões semântico-pragmáticas.

Nesse sentido, entende-se que a prosódia espelha o relevo semântico e pragmático dessas construções, seja no início da construção, quando há reforçadores, ou no fim da construção, quando há uma proeminência da última palavra prosódica, responsável por acentuar a refutação do enunciado anterior. Logo, embora os falantes usem recursos distintos e contraditórios entre si, as duas construções observadas se distinguem prosodicamente, independentemente da estratégia usada, que varia, como visto, entre falantes, para um mesmo falante e dependem da sílaba tônica da palavra.

Devido à variabilidade encontrada, não se pode atribuir um contorno entoacional padrão para as CCIs adversativas. Nem mesmo as construções subordinadas, que são altamente gramaticalizadas, apresentaram uma entoação sistemática, como também apontou Silvestre (2017). Portanto, a hipótese de que haveria um padrão entoacional específico para as CCIs adversativas não foi plenamente atestada. Por outro lado, consoante à característica semântico-pragmática marcante dessas construções, a proeminência prosódica é um traço sistemático dessas construções, manifestada com algumas regularidades que também admitem variabilidades.

A proeminência presente nas CCIs adversativas pode ser ainda compreendida como um traço diferenciador entre essas construções e os outros tipos de condicionais insubordinadas. No trabalho de Silvestre (2017), apresentado no Capítulo 4, as orações desgarradas encabeçadas por “se” têm natureza formal e funcional distinta das CCIs adversativas. Embora a autora não tenha examinado os aspectos morfosintáticos e semântico-pragmático das orações desgarradas, nota-se que as orações analisadas em seu estudo

apresentam verbos no modo subjuntivo, como pode ser visto nas seguintes desgarradas “condicionais”: “Se a Joelma *ganhasse...*” (SILVESTRE, 2017, p. 180) e “Se o Diogo *conseguisse...*” (SILVESTRE, 2017, p. 181).

Na perspectiva de Hirata-Vale (2015), essas orações “condicionais” poderiam ser classificadas como CCIs que expressam *funções subjetivas* relacionadas às atitudes do falante, ou seja, seus sentimentos, desejos, crenças, avaliações, asserções etc. Diferentemente das CCIs adversativas, as quais expressam *função intersubjetiva* (HIRATA-VALE, 2015) e são formalmente mais específicas (verbos no indicativo), as insubordinadas condicionais subjetivas não apresentam restrições morfossintáticas marcantes que explicitam exatamente o tipo de função dessas estruturas, pois o significado é apreendido pelo contexto. Para Silvestre (2017), os significados dessas orações são entendidos dentro de um determinado contexto comunicativo porque essas estruturas são “subordinadas ao contexto pragmático e discursivo” (SILVESTRE, 2017, p. 35).

Assim, devido à falta de diversidade morfossintática dessas orações, supõe-se que Silvestre (2017) conseguiu realizar uma descrição prosódica mais genérica de orações desgarradas iniciadas por diferentes tipos de conjunções, mas que, em comum, possuíam verbos flexionados no modo subjuntivo. Como resultado, a autora pontuou que a entoação dessas orações desgarradas, incluindo as encabeçadas por “se”, apresentam predominantemente um contorno final ascendente, sem mencionar a existência de foco contrastivo.

Neste trabalho, conclui-se que as CCIs subjetivas e as CCIs adversativas diferem pelos modos verbais usados e, prosodicamente, pela presença de proeminência. Considerando que as CCIs adversativas são intersubjetivas e refutam de modo descortês uma informação anterior, o foco contrastivo prosódico presente nessas estruturas salienta o efeito de retificação. Nos outros casos, essa função não é essencial, visto que as CCIs subjetivas não expressam contraste de informações e podem ser inclusive utilizadas para expressar cortesia.

Realizadas as comparações prosódicas entre as CCIs adversativas, prótases condicionais correspondentes e construções insubordinadas não marcadas, a próxima seção apresentará a análise construcional, com base na descrição prosódica das CCIs adversativas efetuada nessa parte do trabalho. Para a análise construcional, foram utilizados os parâmetros de generalidade/esquematicidade, composicionalidade e produtividade (LANGACKER, 2008; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) para caracterizar essas construções como um tipo de pareamento convencionalizado de forma e significado em perspectiva sincrônica.

6.2 ANÁLISE CONSTRUCIONAL

O “se” é definido como uma conjunção condicional e, portanto, tem natureza hipotética. Ao analisar o significado condicional, Dancygier (1998) define que as construções condicionais são formadas por uma oração condicionante (prótase) e uma oração condicionada (apódose), ambas relacionadas por uma relação de condição. Assim, as proposições contidas na prótase (p) e na apódose (q) unem-se de tal modo que a realização do evento contido na apódose depende da condição imposta pela prótase.

Como mostrado neste trabalho, as CCI's de um modo geral e, em especial, as CCI's adversativas, têm um comportamento semântico-pragmático, morfossintático e prosódico bastante diferente das condicionais prototípicas. Nesse sentido, serão apresentados, nesta análise, os parâmetros propostos por Dancygier (1998) para caracterizar as construções condicionais com o intuito de, a partir deles, estabelecer as características específicas das CCI's adversativas.

Dancygier (1998) postula cinco parâmetros formais e funcionais para o reconhecimento de condicionais em qualquer língua, a saber: i) não assertividade; ii) postura epistêmica do falante; iii) possibilidade de predição; iv) espaços mentais e v) causalidade não preenchida.

Em relação ao primeiro parâmetro, Dancygier (1998) considera que a não assertividade está relacionada ao fato de que o falante não acredita na possibilidade de realização do evento enunciado e, por isso, utiliza a construção condicional para expressar a não facticidade. Nas palavras da autora, “o falante não tem embasamento suficiente para enunciar p como uma declaração factual e pode, de fato, não acreditar na verdade de p ” (DANCYGIER, 1998, p. 18-9)²⁷. Dancygier (1998) afirma ainda que a não assertividade é expressa, principalmente, pelo uso da conjunção condicional. Isso significa que o uso de conjunções condicionais faz com que a construção sob seu escopo não seja interpretada de modo real.

As CCI's, no entanto, têm sentido factual. Como demonstrado em Alves e Hirata-Vale (2020), esse tipo de construção apresenta verbos limitados ao modo indicativo porque expressam, essencialmente, assertividade. Conseqüentemente, verbos que expressam não assertividade, como os do modo subjuntivo, não são usados nas CCI's adversativas. Assim, nesse tipo de estrutura subordinada, o uso do “se” condicional, aliado a outros aspectos

²⁷ Traduzido do original “the speaker does not have enough grounds for asserting p as a factual statement and may in fact not believe p to be true” (DANCYGIER, 1998, p. 18-9).

formais, não instaura o significado condicional, mas sim uma asserção plena. O dado abaixo pode ser utilizado para exemplificar essa característica:

- (58) —Minha senhora, venho implorar a V. Ex.^a a honra de uma contradança.
 —**Mas se eu já tenho par para todas...**
 (CdP/PB).

Nesse exemplo (58), a falante seguramente afirma que não poderá atender ao pedido de seu interlocutor porque não tem nenhuma disponibilidade. Sua resposta é então imperativa e baseada em um fato real. A proposição em uma CCI adversativa é caracterizada por uma alegação exata, um enunciado de refutação e correção à oração precedente, que requer do falante uma postura assertiva e indubitável. Logo, não há como essa postura ser neutra ou descomprometida, pois a contradição presente na construção é explícita. Além disso, é muito comum o uso do ponto de exclamação nas CCIs adversativas que demarcam a precisão ou certeza dos fatos enunciados de forma imperativa, como vê-se no dado (54) acima e em (37), (40), (43) (51), (53), (54) etc.

O posicionamento dos falantes diante dos fatos em uma construção subordinada e em uma CCI adversativa é totalmente distinto, e essa constatação está relacionada ao segundo parâmetro de Dancygier (1998), sobre a postura epistêmica. Esse parâmetro é definido como associação/dissociação mental ou posição assumida pelo falante diante do evento descrito.

Introduzido por Fillmore (1990), o conceito de postura epistêmica diz respeito a três relações que o falante pode ter com o mundo, representadas por uma oração condicional. Esse mundo pode ser encarado como real, diferente do real e como um mundo em que o falante não tem certeza se corresponde ou não ao mundo real. Essas três maneiras de se posicionar de forma epistêmica sobre a situação retratada pela condicional correspondem às *posturas positiva, negativa e neutra*, respectivamente.

Para exemplificar esses tipos de postura epistêmica, Dancygier e Sweetser (2005) utilizam a conjunção do inglês *when* (“quando”) para a postura positiva e *if* (“se”) para a postura neutra e negativa. Para as autoras, “as orações com *se* (...) são apresentadas de forma não positiva: o falante não se compromete com uma postura totalmente positiva em relação a esse material” (DANCYGIER; SWEETSER, 2005, p. 48). Portanto, assim como Harder (1996), as autoras negam a possibilidade de condicionais com postura epistêmica positiva.

Para Dancygier e Sweetser (2005), além do *when*, a postura epistêmica positiva está normalmente relacionada à *since* (“já que”) e *because* (“porque”), ou seja, conjunções que não são condicionais por essência. Utilizando exemplos do inglês com o intuito de explicar um

fato muito mais abrangente e comum a todas as línguas, Dancygier (1998) defende que a noção de incerteza ou irrealidade é inerente às orações condicionais.

As CCIs adversativas, ao contrário das construções condicionais, introduzem uma correção factual e imperativa, o que, de modo totalmente alusivo, se aproximaria da noção de postura epistêmica positiva. Nessas CCIs, o falante se compromete com a informação e não tenta retratar um mundo irreal (postura negativa) ou um mundo no qual ele não tem certeza de sua realidade (postura neutra), pois, de maneira rude e assinalando a obviedade de sua fala, retifica a fala de seu interlocutor. A conjunção “se” das CCIs adversativas retrata, então, uma postura epistêmica diferente das condicionais canônicas.

Um outro parâmetro proposto por Dancygier (1998) é a *capacidade de predição*. A predição diz respeito à capacidade do falante em utilizar as condicionais para realizar projeções de possibilidades futuras. Ainda que a autora reconheça a existência de condicionais não preditivas, a própria definição desse parâmetro indica, prontamente, que as CCIs adversativas não apresentam esse traço. Uma das funções da construção analisada neste trabalho é contradizer uma informação. Para isso, constrói-se uma declaração imediata, precisa e objetiva, como pôde ser observado em (58). Logo, criar predições ou conduzir impressões subjetivas não está entre os traços das CCIs adversativas.

O quarto parâmetro previsto por Dancygier (1998) diz respeito à criação de *espaços mentais*. Os espaços mentais são locais projetados pela mente humana à medida que o discurso se desenvolve para que o sentido condicional se configure. Nas construções condicionais, a conjunção é geralmente considerada como a principal construtora desses espaços, pois desencadeia a criação mental de um espaço mental hipotético²⁸. Essa conjunção, localizada na prótase, realiza uma projeção hipotética na apódose. Esse parâmetro, então, pressupõe a existência de uma relação cognitiva entre prótase e apódose, o que impede a análise das CCIs adversativas por esse parâmetro, pois essas construções são sintaticamente independentes e não denotam sentidos hipotéticos.

Finalmente, o último parâmetro de Dancygier (1998), a *causalidade* entre prótase e apódose, também não pode ser atribuída às CCIs adversativas. Esse parâmetro, em primeiro lugar, supõe a existência de uma prótase e uma apódose, em que a verdade da proposição da prótase causa a verdade da apódose. As CCIs adversativas são independentes sintaticamente,

²⁸ Admite-se que, em outros casos, o tempo e o modo verbal da prótase atuam como construtores principais de espaços mentais (FERRARI, 2001). Por isso, é imprescindível analisar as partes de uma construção de forma integrada, como propõe o modelo teórico construcional adotado neste presente trabalho.

e, por tal razão, não há duas orações correlacionadas. Sendo assim, a própria definição desse parâmetro exclui as CCIs adversativas de seu escopo.

Ante o exposto, constata-se que, embora as CCIs adversativas apresentem a conjunção condicional “se”, já não podem ser analisadas como estritamente condicionais. Para Schwenter (2016), isso ocorre porque essa conjunção se tornou um conectivo discursivo com funções diversas das condicionais prototípicas. O sentido adversativo característico dessas estruturas é então apreendido pela correlação de seus traços formais e funcionais. Desse modo, é a partir da adoção da perspectiva construcional que se chega à descrição das características das CCIs adversativas, consideradas neste trabalho como um pareamento convencionalizado de forma e função.

Do ponto de vista formal, sabe-se que a CCI adversativa não admite verbos no modo subjuntivo. Segundo Givón (1995), o modo subjuntivo demarca incerteza e conseqüentemente contribui para o estabelecimento de não facticidade. Enquanto o “se” nas construções condicionais subordinadas aceita de maneira não exclusiva o modo subjuntivo, na CCI adversativa há uma restrição ao modo indicativo. Nas outras CCIs, como descrito na seção anterior, o modo subjuntivo também é admitido e pode colaborar para a expressão de significados mais polidos. Portanto, o que difere as CCIs adversativas dos outros tipos de CCIs e das prótases condicionais é a especificidade do modo verbal dos verbos, além das peculiaridades funcionais e prosódicas.

Com base na proposta de Croft (2001), mostrada na figura 1, uma construção se estrutura pelo elo de correspondência simbólica de forma e significado, sendo a forma composta de propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas, enquanto o significado compreende propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais.

Dentre as propriedades formais, além da morfológica e sintática, foram apurados aspectos prosódicos das CCIs adversativas, atendendo a um dos principais objetivos deste trabalho. Como demonstrado na descrição prosódica, a hipótese de que essas CCIs apresentariam um contorno de entoação altamente regular não foi totalmente comprovado.

No espanhol, por outro lado, Montolío (1999) e Schwenter (2016) apontaram uma especificidade no padrão entoacional dessas construções (“*si*-oração independente” ou “*si*-oração de refutação”), o que foi mais tarde comprovado por Elvira-Garcia (2016). Na análise prosódica de construções desgarradas no PB e PE, Silvestre (2017) também não encontrou um padrão altamente estrito.

No presente estudo, observou-se que as CCIs adversativas quase sempre apresentam uma proeminência, que pode ser estabelecida pela articulação de tons agudos e pela trajetória

de modulação da curva, de forma variada e segundo a escolha do falante. Tal proeminência identificada nos aspectos prosódicos está associada aos aspectos semânticos, pragmáticos e discursivos dessas CCIs. Essas construções são essencialmente caracterizadas como estruturas de réplica, utilizadas para retificar uma informação declarada no ato de fala anterior. Por essa razão, apresentam uma proeminência na parte ou palavra do enunciado que mais explicita essa correção, a fim de chamar a atenção do interlocutor. Logo, os traços formais, inclusive o entoacional, se associam aos aspectos do significado dessa construção.

Em relação ao aspecto do significado, nota-se que a conjunção “se” se torna, nas CCIs adversativas, um elemento de suma importância, pois é a principal responsável pelo efeito de contra-argumentação e impolidez. No espanhol, Montolío (1999) realizou testes sobre as “construções independentes de refutação”, similares às CCIs adversativas, e atestou que a remoção dessa conjunção anula as propriedades do elo do significado dessas construções. No PB, Alves e Hirata-Vale (2020, 2021) chegaram às mesmas conclusões de Montolío (1999) e atribuíram a essa partícula “se” a responsabilidade de instaurar as características funcionais dessa construção.

Montolío (1999) e Alves e Hirata-Vale (2020) forneceram resultados suficientes que atestam a multidirecionalidade da construção em perspectiva construcional, representada por $[[F] \leftrightarrow [S]]$ ²⁹, em que *F* é a abreviação para a forma, *S* para o significado e as setas demonstram a multidirecionalidade. Logo, consoante à teoria da Gramática de Construção adotada por Langacker (2008) e Traugott e Trousdale (2013), nota-se que a especificidade de uma construção é estabelecida pela junção e multidirecionalidade de aspectos linguísticos.

Ainda sobre o elo do significado, vê-se que a propriedade semântica dessa construção é estabelecida pelo seu sentido adversativo/contrastivo. As especificidades pragmáticas e discursivas dessas construções as tornam distintas de construções adversativas prototípicas, encabeçadas por “mas”, por exemplo. A afirmação de Montolío (1999) a respeito da indispensável relação de simetria entre os interlocutores é justificada pelo caráter descortês e espontâneo dessas construções. Esse aspecto pragmático é o que difere, especificamente no elo do significado, CCIs adversativas de orações adversativas canônicas, o que pode ser também fundamentado pelo princípio de não sinonímia (GOLDBERG, 1995), discutido no Capítulo 3.

Com base nos aspectos formais e funcionais, as CCIs adversativas são consideradas *menos composicionais*. A composicionalidade é, então, um parâmetro identificado de uma

²⁹ $[[F] \leftrightarrow [M]]$ construction (whether micro- or schema level) (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

maneira mais abrangente, para além de um único elemento oracional. Nas palavras de Gonçalves e Oliveira (2020),

assumimos que o significado circunstancial expresso nos modificadores oracionais não está vinculado a um único componente da oração, ou seja, esse significado não é totalmente mapeado a partir dos componentes da oração; ao contrário, é resultado de processos inferenciais instaurados pela correlação de vários parâmetros semântico-pragmáticos que resultam na convencionalização de inferências e implicaturas diversas (GONÇALVES; OLIVEIRA, 2020, p. 110).

Pelos parâmetros de Dancygier (1998), atestou-se que as CCIs adversativas não são capazes de expressar significados condicionais. Isso acontece porque, diferente das orações condicionais, a conjunção “se” não é utilizada nas CCIs adversativas para correlacionar consequências ou qualquer outro tipo de relação entre duas orações, pois são essencialmente independentes. Distintivamente, nas CCIs adversativas, essa conjunção é a responsável por assinalar funções pragmáticas e discursivas específicas. Tanto é verdade que nos testes de Montolío (1999) e Alves e Hirata-Vale (2020), a retirada dessa conjunção não afetou o conteúdo proposicional dessas construções, mas anulou as propriedades semânticas, pragmáticas e funcionais dessas estruturas.

Outro aspecto que concorre com a não composicionalidade dessas construções está associado à restrição verbal. Apesar de algumas orações condicionais admitirem usos de verbos no modo indicativo (NEVES, 2000), as condicionais mais prototípicas preferem o modo subjuntivo. As CCIs adversativas, por outro lado, somente aceitam verbos que expressem factualidade, em concordância com o significado geral dessas estruturas e em oposição ao sentido hipotético presente nas condicionais canônicas. Assim, o aspecto verbal das CCIs adversativas estabelece relações com o significado dessas construções, ao passo que as torna menos composicionais por rejeitar sentidos e formas básicas de orações condicionais prototípicas.

Portanto, vê-se que a CCI adversativa não pode ser estudada analisando as suas subpartes de modo separado. O significado condicional intrínseco da conjunção “se” é enfraquecido devido aos outros elementos da oração, principalmente pela ausência da apódose e a natureza dos verbos. Nesse sentido, sendo uma construção menos composicional, o seu significado é então compreendido pela junção de todos os seus aspectos linguísticos, sem exclusão do prosódico.

Ao apresentarem função prosódica de proeminência, essas construções demonstram alta expressividade, pois o falante tenta atrair a atenção de seu interlocutor por meio da prosódia. Analisando conjuntamente todas as propriedades dessas construções, nota-se que

essa expressividade é demarcada pela descortesia e, por essa razão, o modo subjuntivo tampouco é admitido, pois é comumente utilizado em situações formais (Alves e Hirata-Vale, 2020).

Para encerrar a análise construcional das CCIs adversativas, resta proceder à avaliação dessas construções segundo os parâmetros de Langacker (2008) e Traugott e Trousdale (2013) restantes, que dizem respeito à generalidade/esquematicidade e produtividade.

No que diz respeito à esquematicidade, a análise das ocorrências dos *corpora* demonstra que as CCIs adversativas são *parcialmente esquemáticas*, pois uma de suas partes (*slot*) podem ser preenchidas. Tem-se, nessas construções, uma partícula introdutória, necessariamente contendo a conjunção “se” seguida de uma oração totalmente aberta. Essa oração aberta abarca verbos restritos ao modo indicativo e a conjunção “se” não pode ser removida.

Esse esquema que abarca, de modo geral, o “se” com valor contrastivo apresenta distintos subesquemas, com quatro possibilidades de preenchimento de *slots* que formam, no nível da microconstrução, uma CCI adversativa completa. Abaixo, encontra-se a representação desses quatro subesquemas, em que “j” representa a variável em relação às orações que podem formar parte desse esquema; “(V ind)” diz respeito à forma verbal no modo indicativo, caso as orações apresentem verbos; “Conj adver”, no segundo subesquema, representa o termo “conjunção adversativa” e “Pron inter” significa, no terceiro subesquema, “pronome interrogativo”; no quarto e último subesquema, “Interj” é a abreviação utilizada para “interjeição”:

[SE_ORAÇÃOj (Vind)]

[CONJ ADVER SE (ORAÇÃOj (Vind))]

[PRON inter SE_ ORAÇÃOj (Vind)]

[INTERJ_SE_ORAÇÃOj (Vind)]

O primeiro subesquema representa-se, no nível do construto, pelo seguinte dado:

- (59) — É saber muito e até demais! - Disse o tenente Gonçalo Pereira.
 — **Se eu sou fada!**
 (CdP/PB).

Nesse caso, a construção adversativa “se eu sou fada” é composta pelo elemento principal de uma CCI adversativa seguida de uma oração cujo verbo “ser” está flexionado no

modo indicativo. Esse dado representa, então, uma possibilidade de constituição de uma CCI adversativa a partir desse tipo de preenchimento de *slot*, ou seja, encabeçado somente pela conjunção “se” no nível da microconstrução.

Em relação ao segundo subesquema mencionado, [CONJ ADVER SE (ORAÇÃOj (Vind))], os dados apontaram que, no nível da microconstrução, esse subesquema sanciona as conjunções “mas” e “porém”, respectivamente, como exemplificado a seguir:

- (60) — Não é bonito, Ricardo...
 — **Mas se nós gostamos um do outro!**
 (CdP/PB).
- (61) — (...) Há de sê ele mesmo.
 — **Porém, se eu é que não quero mais!**
 (CdP/PB).

Como aludido no Capítulo 2, o uso da conjunção “porém” não é recorrente e em todos os *corpora* consultados foi encontrada uma única ocorrência dessa microconstrução (61). A baixa frequência de construtos (*tokens*) dessa microconstrução é justificada pelo caráter mais formal da conjunção “porém”, utilizada mais regularmente em textos escritos ou registros menos espontâneos.

No subesquema [PRON SE_ ORAÇÃOj (Vind)], foi constatado que as CCIs adversativas podem apresentar pronomes interrogativos em sua composição, antecedendo toda a construção. No nível da microconstrução, esse *slot* pode ser preenchido por “que”, “para que”, “como”, “por que” e “quem”, respectivamente exemplificados abaixo:

- (62) — Agora, à segunda parte, meu arquiteto mirim, vamos construir sete abrigos, duas choças, três cabanas, um rancho e, por último, casa fortaleza.
 — **O quê? Se não sei o que um é outro.**
 (CdP/PB).
- (63) — Demais, faço hoje anos, e é provável que os amigos repitam, o que têm feito nos anos anteriores... uma manifestação espontânea... Preciso mandar avisar alguns.
 — **Para quê? Se é espontânea...**
 (CdP/PB).
- (64) — Você acha impossível recuperá-la?
 — Acho. — E se nós tentássemos?
 — **Como? Se de hoje em diante só nos darão o direito de viver equilibrados!**
 (CdP/PB).
- (65) — Eu acho que ninguém gostou de champinhom aí não, tá
 — **Por quê? Se eu nem fiz nenhuma?**
 (C-Oral).
- (66) — Temos que falar, meu genro.

- São horas de abrir o cartório. Bem sabe, primeiro a obrigação, depois a devoção.
 —**Quem lhe impede? Se é mesmo por isso que venho.** (CdP/PB).

Identificou-se ainda que algumas CCIs adversativas eram antecedidas por interjeições. Logo, há um subesquema [INTERJ_SE_ORAÇÃOj (Vind)] que engloba essa classe de palavras, podendo ter seu *slot* preenchido, no nível da microconstrução, pela unidade “ora” e “ah”, como demonstrado a seguir:

- (67) —Quê! Pois ele lhe fez presente de todo o doce que recebeu do Norte?
 —**Ora! Se te estou a dizer!**
 (CdP/PB).
- (68) — Não tenho essa intenção.
 — Mas tenho eu. Hás de ficar.
 —**Ah! Se eu já mandei o criado tomar alojamento no Hotel de Bragança..**
 (CdP/PB).

A diferença entre esses subesquemas pôde também ser parcialmente verificada no nível prosódico. Nos subesquemas com conjunções adversativas e somente a conjunção condicional, não houve sinalização de algum comportamento entoacional específico. Ambos os subesquemas majoritariamente apresentaram construtos com uma marcação de proeminência final, circunscrita pela curva entoacional ascendente. A falta de singularização entoacional entre esses dois subesquemas pode ser explicada em perspectiva construcional e prosódica, de maneira correlacionada. Do ponto de vista construcional, “mas se” e “porém se” são considerados *chunks*. Segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 100) e Bybee (2010), a frequência repetitiva das mesmas palavras, sempre em uma mesma ordem, desencadeia um processo denominado *chunking*, criador de *chunks*. Os *chunks*, portanto, são sequências linguísticas compreendidas como uma única unidade semântica convencionalizada.

Como discutido no capítulo 2, Montolío (1999) observou a junção dessas duas conjunções em construções refutativas em espanhol (*pero si*) como resultado de um processo de gramaticalização. Por essa razão, não é possível trocar a ordem ou introduzir outra categoria gramatical entre o “pero si”. No PB, com base em Montolío, Alves e Hirata-Vale (2020) comprovaram a impossibilidade da troca de ordem das conjunções “mas”, “porém” e “se” nas CCIs adversativas, o que corrobora para a leitura de “mas se” e “porém se” como *chunks* em perspectiva construcional (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; BYBEE, 2010).

A interpretação de “mas se” e “porém se” como *chunks* é refletida no nível prosódico. Constatou-se que, na análise prosódica, essas construções constituem um único acento primário, sem pausa entre as conjunções. Por isso, no âmbito prosódico, esses dois *chunks*

formam palavras fonológicas. Assim sendo, não haveria uma diferença fonológica saliente no início dessas construções que propiciasse uma particularização em relação às construções encabeçadas somente por “se”. Consequentemente, esses dois subesquemas apresentaram curvas entoacionais muito semelhantes.

Distintamente, nos subesquemas com pronomes interrogativos e interjeições, há uma pausa inicial que propicia a demarcação da diferença prosódica desses subesquemas em relação aos subesquemas anteriores, ainda que isso não seja totalmente sistemático.

Nesses casos, a curva entoacional costuma apresentar uma proeminência inicial ascendente com finalização decrescente. Funcionando como reforçadores que anunciam a contradição que será dita a seguir, os pronomes interrogativos e interjeições atraem a força semântico-pragmática das CCI's adversativas, criando um relevo prosódico. Nota-se ainda que a esquematicidade identificada a partir do conjunto de ocorrências aponta a possibilidade de surgimento de novos *types* não identificados.

O terceiro subesquema, composto de pronomes interrogativos, pode sancionar mais pronomes interrogativos além dos encontrados, como “quanto” e “qual”. A escolha dos elementos dessa categoria, depende, no nível do construto, do material antecedente a ser refutado pelo falante.

De igual modo, o subesquema que compreende as interjeições pode apresentar uma grande diversidade e quantidade de *types*. As interjeições constituem uma classe de palavras autônomas (não exercem função sintática), cujo papel é chamar a atenção do interlocutor ou exprimir emoções. Por isso, apresentam formas muito variadas e que podem expressar muitos sentidos, como espanto, imposição, suspensão e outros significados compatíveis com as características das CCI's adversativas.

Acredita-se que, em relação ao subesquema que incorpora conjunções adversativas, haveria pouca possibilidade de emergência de outras conjunções, pois o “mas” é o representante mais prototípico e frequente da categoria das conjunções adversativas. A baixa frequência da conjunção adversativa “porém” nas CCI's adversativas fundamenta essa hipótese. Essa mesma explicação poderia ainda ser utilizada para prever a inviabilidade de ocorrências de *types* de CCI's adversativas com outras conjunções condicionais.

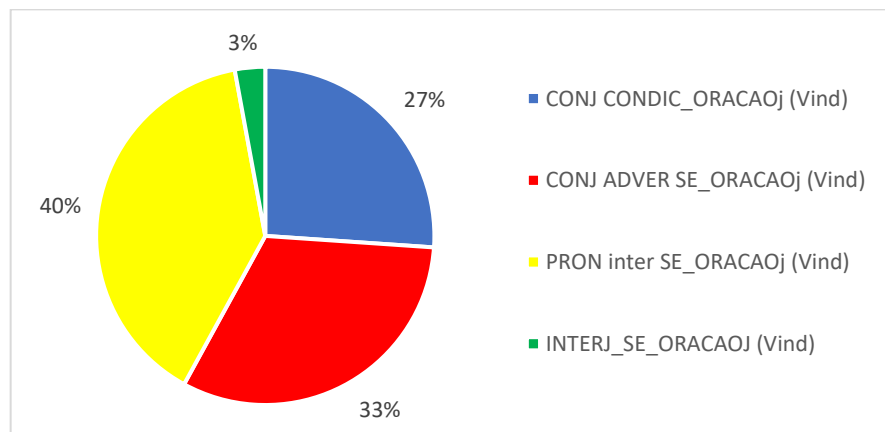
Pela análise prosódica, não foi possível determinar um tipo de padrão específico para cada subesquema identificado. Entretanto, verificou-se que os falantes buscam demarcar a função de proeminência por meio de distintas estratégias prosódicas. Em razão disso, entende-se que a prosódia atua no nível do construto, isto é, na instância do uso. Assim, dentre os recursos prosódicos disponíveis, os falantes escolhem o tipo de parâmetro

a ser utilizado para sinalizar a função de proeminência, criando *tokens* momentâneos (não convencionalizados).

A seguir, como último parâmetro a ser considerado, analisa-se a produtividade das CCIs adversativas em termos de frequência *type* e *token*. Nos *corpora* de dados consultados, destinados à análise construcional, foram encontrados 69 *tokens* de CCIs adversativas. O relativo baixo número de dados encontrados, como explicado anteriormente, é justificado pela especificidade contextual dessas construções, especialmente pela relação simétrica entre os interlocutores. Uma hipótese possível, que poderia ser atestada em trabalhos diacrônicos futuros, é se tal construção é recente, assim, o baixo número de *tokens* encontrado nos *corpora* também poderia ser explanado por esse viés.

Dos dados encontrados, 18 *tokens* pertencem ao subesquema [CONJ CONDIC_ORAÇÃOj (Vind)], (27%), 22 *tokens* ao [CONJ ADVER SE (ORAÇÃOj (Vind)], (33%), 27 *tokens* ao subesquema [PRON inter SE_ ORAÇÃOj (Vind)], (40%), e 2 *tokens* [INTERJ_SE_ORAÇÃOj (Vind)], (3%). Tais frequências podem ser visualizadas no gráfico a seguir:

Gráfico 3 – Representação gráfica da porcentagem de *tokens* por subesquema.



Fonte: Elaboração própria.

Com base no conjunto de *tokens* selecionados, observa-se que cada um dos subesquemas apresenta distintos números de *types*. O subesquema composto de conjunções adversativas apresenta 2 *types*, representados por “mas” e “porém”. O subesquema formado por pronomes interrogativos manifestou 5 *types*, mediante os elementos “que”, “para que”, “como”, “por que” e “quem”. Por fim, embora as interjeições sejam uma ampla classe de palavras, nos dados analisados foram identificados 2 *types* desse subesquema, representados

por “ah” e “ora”. Somados ao subesquema representado pela conjunção condicional “se”, no total, foram 10 *types* encontrados nos *corpora* consultados.

A frequência de uso desses 10 *types* está representada na tabela 2 abaixo, em quantidade exata e em porcentagem, com base no número total de construtos:

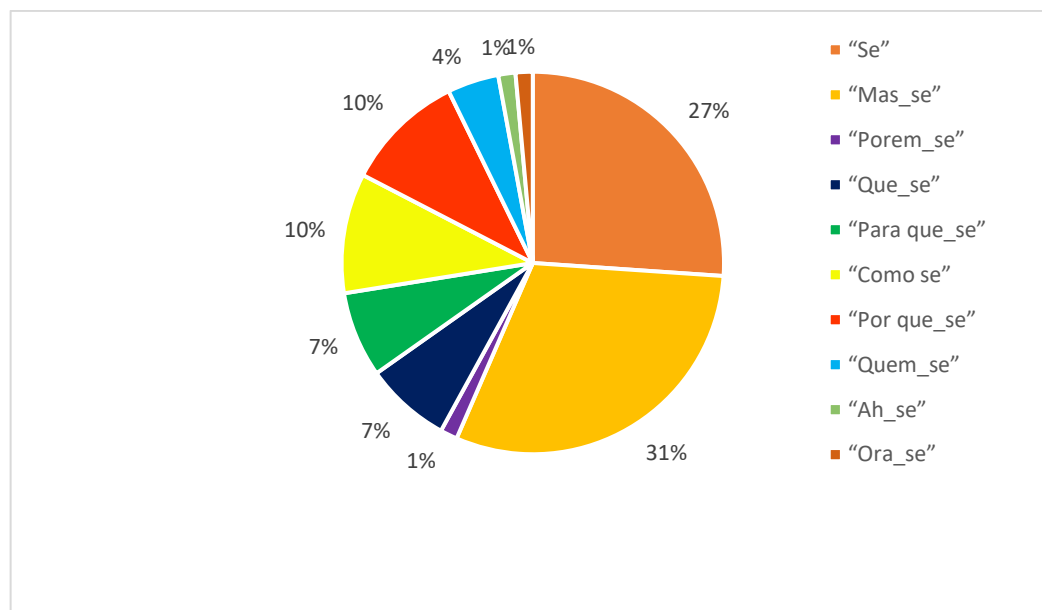
Tabela 2 – Frequência de uso dos *types* das CCIs adversativas.

“SE”	18 <i>tokens</i>
	27%
“MAS_SE”	21 <i>tokens</i>
	31%
“POREM_SE”	1 <i>token</i>
	1%
“QUE_SE”	5 <i>tokens</i>
	7%
“PARA QUE_SE”	5 <i>tokens</i>
	7%
“COMO_SE	7 <i>tokens</i>
	10%
“POR QUE_SE”	7 <i>tokens</i>
	10%
“QUEM_SE”	3 <i>tokens</i>
	4%
“AH_SE”	1 <i>token</i>
	1%
“ORA_SE”	1 <i>token</i>
	1%
	TOTAL: 69 <i>tokens</i>

Fonte: Elaboração própria.

A proporção da quantidade e frequência *type* identificada nos *corpora* pode ser mais bem visualizada no gráfico seguinte:

Gráfico 4 – Representação gráfica da Frequência de uso dos *types* das CCI's adversativas.



Fonte: Elaboração própria.

Nota-se que o subesquema mais produtivo, em termos de *types*, é o subesquema que sanciona pronomes interrogativos. Desses *types*, os mais recorrentes são constituídos pelos pronomes “como” e “por que”. Acredita-se que a alta produtividade não só desses *types*, mas do subesquema em questão, esteja relacionada à expressão de contestação/contrargumentação inerente a esses elementos. Os pronomes interrogativos são ferramentas linguísticas capazes de indagar o interlocutor de maneira explícita e direta. Assim, são elementos muito úteis em situações de contra-argumentação, nas quais se usam as CCI adversativas.

Em perspectiva construcional, Traugott e Trousdale (2013) afirmam que a produtividade é intrinsecamente associada à composicionalidade e esquematicidade, pois a convencionalização de uma estrutura depende da frequência de uso. Desse modo, a alta produtividade do subesquema composto por pronomes interrogativos justifica a expansão dessa categoria no aspecto esquemático das CCI's adversativas, em que novos *types* (pronomes interrogativos) podem, mais facilmente, se integrarem a essas construções. Além disso, a produtividade desse subesquema, no âmbito prosódico, esclarece a maior regularidade (ou menor variação) da curva entoacional nesses casos.

Apesar de a frequência *token* das CCI's adversativas não ser elevada por razões já elencadas, a frequência *type* dessas construções permite afirmar que tais construções são produtivas em termos de *types* e, ao mesmo tempo, esquemáticas, posto que novos *types* podem formar parte dessa rede a partir dos subesquemas identificados.

Pela análise construcional desenvolvida nesta seção, nota-se a especificidade formal e funcional das CCIs adversativas e, ao mesmo tempo, a relevância da entoação para essa especificação. Nessas estruturas, a conjunção condicional “se” não instaura sentidos hipotéticos ou essencialmente condicionais, porque os aspectos sintático (independência), morfológico (modo indicativo) e entoacional (marcação de proeminência), de forma integrada, corroboram para a instauração do sentido adversativo. Portanto, o aspecto da entoação contribui para a não composicionalidade dessas construções.

Na análise prosódica, o subesquema composto por pronomes interrogativos revelou-se mais regular quanto ao tipo de curva entoacional. Esse mesmo subesquema, na análise construcional, foi identificado como o mais produtivo. Dado que o modelo teórico construcional (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) reconhece a ligação entre a produtividade e a regularidade de uma construção, depreende-se que a normatização entoacional desse subesquema é resultado de sua produtividade.

Em relação à esquematicidade dessas construções, os *types* com reforçadores pragmáticos e o *chunk* formado por “mas se” igualmente apontaram padrões entoacionais associados às suas características próprias, isto é, presença (reforçadores) ou ausência (“mas se”) de uma pequena pausa prosódica silenciosa que modifica o percurso da curva entoacional.

Isso posto, percebe-se que a entoação afeta diretamente todas as características das CCIs adversativas e é um traço significativo para essas construções. Essas constatações particulares em relação às CCIs adversativas, de forma mais ampla, servem como indícios da importância da entoação e do nível prosódico em pesquisas sobre as estruturas linguísticas de modo geral.

No próximo capítulo, a fim de oferecer um desfecho para este trabalho, apresentam-se as principais conclusões dos resultados obtidos com base nas hipóteses apresentadas no capítulo 1. Do mesmo modo, também será discutido alguns aspectos relevantes identificados ao longo da análise, a serem explorados em trabalhos futuros.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos objetivos principais deste trabalho foi descrever sincronicamente as CCIs de valor adversativo em uma abordagem construcional da língua, compreendendo-as como um pareamento de forma e significado. Para isso, realizou-se uma busca em *corpora online* para obtenção de dados, realizando, em seguida, uma análise majoritariamente qualitativa guiada pela descrição dos parâmetros de composicionalidade, generalidade/esquematicidade e produtividade (LANCKAGER, 2008; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

As CCIs adversativas, que apresentam essencialmente a conjunção condicional “se” em seu aspecto formal, foram analisadas segundo os cinco parâmetros de Dancygier (1998): i) não assertividade; ii) postura epistêmica do falante; iii) possibilidade de predição; iv) espaços mentais; e v) causalidade não preenchida. Com base nesses parâmetros, foi possível comprovar que, embora o fenômeno ora estudado apresente necessariamente a conjunção condicional mais prototípica (“se”), não denota, indubitavelmente, um significado condicional.

Além dessa diferença semântica, essas construções sequer apresentam os mesmos aspectos formais relativos às orações condicionais subordinadas. Distintamente, as CCIs adversativas são autônomas e não dependem de uma apódose, portanto, são denominadas e tratadas no presente estudo como “insubordinadas” (EVANS, 2007).

Ainda no âmbito formal, enquanto o modo subjuntivo é muito empregado em condicionais prototípicas devido à natureza hipotética manifestada nesses verbos, nas CCIs adversativas, pelas mesmas razões, esse modo verbal é rechaçado. Nessas construções insubordinadas, o conteúdo proposicional é construído de forma factual e impositiva. Sendo assim, o modo indicativo é o verbo requisitado por essas estruturas, pois é originalmente reconhecido por indicar ações verossímeis e reais.

A curva entoacional das CCIs adversativas e prótases condicionais também expressaram diferenças, somando mais um aspecto formal de distinção entre esses dois tipos de construções. A observação da forma da curva entoacional utilizada especificamente em CCIs adversativas apontou ainda uma relevante função prosódica associada à semântica e pragmática.

Tais construções apresentam predominantemente uma proeminência demarcada de diferentes formas pelo tipo de trajetória da curva entoacional ou pelo tom agudo. A proeminência é um recurso prosódico utilizado com a finalidade de chamar a atenção do interlocutor. Considerando que as CCIs adversativas refutam e corrigem uma informação do

ato de fala anterior, a proeminência prosódica circunscreve, então, a característica contrastiva (e retificadora) dessas construções.

A proeminência prosódica identificada nessas construções é, ainda, um aspecto diferenciador entre essas estruturas e as “desgarradas totais” (SILVESTRE, 2017) encabeçadas por “se”, as quais Hirata-Vale (2015) denomina “CCIs”. Silvestre (2017) constatou que as construções desgarradas no PB, de modo geral, apresentam um contorno final ascendente. Nas CCIs adversativas, esse padrão também foi identificado em algumas falas, porém, mostrou-se predominantemente associado à função prosódica de proeminência.

Explorando essas propriedades da forma e do significado, conclui-se que uma das características das CCIs adversativas é a sua *não composicionalidade*. Isso significa que o significado adversativo dessas construções não é completamente mapeado pelas subpartes dessa construção. Embora a construção “se”, em um primeiro momento, sinalize ao interlocutor a ideia de uma hipótese, a flexão verbal no modo indicativo, ao lado de contornos entoacionais distintos, mas que assinalam proeminência e completude sintática e semântica, demonstra a factualidade, descortesia e autonomia dessas construções. Logo, é a união de todos esses aspectos que torna as CCIs adversativas um tipo de pareamento específico de forma e significado não composicionais, resultante de processos inferenciais e convencionalizados, como afirmam Schwenter (1999) e Evans (2007), este, para construções insubordinadas de modo geral. Considera-se, portanto, com base em Goldberg (2006) e Traugott e Trousdale (2013), que o significado adversativo e descortês dessas construções não emerge da composicionalidade de suas subpartes, mas de uma convencionalização fixada na língua pela repetição dessa sequência. Desse modo, podem ser consideradas, por um lado, construções menos composicionais e mais produtivas e esquemáticas.

Em relação à *esquematicidade*, foram encontrados quatro tipos de subesquemas com preenchimento de *slots* específicos. Em todos eles, a conjunção “se” é obrigatória, sem a possibilidade de troca, seguida, a depender da escolha do falante, da conjunção adversativa, preferencialmente o “mas”, interjeições ou pronomes interrogativos. Logo, essas construções são consideradas parcialmente esquemáticas, visto que apresentam uma parte e posição fixa, isto é, a conjunção condicional deve encabeçar o conteúdo proposicional, enquanto os elementos reforçadores são utilizados antes do “se”. Os aspectos formais elencados são altamente regulares, portanto, atuam nos níveis mais esquemáticos, isto é, subesquemas e microconstruções.

A prosódia, por outro lado, demonstrou variações, não sendo possível atestar a existência de um único tipo de padrão entoacional específico. Constatou-se que a grande

maioria dos falantes buscaram demarcar prosodicamente a função de foco contrastivo (proeminência) mediante uma variedade de estratégias de contornos entoacionais.

Tendo em vista que essa função prosódica se inter-relaciona principalmente com a pragmática, conclui-se que, enquanto os outros aspectos formais atuam no nível do esquema, subesquema e da microconstrução, a prosódia opera no nível do construto, o qual expressa, segundo Traugott e Trousdale (2013), muita informação pragmática. Desse modo, sendo os construtos os níveis de instâncias efetivas do uso linguístico utilizados para propósitos comunicativos específicos, o falante escolhe, por intermédio dos recursos prosódicos disponíveis, a maneira pela qual irá destacar a CCI adversativa durante a interação linguística. Portanto, a prosódia pode criar *tokens* momentâneos dessas construções, com gradação das características pragmáticas. Isto é, o falante pode controlar a intensidade, o grau de expressividade e o tipo de estratégia prosódica para tal.

Ainda sobre a esquematicidade, as análises mostraram que a entoação demarca diferenças entre os *types* das CCIs adversativas. Nos subesquemas compostos por interjeições e pronomes interrogativos, a curva entoacional apresenta majoritariamente uma proeminência inicial e uma finalização decrescente.

Apesar de a conjunção adversativa “mas” ser considerada um tipo de reforçador pragmático nessas construções, forma um *chunk* e uma palavra fonológica com a conjunção “se”, sem pausa prosódica. Por isso, os subesquemas formados por reforçadores que apresentam uma pausa inicial, isto é, interjeições e pronomes interrogativos, apresentam comportamento entoacional distinto, pois a pausa inicial permite uma expressão isolada e mais acentuada dos efeitos prosódicos.

A *produtividade* está intimamente associada aos parâmetros da composicionalidade e esquematicidade, pois a repetição de uma sequência colabora para a convencionalização e generalização das propriedades de uma construção. Tanto é verdade que esse parâmetro explica as razões pelas quais, na análise prosódica, a curva entoacional das construções antecedidas por pronomes interrogativos se mostrou mais regular em comparação com as construções sem reforçadores. Sabe-se que a convencionalização de um elemento depende de sua repetição em uma comunidade falante, assim, a maior frequência de uso de CCIs adversativas com reforçadores interrogativos explica a sua maior regularidade no nível prosódico.

Logo, seguindo os preceitos de Lanckager (2008) e Trougott e Trousdale (2013), a produtividade das CCIs adversativas também foi descrita. Para este fim, foram observadas quantitativamente as frequências *type* e *token* dessas construções (TRAUGOTT;

TROUSDALE, 2013). Em termos de *token*, as CCIs adversativas não são amplamente usadas, pois a sua alta especificidade extralinguística dificulta a realização dessas ocorrências em *corpora*. Por outro lado, notou-se que os subsquemas identificados instauram um número considerado de *types*, o que atesta a alta produtividade das CCIs adversativas pela extensibilidade dessas construções. Conclui-se que as CCIs adversativas são parcialmente esquemáticas, não composicionais e produtivas. A análise construcional possibilitou compreender que o sentido adversativo expresso por essas CCIs é resultado do pareamento de propriedades formais e funcionais que operam e se relacionam mutuamente. Neste trabalho, a propriedade entoacional dessas construções recebeu uma maior atenção.

Pela análise da curva entoacional, foi constatado que as CCIs adversativas apresentaram variedades que impediram a afirmação da existência de um contorno entoacional específico. Como exposto, as distintas estratégias prosódicas utilizadas assinalavam uma função de foco contrastivo, demarcada ora pelo tom agudo, ora pela trajetória da curva de entoação. Para se chegar a este resultado, criou-se *corpora ad hoc* composto de gravações de áudio de CCIs adversativas e prótases condicionais de mesma estrutura lexical. Desses áudios, foram extraídas as curvas de entoação de ambos os tipos de construções em um domínio comparável.

Ao perceber uma maior estabilidade das características entoacionais nos *types* de CCIs adversativas que integravam pronomes interrogativos e interjeições, construiu-se um novo *corpus* formado por esses *types*, seguindo a mesma estrutura lexical dos outros *corpora*. Essa escolha metodológica propiciou, além de uma descrição das CCIs adversativas, uma comparação entre a curva entoacional das prótases condicionais e das CCIs adversativas com reforçadores (interjeições e pronomes interrogativos) e sem reforçadores.

A curva de entoação das prótases condicionais e CCIs adversativas mostrou-se muito variável. Esse resultado difere das conclusões de Elvira-Garcia (2016) e se assemelha ao que concluiu Silvestre (2017) em sua análise prosódica de construções desgarradas no PB e PE. No trabalho de Silvestre (2017), as orações subordinadas tampouco apresentaram um padrão entoacional regular, ainda que estudos descritivos no PB tenham assinalado que essas orações apresentam o chamado *continuation rise* (FROTA; VIGÁRIO, 2020). Isso reforça a conclusão anterior de que a prosódia disponibiliza vários recursos para assinalar funções similares, incluindo construções mais gramaticalizadas, como as prótases condicionais.

Por meio da comparação entre esses dois tipos de construções, verificou-se que as CCIs adversativas e as prótases condicionais se diferenciam pela entoação. Logo, nos casos em que ambas as construções apresentem conteúdo lexical idêntico, a prosódia é, de fato, o

único elemento de distinção entre essas duas construções. A partir da comparação com a descrição prosódica de Silvestre (2017), neste trabalho certificou-se que as CCIs adversativas têm uma curva de entoação distinta de outros tipos de CCIs, pois as propriedades formais e funcionais dessas estruturas contrastivas são mais específicas e marcadas.

Admite-se que, embora muito produtiva para o português, a entoação é apenas um dos aspectos prosódicos. Desse modo, para pesquisas futuras, explicita-se a necessidade de uma continuação deste estudo acerca de outros parâmetros, especialmente a duração. Com a introdução de pronomes interrogativos e interjeições no segundo grupo de CCIs adversativas analisadas (gráfico 2), algumas diferenças prosódicas, além da entoação, mostraram-se mais acentuadas, como a duração da última palavra prosódica.

A partir de uma análise oitiva, percebeu-se que as CCIs adversativas encabeçadas por pronomes interrogativos ou interjeições apresentam uma duração menor enquanto nos outros dois *types*, a duração relevou-se maior. Considerando que a duração também é um aspecto prosódico que pode ser usado para demarcar proeminência (BARBOSA, 2019), essa constatação pode revelar que, nas CCIs com reforçadores, a duração é menor em decorrência de uma proeminência inicial já demarcada. Nos outros casos, a duração da palavra prosódica final é maior para demarcar, juntamente com um contorno final ascendente, a proeminência prosódica. Além disso, na análise realizada por Silvestre (2017) sobre as orações desgarradas, a duração foi apontada como a pista prosódica mais significativa para especificar essas orações do ponto de vista fonológico.

Consequentemente, considera-se que uma pesquisa sobre esse parâmetro, pautada em uma metodologia minuciosa e específica, é muito pertinente, pois assim seria possível atestar (ou não) a apuração prévia realizada no presente estudo acerca da duração, apontar novos *types* dessas construções ou, ainda, evidenciar outros aspectos da esquematicidade e composicionalidade desse fenômeno linguístico. Poderiam, ainda, confirmar se, ao contrário do espanhol (ELVIRA-GARCIA, 2016), a duração é um aspecto elementar para a caracterização prosódica dessas estruturas, como indicou Silvestre (2017) para as orações desgarradas.

Do mesmo modo, a variação entoacional identificada neste estudo poderia ser explanada pelas características heterogêneas dos voluntários. Elvira-Garcia (2016), no espanhol, considerou a naturalidade dos informantes para descrever e categorizar a entoação das construções insubordinadas. Esse traço, bem como o gênero e a idade, poderia apontar alguma relação com certos padrões entoativos identificados nesta pesquisa.

No âmbito da percepção prosódica, a realização de testes seria relevante para atestar se os comportamentos entoacionais identificados nas CCI's adversativas apresentam um correlato perceptivo. Esse tipo de estudo, então, evidenciaria se os ouvintes percebem a demarcação de proeminência nessas construções e se as reconhecem como estruturas sintaticamente independentes.

Especificamente sobre as CCI's adversativas no PB, este trabalho é identificado como pioneiro no tratamento prosódico desse fenômeno, sem deixar de reconhecer os limites impostos pelo tipo de recorte realizado. Entretanto, por meio da análise entoacional, a importância do nível prosódico, de um modo mais amplo, pôde ser certificada, pois esta pesquisa inaugural identificou outros aspectos prosódicos a serem explorados e, com igualdade, demonstrou como a entoação caracteriza as CCI's adversativas.

Essa caracterização ocorreu de maneira interligada, revelando a mútua correspondência entre a entoação e os outros níveis linguísticos. Portanto, demonstrou-se que o sentido adversativo dessas CCI's depende da correlação das propriedades formais e funcionais, as quais, integradas e sem resquícios hierárquicos, contribuem para a leitura contrastiva e descortês dessas CCI's.

Embora as CCI's adversativas possam apresentar-se lexicalmente idênticas às prótases condicionais subordinadas, a entoação é uma propriedade que identifica sintática e semanticamente cada uma dessas estruturas de forma precisa. Isso posto, confirma-se a hipótese inicial de que a entoação é capaz esclarecer as possíveis ambiguidades em outros níveis linguísticos e revela, como demonstrado neste trabalho, aspectos que colaboram para a compreensão e especificação das construções gramaticais.

Desse modo, acredita-se que este trabalho tenha contribuído para disseminar o significativo papel da prosódia na análise das construções, sobretudo em estudos guiados pela perspectiva construcional, a qual reconhece, essencialmente, a correlação dos níveis linguísticos.

Tendo em vista que a incorporação da prosódia ainda é diminuta em pesquisas fundamentadas nesse marco teórico, espera-se que o presente estudo, ao fazer parte dessa minoria, sirva como evidência e motive a inclusão do nível fonológico nas descrições de base cognitivo-funcional, tornando-as mais completas e mais próximas do que se entende por pareamento de forma (propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas) e significado (propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais).

REFERÊNCIAS

ALMELA, R. El si introductor de oraciones independientes. **Lingüística Española Actual**, v. 7, n. 1, p. 5-13, 1985.

ALVES, C. P.; HIRATA-VALE, F. B. de M. **Construções condicionais in subordinadas adversativas: uma análise descritiva no português do Brasil**. Relatório (Iniciação Científica) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, [FAPESP, Processo n. 2017/15225-9], 2020.

_____. Construções condicionais in subordinadas adversativas no português brasileiro. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), v. 50, n. 2, p. 504–522, 2021.

ARANTES, P. Time-normalization of fundamental frequency contours: a hands-on tutorial. In A. R. Meireles (Ed.). **Courses on Speech Prosody**. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2015, p. 98-123, 2015.

_____. parantes/time-normalized-f0: Version 2.0 of time-normalized-f0 Praat script (v2.0). **Zenodo**, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.5281/zenodo.4489748>>. Acesso em: 13 dezembro 2021.

BARBOSA, P. A. **Prosódia**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

_____; MADUREIRA, S. **Manual de fonética acústica experimental: aplicações a dados do português**. São Paulo: Cortez, 2015.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BYBEE, J. Mechanisms of Change in Grammaticization. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (org.). **A Handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003.

_____. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____. **Língua, uso e cognição**. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

_____. Mechanisms of Change in Grammaticization. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (org.). **A Handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003.

CONTRERAS, L. Oraciones interrogativas con si. **Boletín de Filología de la Universidad de Chile**, v. 6, p. 67-87, 1956.

CROFT, W. **Radical construction grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DA CUNHA, C. A. R.; OLIVEIRA, K. A. S. Estudo contrastivo dos pronomes pessoais sujeito e dos pronomes complemento em português e espanhol. In: **Revista (Entre Parênteses)**, v. 2, n. 5, p. 1-28, 2016.

DANCYGIER, B. **Conditionals and predication**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

_____; SWEETSER, E. **Mental spaces in grammar: conditional constructions**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

DEBAISIEUX, J. M.; DEULOFEU, P. H. J. Apparent insubordination as discourse patterns in French. In: BEIJERING K.; KALTENBÖCK, G.; SANSIÑENA, M. (Eds.). **Insubordination: Theoretical and Empirical Issues**. Berlin, Boston: De Gruyter, 2019, p. 349-383.

DECAT, M. B. N. **"Leite com manga, morre!"**: da hipotaxe adverbial no português em uso. 1993. 287 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas - LAEL). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1993.

_____. **Uma abordagem funcionalista da hipotaxe adverbial em português**. Revista SériEncontros (Descrição do Português: abordagens funcionalistas), ano XVI, n.1, Araraquara, SP: UNESP, 1999, p. 299-318.

_____. **Estruturas desgarradas em língua portuguesa**. Campinas: Pontes, 2011.

D'HERTEFELT, S. **Insubordination in six Germanic languages**. PhD Thesis. Katholieke Universiteit Leuven. 2015.

_____; VERSTRAETE, J. C. Independent complement constructions in Swedish and Danish: Insubordination or dependency shift. **Journal of Pragmatics**, v.60, p. 89- 102, 2014.

ELVIRA-GARCÍA, E. **La prosodia de las construcciones insubordinadas conectivo-argumentativas en español**. 2016, 487 f. Tese (Doutorado em Linguística: Departament de Filologia Catalana i Lingüística General). Barcelona: Universitat de Barcelona, 2016.

_____; ROSEANO, P.; PLANAS, A. M. F. Prosody as a cue for syntactic dependency. Evidence from dependent and independent clauses with subordination marks in Spanish. **Journal of Pragmatics**, v. 109, p. 29–46, 2017.

_____. Two constructions, one syntactic form: Perceptual prosodic differences between elliptical and independent clauses in Spanish. In: BEIJERING K.; KALTENBÖCK, G.; SANSIÑENA, M. S. (Eds.). **Insubordination: Theoretical and Empirical Issues**. Berlin, Boston: De Gruyter, 2019, p. 240-264.

EVANS, N. Insubordination and its uses. In: NIKOLAEVA, I. (Ed.). **Finiteness. Theoretical and Empirical Foundations**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 366-431.

FAUCONNIER, G. **Mental spaces**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FERRARI, L. V. **Postura epistêmica, ponto de vista e mesclagem em construções condicionais na interação conversacional**. Veredas, v. 3, n.1: 115-121, 1999.

_____. Construções Gramaticais e a Gramática das Construções Condicionais. In: **Scripta**, Belo Horizonte, v.5, n. 9. p.143-150, 2001.

FILLMORE, C. J. Frames and the semantics of understanding. **Quaderni di Semantica**, v. 6, n.2, p. 222-54, 1985.

_____. Epistemic stance and grammatical form in English conditional sentences. In: ZIOLKOWSKI, M.; NOSKE, M.; DEATON, K. (Orgs.). **Papers from the 26th Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society**. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1990, p. 137-162.

FRAZIER, L.; CARLSON, K.; CLIFTON, C. Prosodic phrasing is central to language comprehension. **Trends in Cognitive Sciences**, v. 10, n. 6, p, 244- 249, 2006

FROTA, S. The intonational phonology of European Portuguese. In: SUN-AH J. (ed.). **Prosodic Typology II**. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 6-42.

_____; VIGÁRIO, M. **Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB**. In: RUI V. C.; PILAR B. (eds.). Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, v. 1. Coimbra: APL, p. 533-555, 2000.

FURTADO DA CUNHA, M. A. A linguística centrada no uso (ou linguística cognitivo funcional). In: SOUZA, M. et al. (orgs.) **Sintaxe em Foco**. Recife: PPGL/UFPE, p. 29-49, 2012.

_____; SILVA, J. R.; BISPO, E. B. O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais. **Revista Linguística**. Rio de Janeiro, volume especial, 2016, p. 55-67.

GARACHANA C. M; HILFERTY, J ¿Gramática sin construcciones? **Verba**, v. 32, p. 385–396, 2005.

GIVÓN, T. **On Understanding Grammar**. New York: Academic Press, 1979.

_____. Modal Prototypes of Truth and Action. In: _____. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Publishing Company, 1995.

GOLDBERG, A. **Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. **Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language**, Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLÇALVES, S. C. L.; OLIVEIRA T. P. Por uma abordagem de construções complexas em perspectiva construcional. **Working Papers em Linguística**. Florianópolis: v. 21, n. 1, p. 102-127, 2020.

GRAS, P. **Gramática de construcciones en interacción. Propuesta de un modelo y aplicación al análisis de estructuras independientes con marcas de subordinación en español**. 2011. 545 f. Tese. (Doutorado em Linguística) Barcelona: Universidade de

Barcelona. 2011. Disponível em: <<http://www.tesisenred.net/handle/10803/1716>>. (Acesso em 28.mar.2021).

HALLIDAY, M. **An introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold Publishers, 1985.

HARDER, P. **Functional Semantics: A Theory of Meaning, Structure and Tense in English**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1996.

HAYES, B. **Introductory Phonology**. West Sussex, United Kingdom: BlackWell Publishing, 2009.

HILPERT, M. **Construction Grammar and its Application to English**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HIRATA-VALE, F. B. M. **A expressão da condicionalidade no português escrito do Brasil: contínuo semântico-pragmático**. 2005. 158 f. Tese. (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras – Unesp, 2005.

_____. **O processo de insubordinação nas construções condicionais do português do Brasil**. Relatório Científico de Estágio Pós-Doutoral. Katholiek Universiteit Leuven, Leuven, Bélgica, 2015.

_____. Construções completivas insubordinadas subjetivas-modais no português brasileiro. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), v. 49, n. 1, p. 297–311, 2020.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

KALTENBÖCK, G. **On insubordination: form, function and Origin of insubordinate if clauses**. Paper presented at the workshop “Outside the clause: Form and function of Extraclausal constituents”, 2014. Disponível em: <https://otcworkshop.univie.ac.at/fileadmin/user_upload/p_otc_workshop/Finalised_abstracts/Kaltenboeck_-_On_insubordination.pdf>. Acesso em: 11 novembro 2022.

KENEDY, E.; MARTELOTTA, M. E. T. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. T. (Orgs.). **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A /Faperj, 2003, p. 17-28.

KORTMANN, B. **Adverbial subordination: a typology and history of adverbial subordinators based on European languages**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1996.

LAKOFF, G. **Women, Fire and Dangerous Things: What categories reveal about the mind**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar: Theoretical Prerequisites**, v. 1. Stanford: Stanford University Press, 1987.

_____. Construction Grammars: Cognitive, radical, and less so. In: IBANEZ, R. M.; FRANCISCO J.; CERVEL S. P. (Eds.). **Cognitive Linguistics: Internal Dynamics and Interdisciplinary Interaction**. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 101-159, 2005.

_____. **Cognitive Grammar: A Basic Introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (Eds.) **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 1988. p. 181-225.

LOPES, A. C. M. Contributos para o estudo de construções condicionais não canónicas no PEC. **Diacrítica**, 23.1, 2009, pp. 149-170.

MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. A. The structure of discourse and subordination. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (Eds.). **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins, p. 275-329, 1988.

MITHUN, M. The extension of dependency beyond the sentence. **Language**, v. 84, n. 1, 2008, p. 69- 119.

MONTOLÍO, E. ¿Si nunca he dicho que estuviera enamorada de él! Sobre construcciones independientes introducidas por si con valor replicativo. In: **Oralia: análisis del discurso oral 2**. Madrid: Arco/Libros, p. 37-70, 1999.

NEVES, M. H. M. As construções condicionais. In: _____ (Org.). **Gramática do Português Falado**. 1ed. Campinas: Editora da Unicamp/ Fapesp, p. 497-544, 1999.

_____. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **A gramática. História, teoria e análise, ensino**. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

OLIVEIRA, M. R. Gramaticalização de construções como tendência atual dos estudos funcionalistas. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), v. 42, p. 148-162, 2013.

_____.; ROSARIO, I. C. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016.

RASO, T.; MELLO, H. (orgs). **C-Oral Brasil I – corpus de referência do português brasileiro falado informal**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

ROSÁRIO, I. C; Interview with Graeme Trousdale. **Soletras Revista**, Rio de Janeiro, n. 37, p. 10-19, 2019.

SANSIÑENA, M. S. **The multiple functional load of que. An interactional approach to insubordinate complement clauses in Spanish**. 2015, 307 f. Tese (Doutorado em Linguística). Leuven: Katholieke Universiteit Leuven, 2015.

_____.; DE SMET, H.; CORNILLIE, B. Between subordinate and insubordinate. Paths towards complementizer-initial main clauses. **Journal of Pragmatics**, v. 77, p. 3-9, 2015.

SECO, M. R. La lengua coloquial: Entre visillos. IN: GAITE, Carmen. **El comentario de textos**. Espanha: Castalia, 1973.

SCHWENTER, S. A. The pragmatics of independent si-clauses in Spanish. **Hispanic Linguistics**, v. 8, p. 316-351, 1996.

_____. **Pragmatics of conditional marking**: implicature, scalarity and exclusivity. New York: Garland, 1999.

_____. Expectations and (in)sufficiency: Spanish como-conditionals. **Linguistics**. Walter de Gruyter, v. 39. p. 733-60, 2001.

_____. Independent si-Clauses in Spanish: Functions and Consequences for Insubordination. In: EVANS, N.; WATANABE, H. (Eds.) **Dynamics of Insubordination**. Amsterdam: Benjamins, 2016.

SILVESTRE, A. P. S. “Se eu pudesse e se o meu dinheiro desse...”: Prosódia e Desgarramento no PB e no PE. 2017. 201 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, 2017.

STASSI-SÉ, J. C. **Subordinação Discursiva no Português à luz da Gramática Discursivo-Funcional**. 2012. 194 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2012.

SWEETSER, E. **From etymology to pragmatics**: metaphorical and cultural aspects of semantic structure. New York: Cambridge University Press, 1990.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Construcional Change**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

_____. The grammaticalization of NP of NP constructions. In: BERGS, A.; DIEWALD, G. (Eds.). **Constructions and Language Change**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008, p. 21-43.

VALLAURI, E. L. Grammaticalization of syntactic incompleteness: free conditionals in Italian and other languages. **Sky Journal of Linguistics** (The Linguistic Association of Finland), v. 17, p. 189-215, 2004.

_____. Free conditionals in discourse: the forming of a construction. **Linguisticae Investigationes**. John Benjamins Publishing Company, v. 33, n.1, p. 50-85, 2010.

_____. **Insubordinated Conditionals in Spoken and Non-Spoken Italian**. Trabalho apresentado no Symposium “Dynamics of Insubordination. 2012. Disponível em: <<http://lingdy.aacore.jp/en/activity/symposium-dynamics-of-insubordination.html>>. Acesso em: 29 outubro 2021.

VAN LINDEN, A.; VAN DE VELDE, F. (Semi-)autonomous subordination in Dutch: Structures and semantic-pragmatic values. **Journal of Pragmatics**, v. 60, p. 226-250, 2013.

VERSTRAETE, J. Two types of coordination in clause combining. **Lingua**, v. 115, p. 611-626, 2005.

_____. **Rethinking the coordinate-subordinate dichotomy:** Interpersonal grammar and the analysis of adverbial clauses in English (Topics in English Linguistics 55). Berlin: Mouton de Gruyter, 2007.

_____; D'HERTEFELT, S.; VAN LINDEN, A. A typology of complement insubordination in Dutch. *Studies in Language*. **Studies in Language**, v. 36, n. 1, 2012. p. 123-153.

WIETERSHEIM S. V.; FEATHERSTON, S. Does structural binding correlate with degrees of functional dependence? In: BEIJERING K.; KALTENBÖCK, G.; SANSIÑENA, M. (Eds.). **Insubordination: Theoretical and Empirical Issues**. Berlin, Boston: De Gruyter, 2019.

XU, Y. **Post-focus compression: Cross-linguistic distribution and historical origin**. The 17th International Congress of Phonetic Sciences, Hong Kong: p. 152-155, 2011.